

Paula Maria Saraiva da Silva

A PRÁXIS DE JESUS E SUAS CONSEQUÊNCIAS

AS ATITUDES DE JESUS
NA PERÍCOPE DO CEGO BARTIMEU – Mc 10,46-52

Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
Belo Horizonte
2011
Apoio PAPG - FAPEMIG

Paula Maria Saraiva da Silva

A PRÁXIS DE JESUS E SUAS CONSEQUÊNCIAS

AS ATITUDES DE JESUS
NA PERÍCOPE DO CEGO BARTIMEU – Mc 10,46-52

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Área: Teologia Sistemática

Orientador: Prof. Dr. Jaldemir Vitório

Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
Belo Horizonte
2011

SILVA, Paula Maria Saraiva da. *A Práxis de Jesus e suas Consequências: As atitudes de Jesus na perícopes do cego Bartimeu – Mc 10,46-52*. Dissertação de Mestrado. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Programa de Pós-Graduação em Teologia, área da Teologia Sistemática. Belo Horizonte, 2011.

Dissertação aprovada em 1 Abril 2011

Prof. Dr. Jaldemir Vitório (FAJE), orientador

Prof. Dr. Johan Konings, (FAJE), leitor

Prof. Dr. Geraldo Dondici Vieira (PUC Rio Janeiro), leitor

AGRADECIMENTOS

Ao Pe. Vitório que com paciência e sabedoria me acompanhou nesta jornada.

Ao Pe. José Luis, Coordenador Geral da Comunidade Shalom que me autorizou a aprofundar o conhecimento.

Às minhas irmãs da Comunidade Shalom Feminina, Jacqueline e Eliziane que generosamente abriram mão da minha presença junto a elas e me animaram desde o princípio deste projeto.

Aos professores da FAJE, com quem aprendi muito.

Aos meus amigos e colegas, pela troca de experiências, ideias, orações; muito em especial ao Dionicio Torres, Jonas Carvalho, Lúcio Marques, Maria dos Milagres (Mila), Miguel Contreras, Rita Gomes e Rosana Araujo pela constante presença, apoio e incentivo.

Aos funcionários da FAJE, especialmente à Vanda (biblioteca) que sempre se dispôs a ajudar e muito contribuiu para esta pesquisa.

À FAPEMIG, que colaborou financeiramente para que este estudo fosse possível.

À Lourdes, que me acolheu como a uma filha em sua casa.

À minha família, que mesmo longe, se fez sempre presente.

Resumo

Com este estudo, busca-se chamar a atenção do cristão sobre suas atitudes hoje, num mundo perpassado pelo individualismo, consumismo, barulho, em que tudo acontece a uma velocidade imensa. Para isso parte-se do evangelho de Marcos, especificamente da perícopa de Jesus e o cego Bartimeu (Mc 10,46-52), visando mostrar como as atitudes de Jesus, inerentes a essa perícopa, transformam a vida de Bartimeu e dos “muitos” que rodeiam Jesus. Nesse processo usa-se o método da análise narrativa por estar voltado para os recursos literários usados pelo narrador, tendo em vista o efeito que quer produzir nos leitores. Num primeiro momento, estudam-se os eixos e conteúdos do evangelho de Marcos, demonstrando que ele é uma catequese narrativa. Em seguida, explicita-se por que “ver” é uma exigência para o seguimento de Jesus e a importância da referida perícopa neste lugar da narrativa. Depois faz-se a análise de Mc 10,46-52: Jesus e o cego Bartimeu, ressaltando que o ponto principal da narrativa não é a atuação do cego mas, a misericórdia de Jesus. Por fim, parte-se das atitudes de Jesus: deter-se no caminho, mandar chamar, perguntar, curar/salvar e enviar, como convite ao cristão a aprender com o Mestre a agir da mesma forma.

Palavras chave: Evangelho Marcos, Jesus, cego, Bartimeu, “muitos”, atitudes, deter-se, mandar chamar, perguntar, curar, enviar.

Abstract

The aim of this study is to raise awareness among Christians regarding their attitudes in today's world, which is permeated by individualism, consumerism, and noise, and in which everything happens at an extremely fast pace. To that end, this study begins with a close reading of the Gospel of Mark, specifically the pericope of Jesus and blind Bartimaeus (Mk 10,46-52), to show how Jesus' attitudes, as present in this pericope, transform the lives of Bartimaeus and of the “many” that surround Jesus. The method of narrative analysis is used in this process, since it is useful for discovering the literary resources used by the narrator and the effects that these resources are intended to produce in readers. First, the key themes and contents of the Gospel of Mark are studied, demonstrating that it is a narrative catechesis. Then, the necessity of “seeing” in order to follow Jesus and the importance of the aforementioned pericope in its place within the narrative are made explicit. After that, Mc 10,46-52 (Jesus and blind Bartimaeus) is analyzed, highlighting that the main point of the narrative is not the blind man's action but rather Jesus' mercy. Finally, a consideration of Jesus' attitudes – to pause on the way, to summon, to ask, to cure/save, and to send – becomes an invitation for Christians to learn with the Master to act in the same way.

Key words: Gospel of Mark, Jesus, blind man, Bartimaeus, “many,” attitudes, to pause, to summon, to ask, to heal, to send.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I - O Desenvolvimento Narrativo do Evangelho de Marcos: Eixos e Conteúdos.....	12
1.1. A Organização do Evangelho de Marcos.....	13
1.2. A Trama Marcana	27
1.3. Os personagens.....	33
CAPÍTULO II - O lugar de Mc 10,46-52 na narrativa marcana: Ver – uma exigência para o seguimento	46
2.1. Os dois cegos e o tema da visão no conjunto do Evangelho, até antes de Mc 10,46-52.....	47
2.2. Por que Marcos introduz o tema da visão no Evangelho?	52
2.3. Qual a ligação entre seguimento e cruz antes em Mc 10,46-52?	56
2.4. O significado de Mc 10,46-52 neste momento da narrativa.....	62
CAPÍTULO III - Análise narrativa de Mc 10,46-52: Jesus e o cego Bartimeu.....	69
3.1. A trama da perícope	70
3.2. Os personagens e sua identificação	72
3.3. A visão do narrador sobre os fatos e personagens.....	80
3.4. A temporalidade da narração.....	81
3.5. O pano de fundo em que a narração é projetada	83
3.6. Sistemas de valores subjacentes.....	87

CAPÍTULO IV - Das atitudes de Jesus ao agir do cristão: Aprendendo com o	
Mestre.....	98
4.1. Deter-se no caminho.....	99
4.2. Mandar chamar.....	104
4.3. Perguntar	106
4.4. Curar/ Salvar.....	108
4.5. Enviar.....	111
CONCLUSÃO	114
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	117

INTRODUÇÃO

De vocabulário simples e pobre, o evangelho de Marcos marca o leitor por seu estilo vivaz, espontâneo. Com destreza e maestria, o autor transporta o leitor para a cena narrada ao descrever, detalhadamente, pormenores.

Por ter sido pouco estudado durante muito tempo, o texto marcano despertou o meu interesse em fazê-lo.

Sendo um dos evangelhos sinóticos, o leitor poderia esperar um paralelo entre este e os evangelhos de Mateus e Lucas. Tal não ocorrerá. Dedicaremos a nossa atenção exclusivamente ao texto marcano.

“A práxis de Jesus e suas consequências” visa chamar a atenção do cristão sobre suas atitudes hoje. No ritmo acelerado da vida, as pessoas não se detêm para olhar, escutar, estar e ser umas com as outras. Jesus, em meio à multidão que acorria a Ele e o acompanhava, sempre estava disposto a interromper o seu caminho, a deter-se para olhar, escutar e curar. A sua práxis era transformadora porque advinha da sua intimidade com o Pai. Com Ele aprendeu a ver a miséria do povo, a escutar o seu clamor, a descer em sua direção (cf. Ex 3,7-10).

Com suas atitudes, sempre permeadas de gestos de profundo acolhimento, amor, compaixão, misericórdia para com todos, em especial para com os marginalizados, num gesto de amor incondicional, Jesus nos ensina e motiva a agir da mesma maneira.

A intenção deste trabalho é exprimir a importância que têm na vida das pessoas as atitudes - deter-se, mandar chamar, curar/salvar, enviar.

Considerando a extensão e a riqueza teológica do evangelho de Marcos e não podendo estudar todos os trechos em que tais atitudes se apresentam, delimitamos a temática proposta para esta dissertação à perícopes de **Jesus e o Cego Bartimeu (Mc 10,46-52)**, porque ela se apresenta como o último milagre do

evangelho. Além da visão restabelecida, a perícope em causa é uma síntese do ensinamento de Jesus no caminho que leva a Jerusalém, ou seja, à morte na cruz. Tal como aconteceu nesta perícope, nossas atitudes podem conduzir à transformação efetiva das pessoas e levá-las a recuperar a visão.

O método usado será o da análise narrativa. Por ser um método sincrônico de interpretação do texto bíblico, a sua centralidade está no texto, assim como ele se oferece aos leitores. A sua preocupação está ligada à questão do sentido, decorrente da maneira como o texto está organizado.

O método de análise narrativa tem seu pólo de interesse voltado para os recursos literários usados pelo narrador no processo de construção do texto, tendo em vista o efeito a ser produzido nos leitores. A análise narrativa oferece um instrumental para se entrar no mundo do texto. Neste método, o narrador é um artista. Domina a arte de apresentar um conjunto de fatos ou cenas, organizados em torno de uma trama bem tecida, mantendo viva a atenção dos leitores. É isto que acontece no evangelho de Marcos.

Assim, nosso estudo contemplará quatro momentos.

No capítulo I, buscaremos compreender o desenvolvimento narrativo do Evangelho de Marcos com seus eixos e conteúdos. Perceberemos em que sentido ele é uma catequese narrativa e não uma biografia de Jesus. Para isso desenvolveremos três pontos: a organização do evangelho de Marcos, onde falaremos dos problemas da comunidade marcana e sobre as preocupações e objetivos do evangelista ao escrever o seu evangelho. Importante também será falar dos temas principais que perpassam toda a obra: Evangelho, o Reino de Deus, Jesus, o Messias, o Filho de Deus e Discipulado.

Num segundo ponto, explicitaremos a trama marcana com os quatro momentos que a compõem: Exposição, Ação, Clímax e Desfecho e, por último, a caracterização dos personagens principais do relato: Jesus, Discípulos, Opositores, Multidão e Personagens Secundários.

No capítulo II focaremos o lugar de Mc 10,46-52 na narrativa marcana e o ver como exigência para o seguimento. Desenvolveremos o capítulo em quatro pontos. No primeiro, averiguaremos como o tema da visão ocorre até antes de Mc 10,46-52. Para isso, verificaremos as ocorrências do verbo “ver” “olhar”, “fitar”, “espreitar”.

Complementaremos este estudo com uma análise comparativa entre a cura do cego de Betsaida (cf. 8,22-26) e a do cego à saída de Jericó (cf. 10,46-52).

Ainda neste capítulo mostraremos a importância do tema da visão no evangelho. Ele será introduzido por antítese. Para Marcos é necessário ver para depois seguir Jesus. Para mostrar a ligação entre seguimento e cruz antes de Mc 10,46-52, falaremos dos três anúncios da paixão, visto neles ser mais patente essa ligação. Terminaremos o capítulo mostrando o significado da referida perícopa neste momento da narração, o que nos preparará para o capítulo III.

No capítulo III será feita a análise narrativa de Mc 10,46-52: Jesus e o cego Bartimeu. O capítulo será desenvolvido em seis pontos. Começaremos por analisar a trama da perícopa dividindo-a nos seus quatro momentos. Depois indicaremos os personagens vendo suas características e como se relacionam entre si. A nossa atenção centrar-se-á no personagem principal de todo o evangelho: Jesus. Afinal, todos os outros personagens, inclusive Bartimeu, entram na narração a fim de servir os intentos do narrador no sentido de revelar a identidade de Jesus e o tipo de Messias que Ele é.

O terceiro ponto revelará a visão do narrador sobre os fatos e os personagens através dos três tipos de focalização: zero, interna e externa. Posteriormente veremos a temporalidade da narração, detendo-nos no jogo de relações entre tempo da história narrada (*temps raconté*), que é dado por indicações cronológicas, e tempo da narração (*temps racontant*), que corresponde ao tempo que o narrador emprega para escrever a cena.

O pano de fundo em que a narração é projetada será o quinto ponto, no qual falaremos da importância de Jericó e da relevância do milagre ocorrer por altura da festa da Páscoa. Terminaremos o capítulo falando dos sistemas de valores subjacentes. Ele é um componente importante na arte da narração, pois pode gerar simpatia ou antipatia do leitor em relação a determinado personagem. Nesta perícopa, é clara a posição do narrador. Ele está do lado de Jesus e de Bartimeu.

Para finalizar, no capítulo IV faremos uma atualização de Mc 10,46-52. “Das atitudes de Jesus ao agir do cristão: aprendendo com o Mestre”, será desenvolvido em cinco pontos: deter-se no caminho, mandar chamar, perguntar, curar/salvar e enviar.

No primeiro mostraremos que, embora o verbo parar ou deter-se não apareça explicitamente no evangelho de Marcos, a não ser em 10,49, o fato é que Ele se “deteve” variadíssimas vezes. Jesus deixava-se interpelar pela situação alheia. Depois demonstraremos a importância de mandar chamar, o contraste dessa atitude de Jesus com a atitude dos “muitos” e como uma palavra bastou para que os acontecimentos mudassem de rumo.

O terceiro ponto revela o interesse de Jesus por escutar o pedido do cego e mendigo Bartimeu. O respeito de Jesus pelo ser humano dá espaço para que o outro seja ele mesmo e a sua pedagogia leva a pessoa a tomar consciência das suas reais necessidades. Em seguida notaremos que um dos traços distintivos de Jesus é o seu poder que se manifesta frequentemente na capacidade de curar. Vemos isso ao longo do evangelho. Jesus revela um Deus libertador que busca a libertação e salvação de toda a pessoa. Terminaremos com o envio. Jesus age gratuitamente. Depois que cura o cego, envia-o, livre, para refazer a sua vida.

CAPÍTULO I

O Desenvolvimento Narrativo do Evangelho de Marcos:

Eixos e Conteúdos

O evangelho de Marcos é marcante. O menor dos evangelhos serve-se de um vocabulário simples e pobre, mas, apesar disso, inculca no leitor admiração por seu estilo vivaz, espontâneo, colorido. Detalhista, Marcos descreve pitorescamente relatando pormenores, o que leva os leitores ao coração da cena narrada. Por ter sido esquecido durante tanto tempo e pelas características já apresentadas, foi o escolhido para este estudo.

Assim, ao longo do primeiro capítulo desta dissertação perpassaremos todo o evangelho de Marcos mostrando em que sentido ele é uma catequese narrativa e não uma biografia de Jesus. Fá-lo-emos desenvolvendo três pontos. São eles: a organização do evangelho de Marcos, onde perceberemos a preocupação do evangelista pela vida da sua comunidade, como está respondendo às questões que a envolvem e lhe são inerentes. Neste ponto falaremos também um pouco sobre os objetivos de Marcos ao escrever o seu evangelho bem como sobre temas importantes de sua obra. Depois veremos os traços característicos da trama marcana com os seus quatro momentos: Exposição, Ação, Clímax e Desfecho, e, por último, a caracterização dos personagens principais do relato: Jesus, Discípulos, Opositores, Multidão e Personagens Secundários.

1.1. A Organização do Evangelho de Marcos

Ao olharmos o Novo Testamento como um todo, percebemos a referência constante de todos os escritos à pessoa de Jesus de Nazaré testemunhada pelos evangelhos. Eles contam a história de Jesus, pois, após a sua morte, a comunidade teve necessidade de relembrar os acontecimentos para entender, à luz da ressurreição, o significado desconcertante da morte do Messias na cruz.

Os quatro evangelhos representam o testemunho claro do caráter narrativo da catequese cristã. Todos têm um argumento comum: mostrar que o caminho de Jesus até a cruz é confirmado por Deus na ressurreição e na exaltação do Messias. No entanto, ao olharmos as narrativas percebemos diferença entre elas. Isso mostra a diversidade dos ouvintes aos quais a mensagem é proclamada.

No caso do evangelho de Marcos, esses ouvintes são, provavelmente, cristãos provenientes do paganismo¹, uma vez que não se nota interesse, ao contrário do evangelho de Mateus, em demonstrar a conexão entre o evangelho e o Antigo Testamento, mas mostra claramente o cuidado do evangelista em explicar usos e costumes judaicos desconhecidos de seus leitores (cf. 7,1-4, rituais de purificação)², em dar detalhes geográficos (cf. 1,5.9; 11,1) e em sublinhar o significado profundo da mensagem evangélica para os pagãos (cf. 7,27; 8,1-9; 10,12; 11,17; 13,10)³.

A comunidade de Marcos possui como marca fundamental o fato da perseguição (cf. 8,34-38; 10,30.35-45; 13,8-10)⁴. Nos tempos de Nero, no ano 64, os cristãos sofreram a primeira grande perseguição. Tempos difíceis em que muitos discípulos morreram, outros renegaram a fé (cf. 14,71), fugiram (cf. 14,50) ou perderam o primeiro entusiasmo (cf. Ap 2,4)⁵.

¹ CARREIRA DAS NEVES, J. *Evangelhos Sinópticos*. Lisboa: Universidade Católica, 2004, p. 298.

² COMBET-GALLAND, C. Evangelho de Marcos. In: MARGUERAT, D. *Novo Testamento – história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 62.

³ MALLY, E. J. Evangelio Según San Marcos. In: BRONW, E. R.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. *Comentario Bíblico “San Jerónimo”*. Madrid: Cristiandad, Tomo III, 1972, p. 61.

⁴ HERRERO, F. P. Evangelio según San Marcos. In: OPORTO, S. G.; GARCIA, M. S. *Comentario al Nuevo Testamento*. Navarra: Verbo Divino, 1995, p. 137.

⁵ MESTERS, C. *En camino con Jesús*. Lectura del Evangelio de Marcos. Navarra: Verbo Divino, 1997, p. 13.

Enquanto em Roma se viviam tempos de decadência sob a tutela do imperador Nero (54-68 d.C.), pois havia crise social, política e econômica⁶, na Palestina a tensão entre os dominadores romanos e os grupos de resistência alcançou o seu ponto mais álgido (66-70 d.C.)⁷.

Este ambiente de crise e perseguição agrava-se com o fato do desaparecimento da primeira geração de discípulos e discípulas de Jesus, testemunhas das suas ações e palavras, as chamadas “testemunhas apostólicas”⁸, e com o aparecimento de nova geração de líderes que assumia a animação das comunidades o que causava tensões internas (cf. 9,34.37; 10,41). Além disso, as comunidades já acolhiam gentios, pessoas que não conheciam a cultura judaica, o que gerava crise e conflito⁹. A comunidade de Marcos está envolta neste emaranhado de problemas e tem que reagir frente a eles. O capítulo 13 de Marcos descreve com clareza este ambiente. O clima de hostilidade também está bem patente no capítulo 6, onde ocorre o envio dos discípulos para a missão antes e depois da morte de João Batista pelas mãos de Herodes (cf. 6,7-13; 6,30) deixando antever que os discípulos correm o mesmo risco¹⁰.

Há também o perigo de se perderem as tradições orais sobre os fatos e ditos de Jesus, como consequência das perturbações sociais que acompanharam a guerra judaica em torno do ano 70.

Num ambiente hostil como este, como reconhecer no crucificado o Messias e como ser seu discípulo? Tendo como pano de fundo tais problemas e provocado por tais desafios, Marcos escreve o seu evangelho.

Marcos monta a sua catequese à base de linguagem catequético narrativa para sublinhar o caráter histórico que tem o seguimento de Jesus. O presente eclesial se funda no passado de Jesus e seus discípulos e se há de ver nele sua norma.

⁶ OPORTO, S. G. *La Buena Noticia de Jesús*. Introducción a los Evangelios Sinópticos y a los Hechos de los Apóstoles. Madrid: Atenas, 1987, p. 44.

⁷ *Ibid.*, p. 44.

⁸ AUNEAU, J. Evangelho de Marcos. In: AUNEAU, J.; BOVON, F.; GOURGUES, M.; CHARPENTIER, E.; RADERMAKERS, J. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 87-88; MESTERS, *En camino con Jesús*, p. 14.

⁹ SOARES, S. A. G.; CORREIA JÚNIOR, J. L. *Evangelho de Marcos*. Refazer a Casa. Petrópolis: Vozes, v. 1-8, 2002, p. 13.

¹⁰ OPORTO, *op. cit.*, p. 44.

Podemos deduzir a finalidade de Marcos a partir do início de seu evangelho: “*Início do Evangelho de Jesus-Ungido Filho de Deus*” (1,1)¹¹. No final, quando Jesus morre, o centurião diz: “*Verdadeiramente, este homem era Filho de Deus*” (15,39)¹². No começo e no final está o Filho de Deus. Entre estes dois pontos, quer dizer, entre o começo na Galiléia e o final no Calvário, em Jerusalém, transcorre o caminho de Jesus. O evangelho quer ser um guia de viagem no caminho de Jesus¹³, pois o evangelista percebe que a chave para entender toda aquela situação de crise e perseguição que viviam consistia em compreender corretamente a identidade de Jesus. Iluminada a pessoa de Jesus, as suas vidas ficavam iluminadas também, dando desta forma um novo alento para o seguimento a Jesus Cristo. O evangelista quer firmar a fé da comunidade¹⁴. Para isso vai se empenhar em ressaltar o caminho trilhado por Jesus e mostrar que a sua verdadeira identidade se manifesta na cruz¹⁵.

O grande objetivo do autor é trabalhar a revelação da pessoa de Jesus pelas ações miraculosas, patenteando, para aqueles que professam a fé nele, o peso e o significado de sua identidade e as consequências que daí advêm. A pergunta fundamental do evangelho de Marcos é: “Quem é Jesus?” e a ela Marcos procura responder mostrando que Jesus é o Messias, Filho de Deus (cf. 1,11; 9,7). Marcos quer mostrar a consciência que Jesus tem de o ser em suas atividades. A Escritura se cumpre (cf. 9,12; 14,24). A ressurreição, naturalmente, será a grande luz que esclarecerá sua identidade. No Ressuscitado, Deus realiza na história, e historicamente, sua promessa e sua fidelidade. Os relatos de milagres devem ser interpretados com essa chave de leitura.

A comunidade é sacudida em sua fé sobre a messianidade e o poder de Jesus. Assim, a narração que se dirige à comunidade tem também a finalidade de fixar a Tradição¹⁶. É uma comunidade que se organiza não apenas para ajudar os que crêem a reconhecer Jesus, como também a anunciá-lo a quem não o conhece.

¹¹ KONINGS, J. *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 21.

¹² *Ibid.*, p. 265.

¹³ MESTERS, *En camino con Jesús*, p. 18.

¹⁴ HERRERO, *Evangelio según San Marcos*, p. 137.

¹⁵ OPORTO, *La Buena Noticia de Jesús*, p. 44.

¹⁶ GOPEGUI, J. A. R. de. Notas introdutórias ao evangelho de Marcos. Disponível em: <<http://www.faculdadejesuita.edu.br/admin/arquivos/Notas%20introdutórias%20ao%20OEvangelho%20de%20Marcos>>. Acesso em: 14 mar. 2010, p. 1.

O evangelho de Marcos não é um conto, um romance ou uma lenda, mas uma narrativa carregada de conflitos à maneira de qualquer outro drama. O herói é Jesus de Nazaré. Ele tem o seu programa narrativo, que consiste na implantação do Reino de Deus na terra. Na execução de tal programa, encontra uns que lhe são favoráveis e outros, adversos¹⁷.

O evangelista conta a “história de Jesus”, não uma biografia, mas uma “história santa”, como lhe chama Gopegui¹⁸ e, segundo ele, essa história santa é:

Memória apostólica, à luz da ressurreição, dos atos e palavras de Jesus e de sua significação para a fé. São *história* porque a fé apostólica testemunhada nos evangelhos tem origem e fundamento no “acontecido” em Jesus de Nazaré. São história *interpretada* (e não há história que não o seja) a partir daquilo que é professado como a verdade última da história: que *Deus*, pelo seu Espírito, garante a verdade da interpretação.

Haverá que renunciar à curiosidade histórica ou biográfica que perguntaria acerca de pormenores de como certos fatos aconteceram ou da sequência cronológica de alguns episódios (embora em ocasiões, o acontecimento dos costumes da época ou até os próprios dados dos relatos evangélicos permitam reconstruções hipotéticas). A renúncia, porém, não é perda, mas condição para encontrar a “pérola preciosa” que é o *próprio Jesus como “fundamento na história” da fé e da vida da comunidade cristã*¹⁹.

Desta forma, a Marcos não interessa escrever a biografia de um homem, nem mesmo a de um Homem-Deus. Ele sabe perfeitamente que Jesus é filho de Maria, que tem “irmãos”, que é carpinteiro de profissão (cf. 6,3), mas esta condição natural de Jesus não lhe interessa em si mesma. Não se preocupa em relatar suas origens nem o princípio da sua existência²⁰. Por isto, não começa o seu evangelho com a anunciação ou o nascimento de Jesus. Também não está preocupado em se perguntar acerca de pormenores de certos fatos, de como aconteceram ou qual a sequência cronológica de alguns deles. Compõe os materiais recebidos da tradição com pequenos retoques redacionais necessários para fazer deles um relato contínuo e coerente da atividade de Jesus, desde as suas origens na Galiléia até sua morte na cruz, bem como a formação do grupo de discípulos que deu origem à Igreja. Reside aqui o valor incomparável deste evangelho para o conhecimento da tradição de Jesus na sua forma mais próxima das origens.

¹⁷ CARREIRA DAS NEVES, J. *Jesus Cristo história e fé*. Braga: Editorial Franciscana, 1989, p. 22-23.

¹⁸ GOPEGUI, J. A. R. de. *Experiência de Deus e Catequese Narrativa*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 154.

¹⁹ *Ibid.*, p. 154-155.

²⁰ LÉON-DUFOUR, X. *Los Evangelios y la Historia de Jesús*. Madrid: Cristiandad, 1982, p. 187.

A lógica que une os relatos não é o desenrolar biográfico dos acontecimentos e, embora possa haver o mínimo de respeito pela cronologia, também não é esta que dirige a organização dos materiais, mas sua conexão teológica que faz da história de Jesus a manifestação messiânica e epifânica do Reino de Deus²¹. Esse princípio teológico que unifica e organiza toda a obra é a revelação da identidade de Jesus apresentada desde 1,1.

O leitor tem em 1,10-11 a indicação de quem é Jesus. Tais versículos se tornam, então, uma chave de leitura para este evangelho e antecipam o que o relato da prática de Jesus revelará progressivamente. Esta revelação de Deus começará por ser acessível somente a Jesus, no Batismo (cf. 1,9-11). Em 9,7, na Transfiguração, o será para três discípulos e finalmente na cruz e ressurreição será oferecida a todos os discípulos (cf. 15,39; 16,7)²².

O evangelho de Marcos se divide em duas grandes partes; a primeira vai de 1,16 a 8,26 e tem como pergunta: Quem é Jesus? e a segunda, de 8,27 a 16,8²³, tem como questão de fundo: Que tipo de Messias é Jesus? A confissão de fé de Pedro em Cesaréia de Filipe é o divisor de águas.

O evangelista terminou o seu escrito em 16,8, o que é um dado importante para a interpretação teológica do evangelho, já que o relato termina, depois da narração da morte de Jesus, com um breve anúncio da ressurreição seguido da promessa de que os discípulos O “verão” na Galiléia.

A Galiléia no evangelho de Marcos é, em primeiro lugar, uma comarca que está situada nos arredores de Cafarnaum (cf. 1,21-28.39; 9,30.33), que tem mar (cf. 1,16; 7,31), em cujas margens existem outros povoados: a Decápole (cf. 5,1.20; 7,31) e Betsaida (cf. 8,22). Ou seja, uma Galiléia concreta, cujos limites são o mar e as comarcas de Tiro e Sidon²⁴.

Mas a Galiléia é também um lugar teológico; lugar onde se inicia o seguimento de Jesus, se escuta a sua palavra e se entra em contato com suas

²¹ GOPEGUI, *Notas introdutórias ao evangelho de Marcos*, p. 1.

²² *Id.*, *Evangelho de Marcos: Prólogo* (1,1-15). Disponível em: <<http://www.faculdadejesuita.edu.br/admin/arquivos/Prólogo%20de%20Marcos%20PG2010>>. Acesso em: 14 mar. 2010, p. 1-2.

²³ Mc 16,9-20 terá sido acrescentado posteriormente ao evangelho.

²⁴ DE LA CALLE, F. *A Teologia de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1978, p. 28-29.

ações realizadas no poder do Espírito²⁵. Por isso, depois da ressurreição, os discípulos devem voltar para lá, para a comunidade dos que têm fé e estão dispostos a cumprir os mandamentos de Jesus. Aí poderão experimentar que o ressuscitado vive entre eles²⁶.

Então resulta sumamente significativo que o evangelista que transmite o dito de Jesus de que não será dado *nenhum sinal “do céu”* (8,12) para chegar à fé não relate “aparições” do ressuscitado. Basta *ver e ouvir* o que está acontecendo “na terra” (cfr. 8,18). Voltando à Galiléia, ou seja, à *memória dos gestos e palavras de Jesus de Nazaré na comunidade dos discípulos*, poderão *ver e crer*, como o pagão que vendo como Jesus expirou o reconheceu como Filho de Deus²⁷.

O ver o ressuscitado significa experimentar que Ele ressuscitou e não, primordialmente, vê-lo fisicamente.

O Evangelho de Marcos é um convite ao reconhecimento de Jesus como o Cristo, Filho de Deus e a um viver-com-Cristo. Desta forma somos capazes de entender que o esforço da catequese narrativa é o de colocar a pessoa em contato com as histórias de Jesus. Ao narrar, o evangelista apresenta Jesus Cristo para o leitor. Não explica quem é. Ouvindo as histórias dele, o próprio leitor terá uma compreensão da pessoa de Jesus Cristo.

Dentro dessa estrutura, aparecem os grandes temas que perpassam todo o evangelho de Marcos. São eles: Evangelho, o Reino de Deus, Jesus, o Messias, o Filho de Deus e Discipulado.

Evangelho – O termo em suas origens indicava a recompensa que se dava ao portador de uma boa notícia, mas somente depois de ter comprovado que essa notícia era verdadeira²⁸. Era evangelho o anúncio de uma vitória sobre os inimigos e, no culto imperial, tudo o que se referia ao imperador. Os dias de nascimento e entronização, seus decretos, suas vitórias, a paz. Tudo isso era evangelho, boas

²⁵ GOPEGUI, J. A. R. de. O Evangelho de Marcos: Subsídios para o estudo. Disponível em: <<http://www.faculdadejesuita.edu.br/admin/arquivos/Marcos%20Subsídios%20o%20Estudo.pdf-WindowsInternetExploret>>. Acesso em: 5 abr. 2010, p. 6; DE LA CALLE, *A Teologia de Marcos*, p. 29.

²⁶ DE LA CALLE, *op. cit.*, p. 29.

²⁷ GOPEGUI, *op. cit.*, p. 7.

²⁸ GALIZZI, M. *Evangelio según Marcos*. Comentario exegético-espiritual. Madrid: San Pablo, 2007, p. 10; DE LA CALLE, *op. cit.*, p. 39.

novas portadoras de bem estar, de fortuna e salvação, porque era salvador o que os realizava²⁹.

Aos muitos evangelhos que circulavam no mundo pagão, Marcos contrapõe o único evangelho, pois só o evangelho que tem como objeto a Cristo se enraíza profundamente na história da salvação e é, de verdade, uma boa notícia de salvação. Este é o sentido pleno da palavra evangelho³⁰.

No Antigo Testamento, vemos o termo no Dêutero-Isaías quando proclama a boa nova da volta dos exilados para a Terra Santa, da Salvação de Deus, de seu Reino que se manifesta (cf. Is 40,9; 52,7). Marcos o citará. Não há dúvida de que a palavra evangelho é ressonância de Is 40,9³¹.

A pregação de Jesus abre-se com estas palavras: “*O momento completou-se e chegou perto o Reino de Deus. Convertei-vos e crede no evangelho*” (1,15)³². Marcos qualifica este anúncio como Evangelho (cf. 1,14) e faz dele a chave para compreender o livro. Diferentemente de Mateus e Lucas, Marcos apresenta a sua obra como Boa Notícia. Ele utiliza a palavra sete vezes, em lugares estratégicos (cf. 1,1.14.15; 8,35; 10,29; 13,10; 14,9) e, assim, orienta o leitor para que compreenda melhor seu relato³³. Com ele Marcos pretende ajudar os leitores a conhecer em profundidade a Jesus e a superar, assim, possíveis crises de fé sobre seu modo de atuar³⁴.

Para Martins Terra, a primeira frase do evangelho de Marcos resume o sentido da palavra evangelho. Para ele a preposição “DE” neste contexto tem três sentidos: 1) Objetivo, que se refere ao objeto ou conteúdo. Em Marcos, Jesus é o *conteúdo* do evangelho ou seu *objeto* principal: o messianismo e a filiação divina. 2) Subjetivo, que indica o sujeito responsável por algo. Jesus é o *autor* do evangelho.

²⁹ No culto imperial ocorriam os títulos de *sotér* = salvador, *theós* = Deus, divino e *euerghétes* = benfeitor. GALIZZI, *Evangelio según Marcos*, p. 11.

³⁰ *Ibid.*, p. 11.

³¹ AUNEAU, *Evangelho de Marcos*, p. 99; GALIZZI, *op. cit.*, p. 11; IRIARTE, J. L. Perspectivas Cristológicas de Marcos. *Revista de Cultura Bíblica*, São Paulo: Loyola, nº 81-82, p. 118, 1997.

³² KONINGS, *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*, p. 26.

³³ OPORTO, *La Buena Noticia de Jesús*, p. 52-53; CARMONA, A. R. *Predicación del Evangelio de San Marcos – Guía para la lectura y predicación*. Madrid: Edice, 1987, p. 39; IRIARTE, *op. cit.*, p. 118.

³⁴ CARMONA, A. R. *Evangelio de Marcos*. Sevilla: Desclée De Brouwer, 2006, p. 14.

Foi Ele quem trouxe a mensagem da salvação. 3) Explicativo, pois revela o que a coisa é. Em Marcos, o evangelho é Jesus³⁵.

Marcos deixa claro, logo no prólogo do seu evangelho, que ao longo de suas páginas será narrado o início da Boa Nova que se deu através do ministério de Jesus, em atos e palavras³⁶, da sua morte e da sua ressurreição. Este *início* é fundamento e norma do Evangelho, ou seja, da proclamação da Boa Nova de Jesus através dos tempos³⁷.

Podemos perguntar-nos: mas em que consistia este evangelho, esta boa notícia para Marcos? Para ele, o evangelho era o conteúdo fundamental do anúncio cristão. Evangelho era uma palavra que pertencia ao vocabulário da missão³⁸. Seu conteúdo fundamental era um grande acontecimento: a intervenção definitiva de Deus na história, que havia começado com a pregação de João Batista e que teria seu ponto culminante com a morte e a ressurreição de Jesus³⁹.

Segundo Mc 13,10 e 14,9, o evangelho há de ser pregado em todo o mundo. Ao falar deste modo, Marcos pensa com toda a segurança na missão da Igreja, na tarefa que Jesus lhe havia confiado: anunciá-Lo. Assim, o evangelho é promessa para o futuro.

Jesus dirige-se a seus discípulos para lhes explicar as consequências do seguimento: renunciar à própria família e bens para continuar a sua tarefa (cf. 3,13-19). Seguir Jesus e anunciar a boa notícia é a mesma coisa. Por isto se pode dizer que Ele está dinamicamente presente na proclamação do evangelho que fazem seus discípulos: a obra de Jesus continua na obra dos discípulos⁴⁰.

O conteúdo central deste anúncio está na proximidade definitiva do Reino de Deus, que deve ser acolhido numa atitude de conversão e de fé (cf. 1,14.15)⁴¹.

³⁵ MARTINS TERRA, J. E. Cristo no Evangelho de Marcos. *Revista de Cultura Bíblica*, São Paulo: Loyola, nº 81-82, p. 4-5, 1997.

³⁶ FABRIS, R. O Evangelho de Marcos. In: BARBAGLIO, G.; FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos* (I). São Paulo: Loyola, 1990, p. 436.

³⁷ GOPEGUI, *Evangelho de Marcos: Prólogo (1, 1-15)*, p. 1.

³⁸ AUNEAU, *Evangelho de Marcos*, p. 97.

³⁹ OPORTO, *La Buena Noticia de Jesús*, p. 53; DE LA CALLE, *A Teologia de Marcos*, p. 40; FABRIS, *op. cit.*, p. 427.

⁴⁰ OPORTO, *op. cit.*, p. 52-53; FABRIS, *op. cit.*, p. 427.

⁴¹ DE LA CALLE, *op. cit.*, p. 40.

A irrupção do Reino, do senhorio de Deus é o acontecimento decisivo da história⁴².

Reino de Deus – O Reino de Deus acontece quando Deus reina, quando a sua vontade de justiça, paz e amor se realiza através do ser humano, tornando o mundo mais fraterno, mais irmão. No tempo de Jesus, isto estava longe de acontecer. Daí que o povo esperasse que Deus interviesse enviando um rei ou messias ou de alguma outra forma a ser revelada⁴³.

Reino é uma noção chave para Marcos. Ele é importante não só porque Marcos fala abundantemente dele - entre as vinte menções explícitas do Reino, quatorze se referem ao Reino de Deus (cf. 1,15; 4,11.26.30; 9,1.47; 10,14.15.23.24.25; 12,34; 14,25; 15,43)⁴⁴ - como também por sua íntima relação com os outros temas chave da obra: Evangelho, Jesus e Discipulado. A pregação de Jesus centra-se na iminência do Reino, ao qual se acede somente através da relação com Ele⁴⁵.

O que diz Marcos acerca deste Reino que constitui a boa notícia?

Uma coisa é clara acerca do Reino: não é como os reinos deste mundo e não se impõe pela força. Tanto a pregação de João Batista como a de Jesus manifestam que o Reino é uma realidade que é necessário acolher.

Falar do Reino de Deus significa falar do domínio de Deus no mundo, mas de um domínio que não é feito como o fazem os poderosos deste mundo. Deus quer ser acolhido como Pai. Desta forma, o Reino se faz visível onde houver pessoas que cumpram a vontade de Deus, como Jesus veio para cumprir a vontade de Deus⁴⁶. Com sua vida, Jesus nos ensinará como Deus quer reinar entre nós.

Jesus anuncia o Reino de Deus como algo iminente: “*Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho*” (1,15)⁴⁷. Depois desta proclamação não se dão explicações; narra-se a atividade de Jesus de modo

⁴² OPORTO, *La Buena Noticia de Jesús*, p. 52-53; CARMONA, *Predicación del Evangelio de San Marcos*, p. 39.

⁴³ KONINGS, J. *Marcos*. São Paulo: Loyola, 1994, p. 10-11.

⁴⁴ DE LA CALLE, *A Teologia de Marcos*, p. 99; BABUT, J-M. *Pour lire Marc. Mots et thèmes*. Paris: Cerf, 2004, p. 46-48, citado por LÉONARD, P. *Evangelio de Jesucristo según San Marcos*. Navarra: Verbo Divino, nº 133, 2007, p. 24.

⁴⁵ OPORTO, *op. cit.*, p. 52.

⁴⁶ GALIZZI, *Evangelio según Marcos*, p. 27-28.

⁴⁷ KONINGS, *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*, p. 26.

que suas ações e palavras são a maneira concreta através da qual acontece este senhorio de Deus, que exige a conversão e a fé, ou seja, voltar-se para Deus (cf. Jr 3,22; Os 14,3), dando fé à boa nova. Significa voltar-se para Deus com toda a sua existência, tomá-Lo como único Deus, tê-Lo em conta na sua vida e, n'Ele, ter em conta os demais⁴⁸. É preciso converter-se para ser presença viva da presença do Reino. Converti-vos, repete Jesus, colocando-se na linha dos profetas.

Depois deste anúncio geral, Jesus o propõe a seus discípulos no primeiro ensinamento privado (cf. 4,11) como um Reino que Deus lhes deu. No contexto do evangelho, ele se refere sempre ao mistério da pessoa de Jesus (cf. 6,52; 8,17-21): só os de dentro, os que conhecem esse mistério podem compreender bem este anúncio do Reino.

A presença deste Reino é agora só germinal. Marcos o expressa com a imagem da semente (cf. 4,26-29.30-32), uma realidade cheia de potencialidades, mas que necessita de boa acolhida e da força misteriosa que a faz crescer para dar fruto. Jesus é o semeador e, por isto, Marcos convida a reconhecer que através da sua atuação o Reino se faz presente com a humildade de uma semente⁴⁹.

Além de anunciar a sua vinda e descrever sua presença atual, o evangelho de Marcos se detém nas condições para entrar no âmbito e na dinâmica do Reino de Deus, pois este é um Reino a ser acolhido e não a ser conquistado (cf. 10,14-15)⁵⁰. Em primeiro lugar é necessário evitar tudo aquilo que possa entorpecer o caminho (cf. 9,47), e ter uma atitude aberta e humilde para recebê-lo como um dom das mãos de Deus, como o receberia uma criança das mãos de seu pai (cf. 10,14.15)⁵¹. Finalmente, requer-se um distanciamento de tudo aquilo que não põe no centro Jesus. É preciso seguir Jesus. Através dele se entra no Reino porque reconhecer o mistério de sua pessoa e aceitá-lo é o mesmo que entrar no Reino (cf. 12,34)⁵².

Mas o Reino de Deus não é só algo presente, mas também futuro, no qual o homem pode entrar ou não. Entrando nele se entra noutra dimensão que não termina nesta vida. É nesta outra vida que terá sua manifestação mais plena. A

⁴⁸ KONINGS, *Marcos*, p. 11; GALIZZI, *Evangelio según Marcos*, p. 29.

⁴⁹ OPORTO, *La Buena Noticia de Jesús*, p. 52.

⁵⁰ DE LA CALLE, *A Teologia de Marcos*, p. 100; XAVIER, A. O Caminho do Seguimento. *Revista de Cultura Bíblica*, São Paulo: Loyola, nº 81-82, p. 97, 1997.

⁵¹ CARMONA, *Evangelio de Marcos*, p. 14; TAYLOR, V. *Evangelio según San Marcos*. Madrid: Cristiandad, 1980, p. 131.

⁵² CARMONA, *op. cit.*, p. 14.

chegada do Reino de Deus (cf. 9,1) alude a esta dimensão, o mesmo que as palavras de Jesus na despedida a seus discípulos (cf. 14,25)⁵³.

Este Reino que Jesus anuncia está intimamente vinculado à sua pessoa. O anúncio da boa notícia sobre Jesus incluía, entre os primeiros cristãos, o anúncio sobre a proximidade do Reino de Deus, porque este Reino havia irrompido com Ele. Assim o reflete Marcos sempre que fala do Reino de Deus. Em 1,15 Jesus se apresenta como mensageiro privilegiado da iminente chegada do Reino de Deus e seu anúncio se vai fazendo concreto em suas palavras e ações. Por um lado, Ele o proclama com suas palavras e realiza sinais de sua presença (exorcismos, perdão dos pecados, discipulado, curas, revivificações de mortos); por outro lado, o realiza em sua pessoa, quer dizer, personifica o Reino⁵⁴.

O mistério do Reino coincide com o mistério da pessoa de Jesus (cf. 4,11), que está presente ao longo de todo o processo de gestação desta misteriosa realidade (cf. 4,26-30). As condições para entrar no Reino estão ligadas ao seguimento de Jesus (cf. 9,47; 10,14-15.23-25; 12,34): Jesus não é só o mensageiro ou o iniciador, mas também a mediação indispensável para aceder a ele. Entrar no Reino é aceitar e assumir uma vida distinta, liberta das sujeições do ter, do domínio e animada por um duplo amor a Deus e ao próximo (cf. 10,14.15.23-25; 12,34)⁵⁵. Este Reino que agora só se manifesta de forma velada, irromperá com poder (cf. 9,1) e esta nova e plena manifestação se caracteriza pela presença e comunhão com Jesus (cf. 14,25). Esta espera aberta do Reino em sua manifestação plena é capaz de desafiar o medo, o desânimo e até a morte, porque mesmo quando Jesus está na cruz o Reino segue presente, mesmo que seja de forma velada (cf. 15,43)⁵⁶.

Jesus, o Messias, o Filho de Deus – O tema central e dominante do evangelho de Marcos é o da identidade de Jesus. O evangelista apresenta Jesus de modo a implicar vivencialmente os seus leitores. Com suas perguntas, convida-os a se questionarem; com suas respostas, a dar-lhe sua resposta. Sua revelação

⁵³ OPORTO, *La Buena Noticia de Jesús*, p. 52; RUNACHER, citado por LÉONARD, *Evangelio de Jesucristo según San Marcos*, p. 12.

⁵⁴ CARMONA, *Evangelio de Marcos*, p. 14; IRIARTE, *Perspectivas Cristológicas de Marcos*, p. 120-121.

⁵⁵ OPORTO, *op. cit.*, p. 53; GALIZZI, *Evangelio según Marcos*, p. 29; BABUT, citado por LÉONARD, *Evangelio de Jesucristo según San Marcos*, p. 24.

⁵⁶ OPORTO, *op. cit.*, p. 53; GALIZZI, *op. cit.*, p. 29.

progressiva convida a uma descoberta processual. A atitude do leitor não pode ser a de um espectador. Ou se entra em sua dinâmica ou não se entende nada do que Marcos tentava dizer a seus leitores e lhes segue dizendo hoje⁵⁷.

No Antigo Testamento, Messias, literalmente o Ungido, se refere às pessoas que são capacitadas por Deus para uma tarefa particular em favor do seu povo. A pessoa era ungida com óleo. O título foi aplicado primeiro ao rei (cf. Sl 2,2), mas depois também ao profeta, ao sumo sacerdote e, especialmente, ao futuro ungido que Deus enviará para salvar o seu povo. No tempo de Jesus, esperava-se a sua chegada, ainda que sua missão fosse concebida de diversas formas. Marcos convida o leitor a entendê-la corretamente⁵⁸.

Quanto ao título Filho de Deus, o Antigo Testamento utiliza-o designando uma pessoa que recebe missão de Deus que o capacita e o protege e de quem deve depender e com quem deve estar unido, identificando-se com sua vontade. Aplica-se primeiro ao rei (cf. 2Sm 7,14-16; Sl 2,7), mas mais tarde se estende a todos os justos que vivem de acordo com a vontade de Deus. Marcos o aplica a Jesus que realizou a função filial de maneira única⁵⁹.

No centro do evangelho, se encontra a pergunta fundamental (cf. 8,27-29). A ela Deus responde no batismo (cf. 1,9-11) e na transfiguração (cf. 9,2-13) de forma clara. Também Pedro, em nome de todos os discípulos, lhe responde (cf. 8,30). Os fariseus respondem rejeitando e conspirando contra Jesus (cf. 3,6; 12,12; 14 - 15). Os demônios (cf. 1,24.34; 3,11-12; 5,6-9)⁶⁰, o povo (cf. 6,14-15; 8,28) e até Herodes (cf. 6,16) respondem a essa pergunta. Na segunda parte do evangelho o aclamam (cf. 11,10), mas Jesus rejeita esta resposta (cf. 12,35-37). O evangelista responde logo no começo do evangelho: *"Início do Evangelho de Jesus-Ungido Filho de Deus"* (1,1). Esta é a verdadeira identidade de Jesus. O leitor sabe-o desde o início do evangelho e ela serve-lhe de orientação para entender o resto, mas a ela só se

⁵⁷ OPORTO, *La Buena Noticia de Jesús*, p. 54.

⁵⁸ CARMONA, *Evangelio de Marcos*, p. 20.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 20; FÉLIX, P. de M. Títulos de Jesus no Evangelho de Marcos. *Revista de Cultura Bíblica*, São Paulo: Loyola, nº 81-82, p. 115, 1997.

⁶⁰ OPORTO, *op. cit.*, p. 54; FABRIS, *O Evangelho de Marcos*, p. 427; SANTOS, G. R. dos. Retalhos da Cristologia de Marcos. *Revista de Cultura Bíblica*, São Paulo: Loyola, nº 81-82, p. 102 e 104, 1997; CAMPOS, D. F. de. Quem é Jesus. *Revista de Cultura Bíblica*, São Paulo: Loyola, nº 81-82, p. 135, 1997.

chega depois de seguir o caminho de Jesus e reconhecê-Lo como Filho de Deus ao pé da cruz (cf. 15,39).

Finalmente, Jesus dá sua resposta no momento crucial do interrogatório perante o Sumo Sacerdote (cf. 14,61-62)⁶¹.

Explicitamente, Jesus é apresentado como Filho de Deus em 1,1; 3,11; 5,7; 14,61; 15,39. Implicitamente se insinua de diversas formas: como Mestre que fala com poder e chama a um seguimento total, como alguém que é superior ao Templo.

Segundo Marcos, para Jesus, ser filho é ter relação íntima e cordial com o Pai, com Deus, cujo poder partilha e com cuja vontade se identifica, pois a realiza, proclama e defende⁶². Para o evangelista, o Filho de Deus é um ser divino cuja “*dynamis*” se manifesta em suas palavras e obras poderosas⁶³.

Discipulado – Um dos temas centrais do evangelho de Marcos é o discipulado. Por isso, constatamos que, logo no começo, Jesus chama discípulos (cf. 1,16-20) e, ao final, volta a chamá-los (cf. 16,7.15). O tema do discipulado é inseparável do tema dominante – Jesus. É Ele quem chama⁶⁴.

Os relatos da vocação (cf. 1,16-20), eleição (cf. 3,13-19) e missão (cf. 6,7-13) dos discípulos ocupam posição privilegiada na narração. Eles são os únicos destinatários do ensino em que Jesus mostra as consequências de sua caminhada até a cruz (cf. 8,31-33; 9,32-34). Eles o acompanham durante toda a sua atividade no Templo (cf. 11,15-19. 27-33; 12,1-12.13-17.18-27.28-34.35-37.38-40.41-44); sua presença junto a Jesus se prolonga até que este é preso. Depois o abandonam (cf. 14,50), mas o abandono não é a última palavra. Jesus mesmo superará essa fuga anunciando pessoalmente (cf. 14,28) e repetindo, por meio do anjo pascal (cf. 16,7), seu reencontro na Galiléia. Os discípulos são um grupo cristológico⁶⁵, um constante ponto de referência para o evangelista, pois constituem um grupo expressamente chamado e escolhido por Jesus para uma tarefa específica: conhecê-Lo, segui-Lo.

⁶¹ OPORTO, *La Buena Noticia de Jesús*, p. 55.

⁶² CARMONA, *Evangelio de Marcos*, p. 15; IRIARTE, *Perspectivas Cristológicas de Marcos*, p. 121-122.

⁶³ FÉLIX, *Títulos de Jesus no Evangelho de Marcos*, p. 115.

⁶⁴ MULHOLLAND, D. M. *Marcos, introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 23.

⁶⁵ CARMONA, *op. cit.*, p. 16.

Mas os discípulos são também um grupo escatológico, por serem sinal do Reino presente e estarem ao seu serviço.

São um grupo missionário, porque colaborarão com a obra de Jesus, sua vida, palavras e obras. A comunhão no mistério da pessoa Jesus é o fundamento essencial e imprescindível da pregação.

Tudo isto está intimamente ligado. Ser missionário e sinal do Reino implica conhecer a Jesus, estar com Ele e segui-Lo. Daqui a necessidade de viver a ética que condiciona o conhecimento de Jesus e a vida fraterna, pois a comunidade, apesar do dom da fraternidade e do conhecimento, está sempre exposta ao perigo da divisão e da incompreensão. Por isso, é necessário negar-se a si mesmo, tomar a cruz de Jesus, optar pelo serviço, pelos pequenos, pela paz, pelo partilhar. Tudo isto é possível pela fé e oração⁶⁶.

Quando o evangelho de Marcos é escrito, a comunidade marcana passa por vários problemas. Vivem um tempo de perseguição agravado pelo desaparecimento da primeira geração das chamadas “testemunhas apostólicas”. Além disso, o aparecimento de nova geração de líderes que assumia a animação das comunidades causava tensões internas (cf. 9,34.37; 10,41) e o acolhimento aos gentios gerava conflito.

Sobre este pano de fundo, como reconhecer no crucificado o Messias e como ser seu discípulo?

Tentando ajudar a comunidade, Marcos escreve o seu evangelho dividindo-o em duas partes. A primeira, que vai de 1,16 a 8,26, tem como pergunta fundamental: Quem é Jesus?. A segunda, que vai de 8,27 a 16,8 questiona: Que tipo de Messias ele é?. Com isto o evangelista pretende firmar a fé da comunidade; quer que ela entenda corretamente a identidade de Jesus para que a vida de seus seguidores ganhe novo alento. O evangelho quer ser um guia de viagem no caminho de Jesus.

Tendo em conta este contexto, estamos em condições para perceber os traços característicos da trama marcana.

⁶⁶ CARMONA, *Evangelio de Marcos*, p. 16.

1.2. A Trama Marcana

Os problemas que levaram o autor a escrever a sua obra, os objetivos que ele quer atingir, os temas que perpassam todo o evangelho, são organizados para formar uma trama.

A trama diz respeito a como se articula a narração. No evangelho de Marcos, o autor conta o relato para transformar o leitor. O seu intuito é que este compreenda quem é Jesus e que tipo de Messias ele é. Para isso usou técnicas narrativas, elaborou personagens e conflitos e criou suspense deliberadamente. O autor narra para despertar o leitor e provocar suas respostas⁶⁷.

Partindo da estrutura formal de quatro passos que a trama segue e aplicando-a ao evangelho de Marcos, temos:

a) **Exposição:** 1,1-15: Aqui é introduzido o problema. Ele está centrado, assim como toda a trama, na Boa Notícia acerca de Jesus Messias, Filho de Deus, expressa nos eventos da história⁶⁸, ou seja, ao longo do evangelho, será narrado o início da Boa Notícia que se deu através do ministério de Jesus em palavras e ações, bem como da sua morte e da sua ressurreição.

Através de uma citação “mista” que condensa tradições israelitas do êxodo (cf. Ex 23,20), livro da fundação de Israel, com a profética (cf. Ml 3,1), o último dos profetas, e com o Deutero-Isaías (cf. Is 40,30), mostra-se que Jesus é o cumprimento definitivo das promessas messiânicas do Antigo Testamento.

Para deixar as coisas claras, o narrador faz-nos escutar, logo na primeira cena, a voz de Deus: “*Tu és o meu Filho amado; em ti me agrada*” (v.11)⁶⁹. Ao leitor não resta a menor dúvida sobre quem é Jesus, sobre sua identidade: Ele é o Filho de Deus⁷⁰, enviado por este para responder a todas as autênticas esperanças de libertação dos povos. No entanto, esta revelação só é acessível a Jesus.

Com o aparecimento de Satanás (v.12), um jogo de forças se avizinha e o leitor se pergunta no que isso resultará.

⁶⁷ RHOADS, D.; DEWEY, J.; MICHIE, D. *Marcos como Relato*. Salamanca: Sígueme, 2002, p. 13.

⁶⁸ GUELICH, R. A. Mark, Gospel of In: GREEN, J. B.; MICKNIGHT, S. *Dictionary of Jesus and the Gospels*. Leicester, England: Intervarsity Press, 1992, p. 515.

⁶⁹ KONINGS, *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*, p. 22.

⁷⁰ MINGO, A. de. Evangelizados por los pobres, lectura narrativa de Mc 10,46-52. *Revista Moralia*, v. 25, nº 96, p. 382, oct.-dic. 2002.

Os vv. 14-15 mostram o começo da proclamação do evangelho por Jesus na Galiléia.

b) **Ação:** 1,16 – 13,37: Ao longo do seu evangelho, Marcos mostra como, através das palavras e do agir de Jesus, se vai manifestando progressivamente a sua messianidade e filiação divina. A isso, os discípulos respondem com um reconhecimento crescente da identidade de Jesus, embora tenham que constantemente vencer o obstáculo da incompreensão.

Como a organização dos materiais que o evangelista recebe é de cunho teológico. Logo desde o começo é apresentada a manifestação do poder de Jesus em conflito com os poderes que levam à morte. Isso denota-se logo no seu ensino na sinagoga. Este é contraposto à autoridade dos doutores da Lei, baseada na interpretação farisaica da Escritura, pois é feito com o poder do Espírito de Deus. A cura do homem com espírito impuro (cf. 1,21-28), ou seja, oposto à santidade de Deus conforme as prescrições da Lei judaica, serve para opor a prática messiânica à prática da sinagoga⁷¹.

As cinco controvérsias (cf. 2,1 – 3,6) mostram bem a oposição de Jesus aos escribas e fariseus. Essa oposição vai evoluindo num crescendo e termina com a decisão de matar Jesus (cf. 3,6). Aqui já se denota como será o fim de Jesus.

Ao longo do evangelho percebemos que, se o leitor sabe quem é Jesus, o mesmo não acontece com os outros personagens que, à exceção de Deus e dos demônios, ignoram sua identidade.

A ação vai-se desenvolvendo mostrando uma trama carregada de conflitos. Jesus em conflito com os demônios (cf. 1,12-13. 21-27), com as autoridades judaicas (cf. 2,1 – 3,6; 12,13-44), com sua família (cf. 3,20-21. 30-35) e até com seus discípulos (cf. 8,14-21). Todo o conflito gira à volta da identidade de Jesus⁷².

De 8,27 a 10,52, mostra-se que a atividade de Jesus na Galiléia e arredores está chegando ao fim. Ao mesmo tempo, delineia-se no horizonte, e de forma cada vez mais precisa, o fim trágico de Jesus. As oposições dos notáveis da capital, Jerusalém, vão se concretizar numa conspiração que tem por finalidade a morte de

⁷¹ FABRIS, *O Evangelho de Marcos*, p. 435; GOPEGUI, J. A. R. de. *Evangelho de Marcos: Primeira Parte* (1,16 – 3,6). Disponível em: <<http://www.faculdadejesuita.edu.br/admin/arquivos/Anotações%20a%20Marcos%201,16-3,6.PDF-WindowsInternetExploret>>. Acesso em: 14 mar. 2010, p. 1.

⁷² GUELICH, *Mark, Gospel of*, p. 515.

Jesus. Este, sabendo disso devido à morte violenta de João Batista, move-se com mais cautela, sem com isso diminuir a sua determinação. Jesus caminha rumo ao seu objetivo⁷³.

Jesus entra em Jerusalém montado não num cavalo de guerra, mas num jumentinho (cf. 11,1-10). Este gesto de Jesus é um chamado profético à conversão. Em Jerusalém dá-se o último e decisivo confronto de Jesus com o judaísmo e seus representantes oficiais no coração da capital: o templo. Neste momento Jesus se desvela através de gestos significativos e abertos e com declarações claras e públicas. A reserva mantida até agora cai por terra. Jesus expõe seu projeto messiânico e revela seu destino⁷⁴.

c) **Clímax:** 14,1 – 15,38: Ao relato da paixão, que compreende poucos dias, o evangelista concede grande espaço na sua obra. Isto demonstra bem a sua importância. Toda a trajetória de Jesus, no evangelho de Marcos, é marcada pela perspectiva deste momento culminante⁷⁵.

No Getsêmani, Jesus apavora-se e angustia-se. Sabe o que o espera e ora ao Pai.

O conflito com as forças opositoras intensifica-se; o confronto é inevitável e atinge o seu auge. As autoridades judaicas e romanas não querem e não vão perder o seu poder. O que vinham tentando desde o princípio da narrativa conseguem-no agora. Um dos de dentro (Judas, um dos Doze), ajuda-os, entregando Jesus com um beijo. Jesus é preso, condenado à morte pelo Sinédrio⁷⁶ e entregue para ser crucificado por Pilatos. O problema tem a sua resolução.

Jesus... esse permanece fiel ao projeto de Deus, projeto que acolheu livremente e com plena confiança.

d) **Desfecho:** 15,39 – 16,8: O reconhecimento da identidade de Jesus pelo centurião dá o desfecho à narrativa⁷⁷. Se as fronteiras do templo se desvaneceram com o

⁷³ FABRIS, *O Evangelho de Marcos*, p. 510.

⁷⁴ *Ibid.*; GOPEGUI, J. A. R. de. Manifestação messiânica de Jesus no Templo de Jerusalém. Disponível em: <<http://www.faculdadejesuita.edu.br/admin/arquivos/Anotações%20a%20Marcos%2011%20e%2012.PDF-WindowsInternetExploret>>. Acesso em: 10 maio. 2010, p. 4.

⁷⁵ FABRIS, *op. cit.*, p. 582.

⁷⁶ RHOADS; DEWEY; MICHIE, *Marcos como Relato*, p. 106.

⁷⁷ MINGO, *Evangelizados por los pobres, lectura narrativa de Mc 10,46-52*, p. 382.

rasgar do véu, as fronteiras entre judeus e pagãos se destroem agora com as palavras do centurião.

Os discípulos fugiram. Agora, só as mulheres, que O seguiram desde a Galiléia, permanecem (cf. 15,40.47) e serão as testemunhas da sua vitória sobre a morte (cf. 16,1). A ressurreição de Jesus ilumina todo o evangelho e dá esperança.

Posto isto, diremos, então, que a trama é coerente: os acontecimentos que se antecipam ocorrem mais tarde, os conflitos se resolvem, as profecias se cumprem. Técnicas literárias de narração, temas recorrentes, comportamentos e motivos entrelaçados interconectam o relato em toda a sua extensão. A unidade deste evangelho é patente na integridade da estória que conta, a qual proporciona um potente impacto retórico no seu conjunto⁷⁸.

Bem patente em toda a narrativa está a tensão existente entre ocultar e revelar a identidade de Jesus. A esta tensão os teólogos e comentadores chamam de “segredo messiânico”⁷⁹.

Classifica-se de “segredo messiânico” aquelas passagens de Marcos em que Jesus proíbe os interlocutores de o anunciarem publicamente como Messias ou como Filho de Deus. Jesus impõe silêncio aos demônios (cf. 1,25.34;3,12) e aos discípulos (cf. 8,30; 9,9). Proíbe-os de manifestarem publicamente a sua identidade⁸⁰. Não é algo exclusivo de Marcos, pois existe também em Mateus (cf. 8,4; 12,16; 16,20; 17,9) e em Lucas (cf. 4,41; 8,56). No entanto, é mais evidente em Marcos.

O evangelista generaliza uma ideia preexistente a ele pondo-a a serviço dos seus intentos: não é permitido revelar que Jesus é o “Filho de Deus” ou o “Cristo”. Estas são as ordens que constituem o verdadeiro segredo messiânico⁸¹. Por outras palavras, o segredo messiânico corresponde à descrição de Jesus como Messias, Filho de Deus cujo verdadeiro significado só poderá ser entendido à luz da cruz. Apesar de o evangelista identificar Jesus como o Messias, Filho de Deus à luz do

⁷⁸ RHOADS; DEWEY; MICHIE, *Marcos como Relato*, p. 17.

⁷⁹ Menção deve ser feita à obra que lançou o debate: Wrede, W. *Das Messiasgeheimnis in den Evangelien, zugleich ein Beitrag zum Verständnis des Markusevangeliums*, Göttingen, 1901.

⁸⁰ TAYLOR, *Evangelio según San Marcos*, p. 137; FABRIS, *O Evangelho de Marcos*, p. 506; GUELICH, *Mark, Gospel of*, p. 521; AUNEAU, *Evangelho de Marcos*, p. 105; GOPEGUI, *O Evangelho de Marcos: Subsídios para o estudo*, p. 3.

⁸¹ GUELICH, *op. cit.*, p. 521; GOPEGUI, *op. cit.*, p. 3.

seu ministério na terra (cf. 1,25; 3,10; 8,29) e sua futura glória (cf. 9,7), ele qualifica essa identidade pela morte de Jesus como Messias, Filho de Deus (cf. 8,30-31; 9,9; 14,61-64; 15,25-32.39)⁸².

Podemos, então, dizer que existe em Jesus, no evangelho de Marcos, um mistério que só pode ser entendido pela fé. Trata-se do mistério de um crucificado ser o verdadeiro Filho de Deus e o Messias. A partir do momento em que Jesus falou abertamente da sua morte (três anúncios da paixão: cf. 8,31-38; 9,30-37; 10,32-45), o motivo do segredo se esclarece: o título deve ser proibido até que Cristo cumpra a missão de Filho de Deus, de Filho do Homem, com sua paixão e ressurreição. A partir dessa altura, Jesus deixa que o aclamem como Filho de Davi (cf. 10,47-52; 11,9; 12,12) e Ele próprio fala abertamente de si como Messias (cf. 13,21; 14,61; 15,2.9.32)⁸³.

Ainda em relação aos exorcismos, poderíamos questionar a ausência da ordem de silêncio em 5,1-20; 7,24-30; 9,14-19. A explicação é que nessas ocasiões a identidade de Jesus não está em questão⁸⁴. Apesar de o endemoninhado (cf. 5,1-20) clamar em alta voz: “*Que {há} para mim e ti, Jesus, Filho de Deus Altíssimo?*” (5,7)⁸⁵, a questão não se coloca já que este miraculado se encontra em terra pagã, fora da Galiléia. Nesta região não havia o perigo de confusões acerca da identidade de Jesus. Nota-se que Jesus pede ao miraculado para anunciar junto dos seus a misericórdia do Senhor a favor dele mesmo (cf. 5,19). Não se trata propriamente da pessoa de Jesus, mas da misericórdia de Deus, através de Jesus.

Em relação aos discípulos, a ordem de guardar segredo não é definitiva. Eles terão a missão de proclamar não só a identidade messiânica de Jesus, mas também a natureza de sua messianidade. Porém, isto só se dará depois da cruz e da ressurreição⁸⁶.

Já as ordens de segredo em relatos de curas miraculosas (cf. 1,44; 5,43; 7,36; 8,26)⁸⁷, que inclusive não aparecem em todos os milagres e, por outro lado,

⁸² GUELICH, *Mark, Gospel of*, p. 522.

⁸³ SANTOS, *Retalhos da Cristologia de Marcos*, p. 102; NASCIMENTO, A. L. Esquema Cristológico de Marcos. *Revista de Cultura Bíblica*, São Paulo: Loyola, nº 81-82, p. 126-127, 1997; CAMPOS, *Quem é Jesus*, p. 136.

⁸⁴ GUELICH, *op.cit.*, p. 521.

⁸⁵ KONINGS, *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*, p. 110.

⁸⁶ CAMPOS, *op. cit.*, p. 137.

⁸⁷ TAYLOR, *Evangelio según San Marcos*, p. 137; AUNEAU, *Evangelho de Marcos*, p. 105.

são transgredidas em diversas ocasiões, constituem um recurso literário para acentuar o fato de que os atos de Jesus não podem ficar escondidos. No entanto, elas mostram também que Jesus evitou excessiva publicidade que poderia levar à má compreensão da sua messianidade e a acentuar e precipitar o conflito com as autoridades de Israel⁸⁸.

O uso marcano da parábola tem uma linguagem figurativa. Mais do que transmitir conteúdos, ela pretende desencadear no ouvinte uma participação que lhe permita uma experiência semelhante. Desta forma, as palavras se tornarão significativas⁸⁹.

A mensagem transmitida em parábola distingue-se do segredo messiânico. O seu motivo é diferente. Ela nasce da experiência que Jesus faz de rejeição por grande parte do seu povo e quer explicar o mistério da fé e da incredulidade⁹⁰. Sua interpretação radica na pessoa de Jesus. O que interessa a Marcos é o mistério. Isso aparece bem patente em 4,11-12:

A vós foi dado o mistério do Reino de Deus; aos de fora, porém, tudo acontece em parábolas, a fim de que *vendo, vejam e não percebam; e ouvindo, ouçam e não entendam; para que não se convertam e não sejam perdoados*⁹¹.

Para os de dentro, as parábolas são compreensíveis, pois têm fé, mas para os de fora não.

O motivo da incompreensão dos discípulos também não faz parte, propriamente, do segredo messiânico, pois poderia existir sem ele. No entanto, podemos relacioná-lo com ele pelo fato de se referir também à identidade de Jesus⁹².

Agora que percebemos qual o problema em causa, como os acontecimentos se desenrolaram, onde atingiram o seu clímax e como foi o seu desfecho, estamos

⁸⁸ GOPEGUI, *O Evangelho de Marcos: Subsídios para o estudo*, p. 3; GUELICH, *Mark, Gospel of*, p. 522-523.

⁸⁹ PALACIO, C. *Historia y kerygma: el lugar teológico de la cuestión histórica de Jesús, según Eduard Schweizer*. Roma: Pontificia Universitas Gregoriana, 1975, p. 168.

⁹⁰ GOPEGUI, *op. cit.*, p. 3; GUELICH, *op. cit.*, p. 522-523.

⁹¹ KONINGS, *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da "Fonte Q"*, p. 101.

⁹² GOPEGUI, *op. cit.*, p. 3.

em condições de falar sobre os principais personagens que tomaram parte nestes acontecimentos.

1.3. Os personagens

Numa trama não só os acontecimentos são relevantes, mas também os personagens. Sua identidade e posição social, suas motivações e condutas, suas características, sua forma de relacionamento, sua aparição assim como as mudanças e o desenvolvimento que experimentam como resultado da ação dão colorido à trama⁹³.

Na Bíblia, os narradores encontram os personagens na tradição, mas apresentam-nos da forma que querem para o desenrolar da trama. Para eles não existe limite de personagens. O narrador dá-lhes nome, identidade, põe-lhes as palavras na boca, fá-los entrar e sair de cena quantas vezes quer, estabelece a relação entre eles. O personagem é totalmente passivo diante do narrador. Na narrativa bíblica, o personagem é bom ou ruim conforme a relação com Deus⁹⁴.

O narrador revela os personagens ao leitor de forma gradual, controlando o que eles sabem e quando o sabem. Os leitores percebem como o personagem é introduzido na narração e confirmam, ampliam, ajustam ou modificam suas primeiras impressões⁹⁵.

Apesar do esforço do narrador, os personagens estarão sempre carregados de ambiguidades. O leitor poderá sempre perguntar: Por que agiu assim e não de outro modo? Qual o sentido deste gesto? Se tivesse agido de outra forma qual seria o resultado? As possíveis respostas são muitas, mas nenhuma delas poderá ter a

⁹³ A análise narrativa detecta como o narrador caracteriza cada personagem em função do papel a ser desempenhado na narração. Importa, então, perceber que importância e como o narrador se refere ao personagem. O modo como o trata influencia de maneira positiva ou negativa o leitor, a ponto de levá-lo a tomar partido pró ou contra ele. O narrador insere informações sobre os personagens na narração de duas maneiras: através de comentário explícito – o narrador faz comentários explícitos; ou através de comentários implícitos – palavras e atos dos personagens. MARGUERAT, D.; BOURQUIN, Y. *Cómo leer los relatos Bíblicos – Iniciación al análisis narrativo*. Milano: Sal Terrae, 2000, p. 167 e 174.

⁹⁴ *Ibid.*, p. 106 e 112.

⁹⁵ RHOADS; DEWEY; MICHIE, *Marcos como Relato*, p. 139.

pretensão de ser a verdadeira. Passemos, pois, à caracterização dos personagens principais do evangelho Marcos:

Jesus: é o protagonista, a figura central da narração. É Ele quem mais age. O narrador anuncia-O logo na primeira linha como “o Ungido, Filho de Deus”. No entanto, não explica o que isso significa nem a missão para a qual foi ungido. O significado de tudo isso vai-se desvelando ao longo da narração através da caracterização de Jesus, levando o leitor a ser capaz de, no final, ver claramente quem é Jesus.

A importância deste personagem na narração é dada por uma série de fatores, como nos esclarecem Rhoads, Dewey e Michie:

um oráculo de Deus anuncia a sua vinda, João prepara o seu caminho, Jesus é batizado, os céus se rasgam, o Espírito vem sobre Ele e a voz de Deus o declara seu filho⁹⁶.

Estes aspectos conjugados entre si fazem com que o leitor esteja preparado para aceitar e confiar em qualquer coisa que Jesus diga ou faça desde o começo do evangelho. À medida que o relato avança, a descrição de Jesus como personagem fidedigno vai-se confirmando, pois o narrador o apresenta como alguém perspicaz, compassivo, carinhoso, irritado pela opressão e angustiado pela sua morte.

A narração que se vai desenvolvendo mostra que Jesus tem o poder do Espírito, um conhecimento profundo das Escrituras e do sentido da sua missão. É um humilde carpinteiro do povoado de Nazaré na Galiléia. O nome de seu pai não é mencionado e sua mãe chama-se Maria. Não ocupa uma posição poderosa ou relevante na nação, mas forma um grupo de discípulos para acompanhá-lo⁹⁷. Não é um ser solitário, individualista; desde o primeiro momento busca outras pessoas com os quais possa formar uma comunidade (cf. 1,16-20)⁹⁸.

Jesus tem reações humanas próprias de quem é verdadeiramente homem: sente compaixão (cf. 1,41), se indigna e entristece (cf. 3,5), dorme durante uma tempestade (cf. 4,38), se admira (cf. 6,6a), fica tomado de compaixão (cf. 6,34),

⁹⁶ RHOADS; DEWEY; MICHIE, *Marcos como Relato*, p. 145 (trad. nossa).

⁹⁷ *Ibid.*, p. 145.

⁹⁸ DÍAZ, J. A. E. Las relaciones Jesús-pueblo-discípulos en el evangelio de Marcos. *Estudios Eclesiásticos*, v. 54, nº 209, p. 162, 1979.

suspira profundamente em seu espírito (cf. 8,12), fica indignado com a atitude dos discípulos (cf. 10,14), olha com amor o jovem rico (cf. 10,21), observa os acontecimentos ao seu redor (cf. 12,41-44), não sabe nem o dia nem a hora do final (cf. 13,32), defende a mulher em Betânia (cf. 14,6), apavora-se, angustia-se, cai por terra (cf. 14, 33-35), grita a sua situação de abandono na cruz (cf. 15,34)⁹⁹. Este retrato da humanidade de Jesus chama a atenção. Contudo, só veríamos metade da sua personalidade se neste homem não contemplássemos também o Filho de Deus.

Ele vê, caminha, chama, lê o íntimo das pessoas. Age na periferia (Galiléia), junto aos pobres. Vai aos locais de trabalho (cf. 1,16-20; 2,13-14) e também à casa do povo (cf. 1,29-31). Ensina nas sinagogas (cf. 1,21-22; 6,1-6a), onde o povo se reúne para aprender, mas também nas casas e em lugares públicos (cf. 4,1-9; 6,6b). Exorciza (cf. 1,21-28; 5,1-20; 9,14-29), cura (cf. 2,1-12; 3,1-6; 5,25-34; 10,46-52) come com pecadores (cf. 2,15-17). Solidariza-se com os sofredores e marginalizados, não fazendo distinção de pessoas. Assume que a sua autoridade vem de Deus e atua fora dos parâmetros oficiais das autoridades dirigentes (cf. 1, 21-27; 2,23-28; 3,1-6; 6,2). Por isso é muito perseverante e independente.

Por apresentar valores pouco convencionais, Jesus enfrenta e resiste a pressões para O desviarem de sua missão. Imediatamente depois do seu batismo é impelido pelo Espírito ao deserto onde é tentado por Satanás (cf. 1,12-13). As autoridades põem-no à prova pedindo um sinal dos céus (cf. 8,11) e os seus discípulos se opõem à sua predição da paixão e morte (cf. 8,32). No Getsêmani, luta para submeter a sua vontade à de Deus e é-lhe fiel (cf. 14,32-42)¹⁰⁰.

Tem uma íntima relação com Deus: vê o Espírito descer, ouve a voz do Pai (cf. 1,10-11; 9,7), é-lhe obediente, retira-se para orar (cf. 1,35; 6,46; 14,35-42). A narração mostra a confiança extraordinária que Jesus possui em Deus. Jesus deixa sua casa, sua família, seu trabalho e viaja pelo país passando a depender de outros

⁹⁹ MONASTERIO, R. A.; CARMONA, A. R. *Evangelios Sinópticos y Hechos de los Apóstoles*. Navarra: Verbo Divino, 1992, p. 143; FÉLIX, *Títulos de Jesus no Evangelho de Marcos*, p. 112 e 115.

¹⁰⁰ RHOADS; DEWEY; MICHIE, *Marcos como Relato*, p. 147; IRIARTE, *Perspectivas Cristológicas de Marcos*, p. 122.

para prover-se de habitação e comida. Na narração, Ele é o principal exemplo de como tudo é possível para aquele que tem fé¹⁰¹.

Enquanto a fé e a autoridade são o coração da relação de Jesus com Deus, servir define a sua maneira de relacionar-se com as outras pessoas. Isso não significa fazer o que os outros querem que Ele faça, exceto quando fazê-lo está em consonância com os valores da soberania de Deus. Por exemplo: curará aos que lhe pedem, como Bartimeu (cf. 10,46-52), mas não concederá um sinal aos fariseus (cf. 8,11-13). Primeiro é leal a Deus e depois ama o próximo como a si mesmo¹⁰². Todas as suas obras são expressão da sua compaixão, para levar vida plena aos que estão como ovelhas sem pastor, e não para mostrar que é o ungido¹⁰³. Tanto o que Jesus diz como o que faz expressa seus valores e mostra sua integridade vivendo de acordo com esses valores, mesmo sabendo que isso implica renunciar a si mesmo e dar a vida pelos demais.

As reações dos outros personagens perante Jesus incluem medo, assombro, lealdade e firme oposição¹⁰⁴.

Segundo Gopegui e também Marshall, os personagens que contracenam com Jesus agrupam-se em três categorias: os discípulos, os opositores e a multidão¹⁰⁵ (onde aparecem também os personagens secundários).

Discípulos: no evangelho de Marcos, o termo diz respeito aos doze que Jesus elege para que o sigam (cf. 1,16-20; 2,13s; 3,13-17).

Foram chamados para seguir uma pessoa que tem um projeto salvador, o Reino de Deus (1,18; 2,14.15; 6,1; 8,34; 9,38; 10,21.28.32.52; 15,41); os discípulos são seguidores de Jesus (9,38; 10,32), o que implica inseparavelmente identificar-se com sua missão ao serviço do Reino. Por

¹⁰¹ RHOADS; DEWEY; MICHIE, *Marcos como Relato*, p.149; IRIARTE, *Perspectivas Cristológicas de Marcos*, p. 122.

¹⁰² RHOADS; DEWEY; MICHIE, *op.cit.*, p. 150.

¹⁰³ *Ibid.*, p. 151.

¹⁰⁴ *Ibid.*, p. 146; AUNEAU, *Evangelho de Marcos*, p. 107.

¹⁰⁵ GOPEGUI, J. A. R. de. O evangelho de Marcos: um roteiro inspirador para a catequese. *Perspectiva Teológica*, v. 14, nº 34, p. 287, 1982; MARSHALL, I. H. *Teologia do Novo Testamento*, São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 71.

outra parte, os seguidores não só estão intimamente unidos a Jesus, mas também entre eles, formando uma nova fraternidade¹⁰⁶.

Os discípulos acompanham Jesus por toda a parte: na sinagoga, em casa, nas aldeias, no campo, ouvindo os seus ensinamentos e vendo a sua prática. Na verdade, os discípulos desaparecem de cena somente em duas ocasiões: quando Marcos narra a morte de João Batista (cf. 6,14-29) e durante a paixão e morte de Jesus (cf. 14,50 – 15,42)¹⁰⁷.

Segundo Gopegui, são aqueles que passam da atitude de simpatia e admiração para um verdadeiro seguimento do mestre¹⁰⁸. Todos eles, na sua qualidade de discípulos, hão de aprender do mestre ao qual seguem. O conhecimento de Jesus e sua obra é sua tarefa principal como discípulos.

Podem ser tratados como um só personagem, pois mesmo quando Pedro, Tiago e João têm papéis particulares, representam os discípulos no seu conjunto¹⁰⁹.

No início do evangelho, os discípulos parecem uma comunidade modelo, mas à medida que a narração avança, o leitor fica impressionado com o seu comportamento.

Eles, a quem tinha sido dado o mistério do Reino, começam a dar sinais de não entenderem mais nada e de serem tudo menos discípulos de Jesus. Não compreendem as parábolas (4,13; 7,18). Não têm fé em Jesus (4,40). Não entendem a multiplicação dos pães (6,52; 8,20-21). Não sabem quem é Jesus, apesar de conviverem com ele (4,41). Antes conseguiam expulsar os demônios (6,13), mas agora já não conseguem mais (9,18). Brigam entre si pelo poder (9,34; 10,35-36.41). Querem ter o monopólio de Jesus, pois acham que são os donos (9,38). Levam susto quando Jesus fala da Cruz (8,32; 9,32; 10,32-34). Desviam Jesus do caminho do Pai (8,32). Afastam as crianças (10,13). Judas resolve traí-lo (14,10.44). Pedro chega a negá-lo (14,71-72). Na hora que Jesus mais precisa deles, eles dormem (14,37.40). E no fim, no momento da prisão, todos fogem e Jesus fica só (14,50)¹¹⁰.

¹⁰⁶ MONASTERIO; CARMONA, *Evangelios Sinópticos y Hechos de los Apóstoles*, p. 144 (trad. nossa).

¹⁰⁷ BARTOLOMÉ, J. J. El discipulado de Jesús en Marcos. *Estudios Bíblicos*, v. 51, nº 4, p. 518, 1993; NASCIMENTO, *Esquema Cristológico de Marcos*, p. 129.

¹⁰⁸ GOPEGUI, *O evangelho de Marcos: um roteiro inspirador para a catequese*, p. 287.

¹⁰⁹ RHOADS; DEWEY; MICHIE, *Marcos como Relato*, p. 137-138.

¹¹⁰ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Caminhamos na estrada de Jesus. O Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1996. p. 22.

Apesar do comportamento dos discípulos, Jesus, naturalmente, não os abandona. Pelo contrário, começa a instruí-los para que vençam a cegueira. Fá-lo, especialmente, depois da confissão de fé de Pedro em Cesaréia de Filipe (8,29), anunciando com toda a clareza o que acontecerá no final de sua viagem a Jerusalém – rejeição e morte -, coisa que os discípulos não estão dispostos a aceitar. Não entendem o messianismo de Jesus.

Olhando o evangelho, percebemos que, a cada anúncio da paixão (cf. 8,31; 9,31; 10,32-34), corresponde uma incompreensão dos discípulos (cf. 8,32; 9,32-34; 10,35-40) seguida de uma instrução (cf. 8,34-35; 9,35; 10,42-45)¹¹¹. Parece que, à medida em que Jesus esclarece com maior nitidez o sentido do caminho para Jerusalém, Marcos ressalta mais a incompreensão dos discípulos. O quadro seguinte elucida-nos a sequência que acabamos de referir:

Anúncio da paixão	Incompreensão dos discípulos	Instrução de Jesus
8,31	8,32	8,34-35
9,31	9,32-34	9,35
10,32-34	10,35-40	10,42-45

Desta forma, podemos perceber que primeiro aparece Pedro tentando afastar Jesus do caminho da cruz (cf. 8,32), pois sua ideia de Messias (assim como a dos outros discípulos e das pessoas daquela época), está ligada a honra, glória, triunfo, dignidades, primeiros lugares e não a desprezo, rejeição, fracasso. Para Pedro, se Jesus é o Messias, triunfará e será aceito por todos. Isso lhe vale uma repreensão de Jesus, já que não está a pensar as coisas de Deus, mas sim a dos homens (cf. 8,33).

Depois aparecem os Doze discutindo sobre quem é o maior.

Finalmente, já perto de Jerusalém, os filhos de Zebedeu pedem para se sentarem um à sua direita e outro à sua esquerda no dia da sua glória. No entanto,

¹¹¹ SILVA, A. J. da. O relato de uma prática – roteiro para uma leitura de Marcos. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis: Vozes, nº 22, p. 19, 1989.

Jesus ensina que a grandeza do Reino consiste em fazer-se o último e o servidor de todos (cf. 10,44).

Esta organização do texto chama a atenção sobre as oposições criança/adulto; último/primeiro; servir/dominar; rico/pobre; perder a vida/ganhar a vida que definem a prática messiânica¹¹².

Podemos, então, constatar que o tema da cegueira e da visão são caros à teologia marcana, particularmente no que diz respeito aos discípulos¹¹³. Marcos, efetivamente, nunca os chama de cegos, mas no decorrer do evangelho demonstra a falta de entendimento, a sua cegueira. Essa cegueira é ilustrada de forma mais incisiva com as estórias dos cegos de Betsaida (cf. 8,22-26) e de Jericó (cf. 10,46-52).

Mas, por que Marcos insiste nesta incompreensão dos discípulos? Com toda a certeza não é para desanimar a comunidade numa altura em que passava por um tempo difícil de perseguição. Pelo contrário, insistência na incompreensão é um método pedagógico sendo, naturalmente, o inverso daquilo que Marcos quer inculcar na sua comunidade¹¹⁴.

Neste evangelho, em que se denuncia com tanta força a cegueira do discípulo, é também onde encontramos a Cristo que nos convida a não ter medo porque Ele é também o que pode curar todas as nossas cegueiras. Como o próprio Jesus disse aos seus discípulos, há coisas que são humanamente impossíveis, mas Deus pode tudo (10,27). O discípulo, medroso e cego, deve abrir-se ao mistério da graça com a qual tudo é possível¹¹⁵.

O evangelho de Marcos dá um grande destaque aos discípulos pois queria que as comunidades, ao lerem o evangelho, descobrissem como ser discípulo e discipula de Jesus.

¹¹² SILVA, O relato de uma prática – roteiro para uma leitura de Marcos, p. 19.

¹¹³ HOWARD, C.D.C. Blindness and deafness. In: GREEN, J. B.; MCKNIGHT, S. *Dictionary of Jesus and the Gospels*. Leicester, England: Intervarsity Press, 1992, p. 81.

¹¹⁴ MINETTE de TILLESSE, C. *Revista Bíblica Brasileira*. Fortaleza: Nova Jerusalém, nº 1-2 (nº especial), 1992, p. 130.

¹¹⁵ MATEOS, M. D. El Discípulo según Marcos. In: ARENS, E.; ASCENJO, L. A.; MATEOS, M. D. *El que quiera venir conmigo – Discípulos según los evangelios*. Lima: IBC/ISSET/CEP, 2006. p. 142 (trad. nossa).

O narrador do evangelho de Marcos caracteriza os discípulos patenteando o seu conflito entre viver segundo a vontade de Deus ou viver segundo a vontade dos homens. O deixar tudo para seguir Jesus mostra que são capazes de assumir riscos e viver segundo a vontade de Deus, mas a preocupação com a sua segurança, os primeiros lugares mostram, por sua vez, que vivem segundo os termos humanos¹¹⁶.

O que os discípulos fazem e dizem mostra, por um lado, a fidelidade a Jesus como seguidores e ajudantes mas, por outro, a dificuldade para O seguir. O narrador compraz-se em revelar a sua falta de entendimento, seu medo e sua falta de fé. Jesus intervém corrigindo-os com frequência. Precisam mudar a ideia que têm de Deus, do ungido, de si mesmos e de seus valores. Jesus caminha com os discípulos para que cheguem a ver, ouvir, entender e assimilar¹¹⁷.

No evangelho de Marcos, os discípulos são caracterizados não por aprender uma doutrina, como os discípulos dos rabinos, mas sim por um seguimento que inclui tanto teoria quanto práxis. São chamados a uma comunidade de vida e não só de doutrina¹¹⁸.

Para Marcos, o discípulo é aquele que está disposto a deixar tudo, que não interpõe nada entre ele e Jesus, que incondicionalmente opta por Jesus com todas as consequências que essa opção implica. Senão não é discípulo¹¹⁹.

No entanto, há também outros que “seguem” Jesus, como: Leví, Bartimeu, as mulheres. Até a multidão o “segue” para todo o lado. Jesus convida todos ao seguimento, mas sobre isto se falará mais tarde.

Opositores: São as autoridades judaicas: fariseus, escribas, saduceus, cujo apego às tradições cristalizadas em mecanismos de dominação as incapacitam para acolher a novidade da mensagem de Jesus¹²⁰, bem como as autoridades romanas.

As autoridades podem ser tratadas como um personagem só, pois têm características similares e mantêm um papel continuado na trama¹²¹.

¹¹⁶ MATEOS, *El Discípulo según Marcos*, p. 170.

¹¹⁷ *Ibid.*, p. 171.

¹¹⁸ DÍAZ, *Las relaciones Jesús-pueblo-discípulos en el evangelio de Marcos*, p. 163.

¹¹⁹ MATEOS, *op. cit.*, p. 165.

¹²⁰ GOPEGUI, *O evangelho de Marcos: um roteiro inspirador para a catequese*, p. 287.

¹²¹ RHOADS; DEWEY; MICHIE, *Marcos como Relato*, p. 137.

O narrador descreve-as constantemente sob uma luz negativa. São caracterizadas através da oposição a Jesus, o personagem digno de confiança, e por seus esforços para desacreditar Jesus e o que Ele apresenta e representa (cf. 2,1-12.15-17.18-22.23-27). O que as autoridades dizem implica perguntas que insinuam acusações ou pretendem enredar Jesus nalguma palavra (cf. 3,22-30; 7,1-13; 8,11-13; 10,1-12; 11,27-33; 12,13-17.18-27). O que fazem mostra seus esforços para tramar a destruição de Jesus (cf. 3,1-6; 11,15-19; 12,1-12; 14,1-2.10-11.53-64)¹²².

Na descrição de Marcos, as autoridades estão cegas e surdas ante a soberania de Deus em Jesus. Não vêem nem ouvem o que está diante deles. Vêm que um homem paralítico anda e que um homem com a mão atrofiada se cura, mas não percebem a obra de Deus neles¹²³.

A sua cegueira advém, em parte, da maneira como interpretam as Escrituras. Crêem que para honrar a Deus é fundamental cumprir as leis, independentemente delas beneficiarem o povo ou não. Além disso, suas expectativas sobre a atividade do Messias impede-os de ver a soberania de Deus em caminhos inesperados. Daí que não vejam em Jesus - um camponês Galileu que os desafia, reclama a autoridade para perdoar pecados, desvaloriza as tradições e ataca o templo - o ungido. Finalmente, estão cegas ante sua própria hipocrisia. Condenam Jesus por curar em dia de sábado, porque honram a tradição de seus antepassados e, com isto, invalidam a palavra de Deus¹²⁴.

Em sua cegueira, as autoridades não podem imaginar um ungido que não se salve a si mesmo, que não use a força e se negue a dominar o povo¹²⁵.

A visão interna que o narrador revela de seus pensamentos e sentimentos mostra-os como personagens pouco fidedignos. Isto leva o leitor a não confiar neles. Os seus valores estão em contraste com os valores de Jesus. Por serem o oposto de Jesus iluminam o seu personagem por contraste¹²⁶.

¹²² RHOADS; DEWEY; MICHIE, *Marcos como Relato* p. 162.

¹²³ *Ibid.*, p. 164 (trad. nossa).

¹²⁴ *Ibid.*, p. 164.

¹²⁵ *Ibid.*, p. 168.

¹²⁶ *Ibid.*, p. 162.

Eles têm papel preponderante na paixão e morte de Jesus¹²⁷.

No evangelho de Marcos, eles são revelados como falsas autoridades, invejosas, destrutivas e cegas ante a vontade de Deus (cf. 3,1-6; 7,1-13; 10,1-12; 11,15-19; 12,18-27.38-40; 14,1-2.53-64). Tudo isto faz com que o leitor tenha uma opinião desfavorável em relação a eles.

Multidão: é no meio dela que se encontram muitos doentes. Constituem o meio ideal no qual Jesus se move. Vêm de toda a parte até Jesus¹²⁸. Buscam-no, seguem-no, rodeiam-no, apertam-se ao seu redor. Não lhe dão tempo nem para comer (cf. 3,20). Têm sede de instrução, levam-lhe os seus enfermos, pedem-lhe cura. Fica atônita perante a manifestação do poder de Deus em Jesus e o procura na esperança de ver realizadas as promessas messiânicas. Admiram-se, espantam-se, escutam-no, comentam, espalham a fama de Jesus, glorificam a Deus (cf. 1,22.27.45; 2,12; 4,41; 5,20.42; 6,2;10,32)¹²⁹.

Jesus se entretém gostosamente com a gente. Dirige-lhes seus discursos em parábolas. Convida-os com insistência a escutar e compreender (4,3.9.23.24) fazendo que eles mesmos sejam sujeitos de seu novo ensinamento (1,27) e se sintam livres da doutrina opressora dos escribas (1,22; 7,8.13). Por isso estende-se a explicar o verdadeiro sentido da Lei (7,14) em contraposição com o ensinamento dos escribas e fariseus (7,5-12) e convida a gente a cuidar-se de seus enganos e falsidades (12,38). Jesus trata de abrir-lhes a mente para que entendam não somente sua nova doutrina mas também rejeitem os falsos mestres¹³⁰.

Não reconhecem Jesus como o ungido. Pensam que é João Batista, Elias ou um profeta que viria no tempo final (cf. 6,14-16; 8,27-30)¹³¹.

Quando Jesus é preso deixam de segui-Lo e ficam vulneráveis às autoridades tradicionais. No final, instigada pelos chefes dos sacerdotes, pedem inclusive a crucificação de Jesus (cf. 15,11-14).

¹²⁷ FABRIS, O Evangelho de Marcos, p. 424.

¹²⁸ *Ibid.*, p. 424.

¹²⁹ BETTENCOURT, E. *Para entender os evangelhos*. Rio Janeiro: Livraria Agir, 1960, p. 129; AUNEAU, *Evangelho de Marcos*, p. 107.

¹³⁰ PERÓN, J. P. El lenguaje de Jesús en el Evangelio de Marcos. *Revista de Teología – Iteer* Caracas, nº 1, p. 32, 1992 (trad. nossa).

¹³¹ DÍAZ, *Las relaciones Jesús-pueblo-discípulos en el evangelio de Marcos*, p. 151.

Personagens secundários: não são personagem coletivo porque não estão relacionados uns com os outros, mas têm similitudes entre eles. O fato de suas aparições serem breves e na maioria das vezes anônimas não diminui a sua importância. São normalmente pessoas que vivem à margem, sem poder: crianças (cf. 9,14-29; 10,13-16), mulheres (cf. 5,21-43), um mendigo (cf. 10,46-52), um estrangeiro (cf. 7,24-30). Alguns são considerados impuros: os endemoninhados (cf. 1,21-28; 5,1-20; 9,14-29), o leproso (cf. 1,40-45), a mulher hemorroíssa (cf. 5,25-34), a mulher sirofenícia (cf. 7,24-30).

Mas também aparecem personagens secundários vindos das autoridades que se identificam favoravelmente com a soberania de Deus: Jairo, o chefe da sinagoga (cf. 5,1-24.35-43); a mulher que unge Jesus (cf. 14,3); o mestre da lei que não está longe do Reino de Deus (cf. 12,34); José de Arimatéia, que era membro distinto do sinédrio (cf. 15,43); o centurião que chama Jesus de “Filho de Deus” (cf. 15,39). Estas exceções mostram que Marcos acolhe bem as reações positivas a Jesus, venham elas de onde vierem¹³².

São pessoas que acolhem Jesus, têm fé, são humildes e com capacidade para o serviço. Muitos mudam ou a sua situação muda quando se encontram com Jesus¹³³. Por eles Jesus tem profunda compaixão (cf. 6,34; 8,2; 9,22)¹³⁴. São persistentes e determinados e sua fé vence obstáculos. Basta lembrarmos dos homens que baixaram o parálítico pelo telhado (cf. 2,1-12); Jairo que insiste apesar da morte da filha (cf. 5,21-24.35-43); a mulher hemorroíssa que tem que vencer a multidão (cf. 5,25-34); a mulher sirofenícia que supera a falta de vontade de Jesus em curar os gentios (cf. 7,24-30); Bartimeu que capta a atenção de Jesus apesar dos esforços da multidão para o silenciar (cf. 10,46-52).

A fé está presente também no ato de Simão, o leproso, acolher Jesus em sua casa (cf. 14,3), no da mulher ungendo a sua cabeça (cf. 14,3); em José de Arimatéia que O colocou no túmulo (cf. 15,42-46); nas mulheres que vão ao sepulcro para ungi-Lo (cf. 16,1-8).

Os personagens secundários também são apontados como exemplos. A pobre viúva é exemplo de como renunciar à vida, já que deu tudo o que tinha para

¹³² RHOADS; DEWEY; MICHIE, *Marcos como Relato*, p. 179.

¹³³ *Ibid.*, p. 180.

¹³⁴ PERÓN, *El lenguaje de Jesús en el Evangelio de Marcos*, p. 33.

viver (cf. 12,41-44); a mulher sirofenícia é exemplo do ser a última (cf. 7,24-30); Bartimeu exemplifica a persistência na fé (cf. 10,46-52); a sogra de Pedro exemplifica o serviço (cf. 1,29-31)¹³⁵.

Neste sentido, podemos considerá-los, apesar de por vezes cegos fisicamente (como Bartimeu em Mc 10,46-52), personagens de visão.

Jesus e os personagens secundários (pelo menos a maior parte deles) personificam o que Deus quer para o povo. Já as autoridades personificam o que as pessoas querem para elas mesmas. Os discípulos vacilam entre estes dois caminhos¹³⁶.

Conclusão

Ao longo deste primeiro capítulo constatamos que Marcos escreve para uma comunidade em crise, de forma a firmar a sua fé. Mostrando o caminho percorrido por Jesus, o evangelista quer ajudar a comunidade a ver os acontecimentos com outra luz, a ser verdadeiramente discípula. Para isso, escreve uma “história de Jesus”, não uma biografia, mas uma “história santa”, como lhe chama Gopegui, para mostrar que Jesus é o Messias, o Filho de Deus.

O princípio que unifica toda a obra é a revelação da identidade de Jesus como Messias e Filho de Deus vista nos temas Evangelho e Reino de Deus.

À tensão existente entre o ocultar e o revelar a identidade de Jesus, os teólogos e comentadores chamam de “segredo messiânico”. Ele é chamado dessa forma devido à proibição que Jesus coloca aos seus interlocutores de divulgarem que Ele é o Messias, o Filho de Deus.

O evangelho tem como personagem principal, Jesus, e é em função dele que os outros personagens intervêm na narrativa. Estes personagens que contracenam com Jesus agrupam-se em três categorias: discípulos, opositores e multidão, sendo que desta fazem parte os personagens secundários.

¹³⁵ RHOADS; DEWEY; MICHIE, *Marcos como Relato*, p. 181-182.

¹³⁶ *Ibid.*, p. 142.

Ainda que Jesus, Herodes, os sumos sacerdotes sejam pessoas reais, em Marcos, no entanto, eles são personagens da narração. Isso acontece também com acontecimentos e lugares e é neste mundo narrativo que os leitores entram.

O autor demonstrou uma grande capacidade narrativa nesta tarefa, de modo a levar o leitor a pensar a vida de uma maneira nova, a ter fé, a ver os acontecimentos “com os olhos de Deus”. Como discípulos e discípulas de Jesus somos convidados a deixar nossas cegueiras e a caminharmos pelas sendas do Filho de Deus.

Tendo percebido que ver é significativo no evangelho de Marcos, analisaremos em seguida o lugar de Mc 10,46-52 na narrativa marcana para, posteriormente, fazermos a sua análise narrativa.

CAPÍTULO II

O lugar de Mc 10,46-52 na narrativa marcana:

Ver – uma exigência para o seguimento

Depois de termos perpassado o evangelho de Marcos, vendo como este se organiza, olhando sua trama e seus personagens, explicitaremos, ao longo deste capítulo por que “ver” é uma exigência para o seguimento.

Trabalharemos em quatro vertentes. A primeira trata de averiguar como o tema da visão ocorre até antes de Mc 10,46-52. Faremos um percurso pelo evangelho verificando as ocorrências do verbo “ver” e, também, alguns termos ligados à visão, como “olhar”, “fitar”, “espreitar”. Além disso, faremos uma análise comparativa entre as duas curas de cegos: o de Betsaida (8,22-26) e o à saída de Jericó (10,46-52).

Num segundo momento, mostraremos a importância do tema da visão para o evangelista. A pergunta de fundo será: Por que Marcos introduz este tema no seu evangelho?

Em seguida, focaremos a atenção na ligação entre seguimento e cruz, antes de Mc 10,46-52, e, finalmente, no significado da referida perícopa neste momento da narração.

2.1. Os dois cegos e o tema da visão no conjunto do Evangelho, até antes de Mc 10,46-52

Ao olhar o evangelho de Marcos constatamos que, até 10,46-52, o verbo “ver” e alguns termos a ele ligados, ocorrem várias vezes. No grego, o ato de ver é verificado com os verbos εἶδω no sentido de ver¹, βλέπω no sentido de olhar² e παρατηρέω no sentido de espiar³. Examinemos mais detalhadamente essas ocorrências.

Jesus vê, no seu batismo, os céus sendo rasgados e o Espírito como uma pomba descer até Ele (cf. 1,10). Em 1,16.19; 2,14, vê e chama, respectivamente, Simão e André, seu irmão; Tiago de Zebedeu e João, seu irmão; Levi, o filho de Alfeu. Em 2,5, Jesus vê a fé dos que traziam o paralítico.

Em 4,12, o verbo “ver” ocorre na citação que Jesus faz do profeta Isaías quando diz: *“Para que, vendo vejam e não enxerguem...”* (Is 6,9)⁴.

Em 6,48, Jesus vê os discípulos atormentados a remar, pois o vento lhes era contrário. Em 8,33, volta-se e, *“vendo os seus discípulos, advertiu Pedro, dizendo: ‘Vai para trás de mim, satanás...’”*⁵. Em 10,14, Jesus vê os discípulos censurando quem traz as criancinhas e se aborrece.

Diferentemente, em 3,5 e 5,32, aparece o verbo “olhar”, que está do mesmo modo ligado à visão de Jesus: *“E tendo-os olhado em redor com ira, contristado com a dureza de seu coração...”* (3,5)⁶. Jesus olha em redor para ver quem o tocou (cf. 5,32). Em 10,23, Jesus volta a olhar ao redor e, depois, fala aos discípulos sobre a dificuldade dos que possuem riquezas entrarem no reino de Deus.

Em 10,21.27, ocorre o verbo “fitar”. Jesus fita o homem rico (v.21) e os discípulos (v.27).

¹ Mc 1,10.16.19; 2,5.14.16.24; 5,6.14; 6,48.49.50; 7,2; 8,33; 9,14.20.25; 10,14.

² Mc 3,5; 4,12; 5,31.32; 9,8.15; 10,21.23.27.

³ Mc 3,2.

⁴ KONINGS, J. *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*, São Paulo: Loyola, 2005, p. 101.

⁵ *Ibid.*, p. 135.

⁶ *Ibid.*, p. 79.

Ligado aos discípulos, o verbo “ver” aparece em 5,31, quando dizem a Jesus: *“Vês a turba apertando-te e dizes: Quem me tocou?”*⁷. Em 6,49-50, os discípulos veem Jesus caminhar sobre o mar e pensam que é um fantasma e gritam apavorados. Em 9,8, na transfiguração, Pedro, Tiago e João, *“olhando em redor, não viram mais ninguém, mas só Jesus com eles”*⁸.

Em relação com os opositores de Jesus, o verbo “ver” ocorre em 2,16, quando os escribas dentre os fariseus vêm Jesus comer com os pecadores e publicanos e, em 2,24, os fariseus dizem a Jesus: *“Vê! Por que fazem no sábado o que não é permitido?”*⁹ Referem-se aos discípulos que arrancavam as espigas em dia de sábado. Em 3,2, é empregado o verbo “espreitar”. Os fariseus e os herodianos espreitavam Jesus para ver se curaria em dia de sábado, para o acusarem. Em 7,2, os escribas e fariseus veem os discípulos comerem sem lavarem as mãos.

Em 5,6, é um homem com espírito impuro que, *“tendo visto Jesus, de longe, correu e prostrou-se diante dele”*¹⁰, o que faz com que o povo acorresse para ver o acontecido (cf. 5,14). Na cura do epilético endemoninhado, o verbo “ver” ocorre várias vezes. Quando descem do monte da transfiguração, Jesus, Pedro, Tiago e João veem uma grande turba em torno dos outros discípulos e os escribas discutindo com eles (9,14). Depois é a turba que, *“vendo-o, pasmou-se e, acorrendo, saudava-o”* (9,15)¹¹. Seguidamente, é o espírito mudo que, vendo Jesus, sacode o menino (cf. 9,20). Por fim, é Jesus que, vendo que a turba concorria, adverte o espírito mudo e surdo para que saia do menino (cf. 9,25).

Olhando este panorama, percebemos que quem vê, na realidade, é Jesus. Os discípulos e os opositores veem erroneamente, já que os discípulos confundem Jesus com um fantasma (cf. 6,49). Os escribas, fariseus e herodianos estão preocupados apenas com as aparências e com o poder que detêm.

Além destas passagens, no evangelho de Marcos, antes de 10,46-52, existe uma ocorrência bastante significativa em nível de visão: é a cura do cego de Betsaida (cf. 8,22-26). Uma comparação entre esta e a cura do cego Bartimeu à

⁷ KONINGS, *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*, p. 113.

⁸ *Ibid.*, p. 138.

⁹ *Ibid.*, p. 78.

¹⁰ *Ibid.*, p. 110.

¹¹ *Ibid.*, p. 138.

saída de Jericó pode ser elucidativa para entendermos o que Marcos pretende ao narrar este milagre neste ponto da narrativa. Olhemos mais atentamente para ambas.

Mc 8,22-26¹²	Mc 10,46-52¹³
²² E foram a Betsaida	⁴⁶ E vão a Jericó,
	e saindo ele de Jericó, e os seus discípulos e uma grande turba,
	o filho de Timeu, Bartimeu,
	mendigo cego, estava sentado à beira do caminho.
	⁴⁷ E ouvindo (que): É Jesus, o Nazareno,
e trazem-lhe um cego	começou a gritar e a dizer: Filho de Davi, Jesus, tem misericórdia de mim!
e invocam-no para que toque nele.	⁴⁸ E muitos o advertiam para que silenciasse.
	Ele gritava muito mais:
	Filho de Davi, tem misericórdia de mim.
²³ E tendo acolhido o cego pela mão,	⁴⁹ E, parando, Jesus disse:
levou-o para fora do povoado, e tendo cuspidos nos olhos dele, tendo imposto nele as mãos, perguntou-lhe:	
	Chamai-o!
	E chamam o cego, dizendo-lhe:
	“Anima-te, ergue-te! Ele te chama!
	⁵⁰ Este, largando seu manto, com um pulo foi até Jesus.
Estás vendo alguma coisa?	⁵¹ E, respondendo, Jesus lhe disse: Que queres que eu te faça?
²⁴ E ele, olhando para cima, disse: Vejo os homens (que) como árvores andando em redor.	O cego disse-lhe: Rabúni, que eu veja de novo.
²⁵ Então {Jesus} impôs novamente as mãos sobre os seus olhos, e ele enxergava bem e se restabeleceu e via tudo claramente.	
²⁶ E enviou-o para casa dizendo: Nem entres no povoado.	⁵² E Jesus disse-lhe: Vai, tua fé te salvou.
	E logo viu de novo,
	e seguia Jesus pelo caminho.

¹² KONINGS, *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*, p. 133.

¹³ *Ibid.*, p. 201-202.

Ambas as perícopes começam por situar o lugar do milagre¹⁴. Mc 8,22-26 situa a cura em Betsaida, enquanto Mc 10,46-52 a localiza à saída de Jericó.

Sobre o cego de Betsaida diz-se simplesmente que é cego (v.22). Quanto ao de Jericó, diz-se que era filho de Timeu, revela-se o seu nome: Bartimeu. Além de cego, diz-se que era mendigo e estava sentado à beira do caminho (v.46).

Ao cego de Betsaida, alguém o ajuda (v.22), visto que o levam a Jesus e invocam-no para que o toque. Já Bartimeu não tem ajuda de ninguém; pelo contrário, grita pela misericórdia do Filho de Davi e tem que enfrentar a oposição dos muitos que querem silenciá-lo (v. 47-49).

Em Betsaida, o cego é conduzido por Jesus pela mão para fora do povoado. Há contato físico. Jesus afasta o enfermo da multidão. A cura dá-se em privado¹⁵, somente na presença de Jesus. Já Bartimeu é salvo publicamente. Além disso, enquanto que com o cego de Betsaida Jesus cospe nos seus olhos e impõe as mãos (por duas vezes), ou seja, realiza gestos de cura¹⁶, à saída de Jericó, para com Bartimeu, nenhum gesto de cura ocorre. Em Mc 10,46-52, não consta qualquer tipo de contato físico ou de gesto curativo.

As questões que Jesus coloca a um e a outro são, também, bastante dispares. Ao cego de Betsaida, no meio do processo de cura, pergunta: “*Estás vendo alguma coisa?*” (v.23)¹⁷. Enquanto a Bartimeu pergunta, quando este chega junto de si: “*Que queres que eu te faça?*” (v.51)¹⁸.

¹⁴ PAGOLA, J. A. *Jesús de Nazaret – El hombre e su mensaje*. San Sebastian: Datz, 1984, p. 255; BLACKBURN, B. L. Miracles and miracle stories. In: GREEN, J. B.; MCKNIGHT, S. *Dictionary of Jesus and the Gospels*. Leicester, England: Intervarsity Press, 1999, p. 550. O termo mais frequente nos sinóticos é *dynamis*. Os milagres são gestos nos quais se manifesta a força salvadora de Deus que se nos oferece em Jesus. BELLOSO, J. M. R. *Jesús, el Mesías de Dios una teología para unir conocimiento, afecto y vida*. Salamanca: Sígueme, 2005, p. 215; CARDEDAL, O. G. *Cristología*. Madrid: BAC, 2001, p. 59. O motivo mesmo do milagre é o amor misericordioso para com aquele a quem falta saúde ou vida. BEINERT, W. ¿Qué es un milagro?. *Selecciones de Teología*, v. 45, nº 179, p. 223, 2006. Nas narrações de milagres sempre se trata de repor uma situação anterior: saúde, vida, acalmar a tempestade, etc. GUNDRY, R. H. *Mark – A Commentary on His Apology for the Cross*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1993, p. 596; ACHTEMEIER, P. J. And He followed him: Miracles and discipleship in Mark 10:46-52. *Semeia*, nº 11, p. 120, 1978. Os elementos para narrar uma estória de milagre: problema a ser resolvido, solução que o resolve e prova de que o problema está de fato ligado à solução.

¹⁵ PUERTO, M. N. *Marcos*. Navarra: Verbo Divino, 2006, p. 295.

¹⁶ *Ibid.*, p. 294; SCHMID, J. *El Evangelio según San Marcos*. Barcelona: Herder, 1967, p. 219.

¹⁷ KONINGS, *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*, p. 133.

¹⁸ *Ibid.*, p. 201.

A cura do cego de Betsaida dá-se progressivamente¹⁹ (vv.23-25), enquanto a de Bartimeu ocorre rapidamente (vv.51-52).

Ao cego de Betsaida, Jesus “enviou-o para casa dizendo: *‘Nem entres no povoado’*” (v.26)²⁰, o que alude ao segredo messiânico²¹. Já a Bartimeu, Jesus diz: *“Vai, tua fé te salvou”* (v.52)²². Não existe aqui nenhuma imposição de silêncio.

Sobre o cego de Betsaida não se sabe mais nada. Ao contrário, sobre o cego Bartimeu sabe-se que, curado, *“seguia Jesus pelo caminho”* (v.52)²³.

Notemos que antes da cura do cego de Betsaida, Jesus havia perguntado com as palavras tradicionais que procedem de Is 6,9-10: *“Tendo olhos, não enxergais...?”* (8,18)²⁴. Este era o problema. Aos pagãos da Decápole faltava a abertura à palavra (7,31-37). Aos discípulos que seguem Jesus lhes falta entendimento²⁵. Como sinal da necessidade de abrir os olhos, se introduz este relato²⁶. O cego é agora representante de todos os discípulos²⁷. Jesus cura-o utilizando gestos semelhantes aos que usou com o surdo-mudo²⁸: leva-o para fora da aldeia, cospe nos seus olhos, impõe-lhe as mãos e pergunta: *“Estás vendo alguma coisa?”*²⁹.

É curioso o cuidado de Jesus. Cheio de paciência, começa impondo as mãos, pergunta, escuta e volta a utilizar de novo os poderes curativos, até que o cego possa ver as coisas com perfeição³⁰.

Mc 8,22-26 manifesta o cuidado que Jesus demonstrou para abrir os olhos dos seus discípulos³¹.

¹⁹ PUERTO, Marcos, p. 295; CARMONA, A. R. *Evangelio de Marcos*. Sevilla: Desclée De Brouwer, 2006, p. 90; FABRIS, R. O Evangelho de Marcos. In: BARBAGLIO, G.; FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos (I)*, São Paulo: Loyola, 1990, p. 505; TAYLOR, V. *Evangelio según San Marcos*. Madrid: Cristiandad, 1979, p. 440.

²⁰ KONINGS, *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*, p. 133.

²¹ FABRIS, *op. cit.*, p. 505.

²² KONINGS, *op. cit.*, p. 201.

²³ *Ibid.*, p. 202.

²⁴ *Ibid.*, p. 132.

²⁵ GALIZZI, M. *Evangelio según San Marcos*. Comentario exegético-espiritual. Madrid: San Pablo, 2007, p. 163.

²⁶ PIKAZA, X. *Para vivir el Evangelio – Lectura de Marcos*. Navarra: Verbo Divino, 1997, p. 108; CARMONA, *Evangelio de Marcos*, p. 90.

²⁷ PIKAZA, *op. cit.*; GALIZZI, *op. cit.*, p. 163.

²⁸ PUERTO, *op. cit.*, p. 294; GALIZZI, *op. cit.*, p. 162; FABRIS, *op. cit.*, p. 505.

²⁹ KONINGS, *op. cit.*, p. 133.

³⁰ PIKAZA, *op. cit.*, p. 108.

³¹ CARMONA, *op. cit.*, p. 90.

O milagre do cego de Betsaida é sinal de tudo o que tem feito Jesus com seus discípulos: um caminho de ensino intenso e cuidadoso. Quis abrir os seus olhos, fazendo-os capazes de ver, de forma nova, as coisas, para compreenderem assim o sentido dos pães (vida partilhada) e para se vincularem com todos os homens e mulheres da terra, em gesto de comunhão messiânica³².

Com esta cura, Marcos nos diz que é preciso agarrar-se a Jesus se se quer ter olhos que vejam e se quer alcançar a compreensão crente de sua palavra. A colocação da perícope antes da confissão de fé de Pedro e da instrução subsequente aos discípulos sobre a necessidade de padecimento indica que Jesus quer abrir-lhes os olhos. Podemos ver uma correspondência entre a cura, por um lado, e a introdução gradual na compreensão da pessoa de Jesus, por outro³³. O cego de Betsaida encarna o discípulo que, com Jesus, faz a experiência de recobrar a visão.

Quanto à cura do cego Bartimeu, podemos antever, desde já e a partir da cura do cego de Betsaida, a sua importância. No entanto, só mais adiante explicitaremos a sua função na narrativa marcana.

2.2. Por que Marcos introduz o tema da visão no Evangelho?

O tema da visão é significativo no evangelho de Marcos. Com ele, o evangelista nos fala da necessidade de ver para depois seguir. É preciso conhecer aquele a quem seguimos e o que isso implica. Marcos introduz o tema por antítese. O motivo da incompreensão (cegueira) dos discípulos permeia todo o evangelho.

Na primeira parte do evangelho, Marcos oferece-nos a atividade pública de Jesus na Galiléia e regiões adjacentes, acompanhado dos discípulos. Toda a primeira parte se caracteriza pela incapacidade destes perceberem quem é Jesus. Apesar da contínua manifestação do messianismo de Jesus ante os discípulos nas inúmeras curas, exorcismos e milagres sobre a natureza, permanecem incapazes de

³² PIKAZA, *Para vivir el Evangelio*, p. 109.

³³ GNILKA, J. *El Evangelio según San Marcos*: Mc 1,1 – 8,26, Salamanca: Sígueme, 1999, v. 1, p. 351; AZEVEDO, W. O. de. *Comunidade e Missão no Evangelho de Marcos*. São Paulo: Loyola, 2002, p. 66.

entender e de se comprometerem com esse messianismo. Nem mesmo quando são enviados em sua própria atividade milagrosa (6,7), na qual têm êxito, os discípulos entendem a sua relação com Jesus e a verdadeira identidade deste. Parece que, à medida em que os fatos se desenvolvem, a incompreensão fica mais tenaz na narração.

Em 4,13, os discípulos não entenderam a parábola e, em 4,40 se explica que a causa dessa incompreensão foi a falta de fé. Em 4,41, não entendem o acalmar da tempestade. O mesmo acontece em 6,52, na multiplicação dos pães, onde se atribui a incapacidade de ver à dureza do coração. Em 7,18, se torna a censurar a incompreensão dos discípulos e, em 8,17-18, fala-se de novo da sua incompreensão e dureza de coração³⁴. Têm olhos, mas não enxergam (cf. 8,18).

Esta incompreensão torna-se mais surpreendente se levarmos em conta que, ao longo do evangelho, os discípulos dispõem de uma posição privilegiada ante Jesus da qual mais ninguém goza.

Dada esta incompreensão, não é de se estranhar, então, que, em Cesaréia de Filipe, Jesus faça uma dupla pergunta aos discípulos: “*Quem dizem os homens que eu sou?*” (8,27)³⁵ e “*Vós, porém, quem dizeis que eu sou?*” (8,29)³⁶. Na verdade, o acento cai sobre a segunda pergunta cuja resposta demonstrará o progresso do discípulo na compreensão da identidade do Mestre.

A esta altura do evangelho, e contrariamente a tudo o que vem acontecendo, Pedro confessa Jesus como Messias. Mas, que compreensão ele e os demais discípulos têm da messianidade de Jesus? Se pensávamos que, com esta confissão, os discípulos tinham alcançado uma completa compreensão da identidade de Jesus, isso logo se desvanece pelo modo como são apresentados na segunda metade do evangelho³⁷.

O que Pedro diz está correto, já que Jesus se apresentou como o Messias esperado ao alimentar a multidão e ao acolher a todos independentemente da sua

³⁴ PESCH, R. *Commentario Teologico del Nuovo Testamento: Il Vangelo di Marcos*. Brescia: Paideia, 1982, v. 1, p. 437; TYSON, J. B. The Blindness of the Disciples in Mark. *Journal of Biblical Literature*, p. 262, 1961; MATEOS, M. D. El Discípulo según Marcos. In: ARENS, E.; ASCENJO, L. A.; MATEOS, M. D. *El que quiera venir conmigo – Discípulos según los evangelios*. Lima: IBC/ISET/CEP, 2006, p. 143.

³⁵ KONINGS, *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*, p. 134.

³⁶ *Ibid.*, p. 134.

³⁷ PERAL, L. A. M. *Tras las Huellas de Jesús*. Madrid: BAC, 2006, p. 210.

procedência. No entanto, Jesus lhes impõe silêncio, pois o reconhecimento é só parcial, devido à cegueira e à dureza de coração (cf. 6,52; 8,17). Na verdade, os discípulos têm uma concepção errada acerca da natureza do messianismo de Jesus³⁸, isto porque a palavra “Messias” estava impregnada de conceitos nacionalistas, políticos, religiosos³⁹. A Palestina estava sob a dominação romana e muitos esperavam um Messias que libertasse o povo do poder opressor⁴⁰. Por isso, sua figura estava associada ao poder, êxito e glória⁴¹.

É evidente que os discípulos, mesmo tendo identificado Jesus com o Messias, são incapazes de entender o tipo de messianismo que reclama para si (cf. 8,31-33; 9,30-32; 10,32-34). O messianismo de Pedro nada tem a ver com o messianismo sofredor de Jesus⁴².

Jesus impõe silêncio para não despertar falsas esperanças. Ainda há um longo caminho a percorrer. Espera que o discípulo tenha uma visão clara sobre a sua pessoa e não uma visão equivocada. Por isso intensifica a instrução aos discípulos apresentando a sua identidade. Faz isso na chamada seção do caminho⁴³. Jesus, efetivamente, vai pelo caminho que conduz a Jerusalém, mas a palavra caminho tem também um sentido metafórico para identificar a sua missão e destino. Neste caminho, é aos discípulos que Jesus se dedica de modo especial.

A instrução (cf. 8,31) tem como finalidade revelar a verdadeira identidade messiânica de Jesus e colocar o discípulo no caminho, comprometendo-o com a mesma missão e destino do Mestre. Ao mesmo tempo em que ressalta o ensino de Jesus, o evangelista coloca em evidência a cegueira dos discípulos. Disso damos conta, especialmente, depois dos três anúncios da paixão⁴⁴.

³⁸ MATEOS, *El Discípulo según Marcos*, p. 170; TYSON, *The Blindness of the Disciples in Mark*, p. 262.

³⁹ CARMONA, *Evangelio de Marcos*, p. 96.

⁴⁰ GALIZZI, *Evangelio según San Marcos*, p. 170.

⁴¹ MATEOS, *op. cit.*, p. 120-121.

⁴² GALIZZI, *op. cit.*, p. 169.

⁴³ A palavra aparece em 8,27; 9,33.34; 10,1.17.32.46.52.

⁴⁴ MATEOS, *op. cit.*, p. 121-122; GALIZZI, *op. cit.*, p. 169.

Depois do primeiro anúncio da paixão, Pedro adverte Jesus, renega a necessidade do sofrimento do Filho do Homem, é chamado de Satanás e inicia com os discípulos o seguimento de Jesus no caminho da cruz (cf. 8,31-38)⁴⁵.

Durante a transfiguração Pedro, Tiago e João mostram não compreender o que acontece (cf. 9,6). O discurso de Jesus sobre a ressurreição do Filho do Homem fica obscuro para os três discípulos (cf. 9,10). Os outros mostram falhar por ocasião do exorcismo e são chamados de “geração descrente” (cf. 9,19).

Nenhum deles entende a segunda profecia de sofrimento e ressurreição de Jesus (cf. 9,32), mas não perguntam nada por medo. Seguidamente discutem sobre quem é o maior (cf. 9,33-35)⁴⁶.

Não compreendem a atitude de Jesus para com as crianças (cf. 10,13)⁴⁷ e a parábola de Jesus sobre a riqueza os espanta (cf. 10,24.26). Em 10,32, é-nos revelado que se colocam a caminho para Jerusalém com temor⁴⁸.

O terceiro anúncio é mais detalhado. Depois dele, os discípulos disputam os maiores postos na glória de Jesus (cf. 10,35-45).

Com os três anúncios da paixão, Marcos deixa claro que os discípulos não compreendiam o messianismo de Jesus, pois não o entendiam como Messias sofredor, mas como Messias rei que resultaria em benefício para eles⁴⁹.

O exemplo de fidelidade de Jesus contrasta com a atitude dos discípulos. Um o trai (cf. 14,10-11.43-46) enquanto os outros fogem na noite da prisão (cf. 14,27.50). Pedro nega Jesus (cf. 14,29-31.54.66-72), depois de, junto com os filhos de Zebedeu, não ser capaz de vigiar com Ele no Getsêmani (cf. 14,32-41)⁵⁰.

O motivo da incompreensão dos discípulos mostra como é difícil entender que o caminho de Jesus passa pela cruz⁵¹ e é uma chamada de atenção contra a incredulidade da comunidade. Ver, conhecer aquele a quem seguimos, é essencial. Afinal, de quem somos discípulos?

⁴⁵ PESCH, *Commentario Teologico del Nuovo Testamento: Il Vangelo di Marcos*, p.437; TYSON, *The Blindness of the Disciples in Mark*, p. 262.

⁴⁶ PESCH, *op. cit.*, p. 438; TYSON, *op. cit.*, p. 262; PERAL, *Tras las Huellas de Jesús*, p. 212.

⁴⁷ PERAL, *op. cit.*, p. 212.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 212.

⁴⁹ TYSON, *op. cit.*, p. 262.

⁵⁰ MATEOS, *El Discípulo según Marcos*, p. 84; PESCH, *op. cit.*, p. 438; PERAL, *op. cit.*, p. 210.

⁵¹ OPORTO, S. G. (Dir. e Coord.). *El auténtico Rostro de Jesús – Guía para una lectura comunitaria del Evangelio de Marcos*. Navarra: Verbo Divino, 1996, p. 32.

A esta pergunta responde o evangelho de Marcos em três momentos da vida de Jesus pelo comportamento escandaloso que este e seus discípulos assumem, ao fazerem o que não é permitido (cf. 2,18.24; 7,5)⁵². O modo como Jesus ensina consiste em realizar o bem ao ser humano, sem se preocupar com leis sobre pureza, se a pessoa é judia ou pagã, rica ou pobre, santa ou pecadora. O que transmite não é uma teoria, mas uma forma de viver e atuar. Em face dos grupos de discípulos de João Batista e dos fariseus, que têm como símbolo o jejum para se aproximarem e agradarem a Deus, Jesus responde com um símbolo diferente: a mesa partilhada numa festa de bodas (cf. 2,19-20). Estamos ante uma religião diferente, nova. Essa novidade consiste numa forma nova de entender e se relacionar com Deus, uma nova maneira de praticar a religião e de se relacionar com os outros seres humanos. Ser discípulo de Jesus é passar do velho ao novo, do jejum à festa⁵³. “Acaso os convidados das núpcias podem jejuar enquanto o noivo está com eles?” (cf. 2,19)⁵⁴ é a pergunta do Mestre.

2.3. Qual a ligação entre seguimento e cruz antes em Mc 10,46-52?

Jesus chamou algumas pessoas para que percorressem com ele os caminhos da Palestina⁵⁵. Aqueles a quem chamamos de discípulos, ele chamou também a partilhar sua vida e seu destino⁵⁶.

Contrariamente ao que acontecia na época, em que eram os discípulos que escolhiam o seu mestre, aqui é Jesus que chama⁵⁷ e não chama para que sigam um programa de ação ou de doutrina moral, mas para que O sigam. É a pessoa de

⁵² MATEOS, *El Discípulo según Marcos*, p. 153.

⁵³ *Ibid.*, p. 161-163.

⁵⁴ KONINGS, *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*, p. 58.

⁵⁵ PALACIO, C. *Jesus Cristo: História e interpretação*. São Paulo: Loyola, 1979, v. VI, p. 116.

⁵⁶ AUGRAIN, C. Seguir. In: LÉON-DUFOUR, X. *Vocabulario de Teología Bíblica*. Barcelona: Herder, 1967, p. 477-478; GALIZZI, *Evangelio según San Marcos*, p. 174.

⁵⁷ PERAL, *Tras las Huellas de Jesús*, p. 151; PALACIO, *op.cit.*, p. 117; AUNEAU, J. *Evangelho de Marcos*. In: AUNEAU, J.; BOVON, F.; GOURGUES, M.; CHARPENTIER, E.; RADERMARKERS, J. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 109.

Jesus que os discípulos são chamados a seguir⁵⁸. Sem o encontro pessoal com o Mestre, sem a adesão ao seu projeto com toda a acolhida e decisão não acontece o seguimento em sentido próprio⁵⁹.

Respondendo ao chamado, os discípulos dão o primeiro passo. Mas, é no decorrer do caminho que vão percebendo todas as implicações desta opção.

A eleição dos Doze (cf. 3,13-19) mostra que é associando-se à pessoa de Jesus e identificando-se com Ele que se pode depois sair para fazer e viver o mesmo que Jesus (cf. 3,14-15)⁶⁰. “Estar com Ele” ou “seguir-Lo” são sinônimos de uma mesma opção de vida: caminhar com Jesus na mesma direção e com o mesmo projeto⁶¹. Discipulado e seguimento estão intimamente implicados. Não há seguimento sem discipulado, nem discipulado sem seguimento. Sem a prática do seguimento, não é possível ser discípulo, já que a essência do discipulado é seguir Jesus. E o discípulo adquire esse nome quando se coloca na atitude de seguidor⁶².

O conceito de seguimento intensifica-se no início da segunda parte do evangelho (cf. 8,34; 9,38; 10,28.32.52). No caminho para Jerusalém, Jesus vai se empenhar na instrução aos discípulos, ensinando-os e revelando-lhes as profecias da sua paixão, morte e ressurreição.

Primeiro anúncio da paixão (8,31-38)

Depois da confissão de fé de Pedro, ao qual Jesus impõe silêncio, chama a atenção a mudança de atitude de Jesus⁶³ que, no primeiro anúncio da paixão, começa a ensinar os discípulos *“que o Filho do Homem devia sofrer muito e ser rejeitado pelos anciãos, pelos sumos sacerdotes e pelos escribas, ser morto e, depois de três dias, levantar-se. E falava isso com parresia”* (8,31-32a)⁶⁴.

Diferentemente de Pedro, que o chamou de Messias, Jesus se intitula Filho do Homem. Esse ser humano, símbolo da humanidade, contrapõe-se no livro do

⁵⁸ MATEOS, *El Discípulo según Marcos*, p. 90; MIRALLES, J. Notas para una lectura del Evangelio de Marcos. *Selecciones de Teología*, v. 15, nº 58, p. 125, 1976; FEUILLET, A. Discípulo. In: LÉON-DUFOUR, X. *Vocabulario de Teología Bíblica*. Barcelona: Herder, 1967, p. 214.

⁵⁹ PERAL, *Tras las Huellas de Jesús*, p. 98.

⁶⁰ MATEOS, *op. cit.*, p. 95; AUNEAU, *Evangelho de Marcos*, p. 109; OPORTO, *El autentico Rostro de Jesús*, p. 31.

⁶¹ PALACIO, *Jesus Cristo: História e interpretação*, p. 116.

⁶² PERAL, *op. cit.*, p. 99-100.

⁶³ TAYLOR, *Evangelio según San Marcos*, p. 450.

⁶⁴ KONINGS, *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*, p. 135.

profeta Daniel, à animalidade e brutalidade dos impérios representados pelas bestas da sua visão (cf. Dn 7,1-21)⁶⁵. No fundo, está a idéia de que há dois modos de ser Messias: segundo os homens ou segundo Deus, de poder ou de serviço. À luz desta tradição bíblica, Marcos mostra a novidade do projeto messiânico de Jesus⁶⁶.

Outra observação diz respeito à necessidade de o Filho do Homem ser rejeitado. Essa rejeição vem da autoridade religiosa e intelectual dos judeus e já se havia insinuado em diversas ocasiões: na cura do paralítico, o acusam de blasfemo (cf. 2,7) e, ao curar o homem da mão atrofiada, confabulam contra Ele (cf. 3,6). Para fundamentar a sua decisão, dizem que *“Ele tem Belzebul”* e que *“pelo chefe dos demônios expulsa os demônios”* (cf. 3,22). Os instalados no poder consideram-no um perigo e, por isso, decidem destruí-Lo⁶⁷. O destino de Jesus é consequência de sua missão e de sua atuação no mundo. Isso o discípulo deve aprender. O “estar com Jesus” (3,14) se converte agora em caminhar e sofrer com Jesus⁶⁸.

Mas Pedro não entende isso. Se antes se adiantou para responder à sua pergunta em nome de todos, agora se adianta para O corrigir (cf. 8,32). Pedro tem medo de seguir Jesus e ter o mesmo destino.

Jesus corrige-o diante de todos, pois quer que seus discípulos sejam fiéis à vontade de Deus assim como Ele o é. A sua declaração é das mais duras em todo o evangelho: *“Vai para trás de mim, satanás, pois não tens em mente as coisas de Deus, e sim, as dos homens!”* (8,33)⁶⁹. Ao atrevimento de Pedro em fazer-se mestre, Jesus o repreende e o coloca atrás de si, pois é aí o lugar do discípulo⁷⁰. A sedução do poder e os medos são expressão de outro messianismo que não o de Jesus. O discípulo deve rejeitá-los se quer estar com Jesus⁷¹.

A proposta de Jesus é diferente. *“E chamando a si a turba, com seus discípulos, disse-lhes: se alguém quer vir atrás de mim, renuncie a si mesmo e leve a sua cruz e siga-me”* (8,34)⁷². Que propõe Jesus? A primeira coisa que sobressai é que a proposta tem a ver com a pessoa de Jesus: *“se alguém quer vir atrás de mim”*,

⁶⁵ GALIZZI, *Evangelio según San Marcos*, p. 171.

⁶⁶ FABRIS, *O Evangelho de Marcos*, p. 513-514; MATEOS, *El Discípulo según Marcos*, p. 122.

⁶⁷ GALIZZI, *op. cit.*, p. 171.

⁶⁸ MATEOS, *op. cit.*, p. 123.

⁶⁹ KONINGS, *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*, p. 135.

⁷⁰ GALIZZI, *op. cit.*, p. 172; OPORTO, *El autentico Rostro de Jesús*, p. 90.

⁷¹ MATEOS, *op. cit.*, p. 124.

⁷² KONINGS, *op. cit.*, p. 135.

“siga-me”, porque ser discípulo é, antes de tudo, “estar com Ele”. Mas o discípulo também deve saber que a fidelidade ao Reino pode levar à cruz⁷³. A disponibilidade para acolher o que vier como fruto da fidelidade ao Reino é expressa em Marcos com outra frase: há que renunciar a si mesmo; quer isso dizer, há que se fazer livre para seguir o caminho, pois o chamado de Jesus absorve a pessoa na sua totalidade⁷⁴.

Aplicado ao tema do seguimento, significa que “eu” não sou o centro. Há uma causa maior que unifica e dinamiza a vida e é fonte de fidelidade absoluta e incondicional. Essa causa é estar com Cristo⁷⁵. Renunciar a si mesmo é abrir-se à graça e centrar a vida em Cristo como fonte de plenitude. No centro da proposta, não está a renúncia, mas sim a liberdade para acolher generosamente o projeto de vida que Cristo propõe. Cristo propõe um convite à liberdade.

Só chegará a ser discípulo aquele que renunciar ao seu “eu”, a seus desejos mais íntimos, a seu modo de pensar e atuar, e adotar o estilo de vida do Mestre, de maneira que sinta, pense e atue como Ele.

O seguimento supõe renúncia a si mesmo, levar a liberdade ao limite, expropriar-se do que aliena e decidir-se pelo Mestre, para conhecê-Lo e amá-Lo com todas as consequências que isso implica⁷⁶. Para acompanhá-Lo é preciso abraçar o paradoxo da cruz⁷⁷.

“Levar a sua cruz” significa, em primeiro lugar, entregar a própria vida por fidelidade àquele a quem se segue, aceitando o sofrimento que daí advém. A renúncia do discípulo pode chegar ao extremo de aceitar a morte por causa do Mestre e do evangelho⁷⁸. “Levar a cruz” significa também assumir sem reticências a vocação e a missão recebidas que trarão muitos dissabores no dia a dia⁷⁹.

O seguimento não é, então, produto de engano, de falsa percepção dos acontecimentos ou de capricho, mas de adesão serena, ponderada e responsável.

⁷³ AUGRAIN, *Seguir*, p. 477-478; PESCH, *Commentario Teologico del Nuovo Testamento: Il Vangelo di Marcos*, p. 438; TYSON, *The Blindness of the Disciples in Mark*, p. 262; PERAL, *Tras las Huellas de Jesús*, p. 388; TAYLOR, *Evangelio según San Marcos*, p. 452-453; GALIZZI, *Evangelio según San Marcos*, p. 174.

⁷⁴ PERAL, *op. cit.*, p. 179.

⁷⁵ MATEOS, *El Discípulo según Marcos*, p. 126-127.

⁷⁶ PERAL, *op. cit.*, p. 388-389.

⁷⁷ SLOYAN, G. S. *Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1975, p. 74.

⁷⁸ CARMONA, *Evangelio de Marcos*, p. 97.

⁷⁹ PERAL, *op. cit.*, p. 390-391.

Segundo anúncio da paixão (9,30-37)

Neste anúncio, Jesus centra-se só nos discípulos⁸⁰, dos quais se sublinha a incompreensão e o medo de lhes perguntarem o que aquilo significa. Aqui desaparece a necessidade de sofrimento⁸¹ para se explicitar que o *“Filho do Homem é entregue às mãos dos homens”* (9,31)⁸². Marcos reúne aqui vários dos seus temas preferidos: ensino, caminho, casa, incompreensão⁸³.

Pelo caminho, os discípulos discutem sobre quem é o maior. Isso coloca em evidência o caminho que lhes interessa: a grandeza, o poder, o êxito e a honra. Fisicamente estão com Jesus, mas não vão com Ele. Daí que Jesus centre o seu ensino, tal como fez no primeiro anúncio da paixão, no tema do seguimento. Em 8,34 disse: *“Se alguém quer vir atrás de mim, renuncie a si mesmo e leve a sua cruz e siga-me”*, e aqui: *“Se alguém quer ser o primeiro seja o último de todos e o servidor de todos!”* (9,35)⁸⁴. É o caminho da inversão de valores⁸⁵, da inversão total dos esquemas do mundo; rejeição de toda a lógica de poder para entrar na lógica do seguimento. Jesus é o primeiro a percorrer esse caminho que evidencia o tipo de Messias que Ele é⁸⁶. Para ilustrar o que acaba de dizer, Jesus toma uma criança, coloca-a no meio deles e a abraça (cf. 8,36)⁸⁷. Renunciar a privilégios é condição indispensável para seguir Jesus pelo caminho da verdadeira grandeza, que é diametralmente oposta à grandeza do mundo⁸⁸.

Terceiro anúncio da paixão (10,32-45)

Tal como nos anúncios precedentes (cf. 8,31 e 9,30), o terceiro anúncio da paixão (10,32) se situa na perspectiva do caminho, mas agora se alude ao destino: Jerusalém⁸⁹, lugar onde o *“Filho do Homem será entregue”* (10,33)⁹⁰. Neste

⁸⁰ TAYLOR, *Evangelio según San Marcos*, p. 479; GALIZZI, *Evangelio según San Marcos*, p. 188.

⁸¹ TAYLOR, *op. cit.*, p. 480.

⁸² KONINGS, *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*, p. 141.

⁸³ MATEOS, *El Discípulo según Marcos*, p. 127.

⁸⁴ KONINGS, *op. cit.*, p. 143.

⁸⁵ PALACIO, *Jesus Cristo: História e interpretação*, p. 118; GALIZZI, *op. cit.*, p. 191; CARMONA, *Evangelio de Marcos*, p. 104.

⁸⁶ MATEOS, *op. cit.*, p. 128; PERAL, *Tras las Huellas de Jesús*, p. 171-172.

⁸⁷ CARMONA, *op. cit.*, p. 103.

⁸⁸ MATEOS, *op. cit.*, p. 129.

⁸⁹ TAYLOR, *op. cit.*, p. 111.

⁹⁰ KONINGS, *op. cit.*, p. 199.

momento da narrativa o evangelista explicita muitos dados da paixão⁹¹, mas ressalta, sobretudo, alguns aspectos ligados ao discipulado e ao seguimento⁹².

O primeiro dado diz respeito ao fato de Jesus ir à frente deles, marcando o caminho do seguimento aos discípulos chamados a partilhar o mesmo destino⁹³. Embora caminhem atrás de Jesus, os discípulos resistem em segui-Lo.

Um segundo dado diz respeito ao assombro dos discípulos (cf. 10,32), por que se sentem implicados. Sobem a Jerusalém e o destino de Jesus pode muito bem ser o deles também e isso os atemoriza. Por isso Marcos diz: “*Os que seguiam, temiam*” (10,32)⁹⁴.

Jesus fala-lhes do “*que estava para acontecer com ele*” (10,32)⁹⁵. Em Jerusalém toda a ira dos escribas e dos seus adversários se abaterá sobre Ele. As principais forças da sociedade estão contra Ele porque o seu projeto vai por outro caminho; segue o caminho da entrega e do serviço e não o da ambição, das honras, dos primeiros postos. Mas, segundo a lógica humana, um caminho desta categoria carece de sentido. Talvez, por isso, os discípulos não entendam; estão centrados em seus próprios interesses⁹⁶.

Fiel ao seu esquema, Marcos nos mostra agora, tal como fez depois do primeiro e segundo anúncios da paixão, a incompreensão dos discípulos. Tendo como pano de fundo o terceiro anúncio da paixão, chama a atenção o pedido dos filhos de Zebedeu: “*Dá-nos que nos sentemos um à tua direita e o outro à tua esquerda, na tua glória*” (10,37)⁹⁷. Essa petição reflete bem a mentalidade da época em torno do Messias vitorioso e triunfador.

A incompreensão abarca também os outros dez discípulos, já que, ante a petição de Tiago e João, se indignam, pois não querem ser menos. Partilham da mesma ambição. Mostra, além disso, o espírito que os move. Caminham com Jesus, mas pensam noutro caminho. Aproveitando a discussão, Jesus clarifica como

⁹¹ TAYLOR, *Evangelio según San Marcos*, p. 521.

⁹² MATEOS, *El Discípulo según Marcos*, p. 136.

⁹³ PALACIO, *Jesus Cristo: História e interpretação*, p. 120.

⁹⁴ KONINGS, *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*, p. 199.

⁹⁵ *Ibid.*, p. 199.

⁹⁶ MATEOS, *op. cit.*, p. 137.

⁹⁷ KONINGS, *op. cit.*, p. 199.

entende a sua comunidade e o exercício da *exousia* nela. Em 10,42-45, Marcos conta-nos que Jesus chamou os discípulos para perto e lhes disse:

Sabeis que os que parecem chefiar as nações as dominam, e os seus grandes fazem valer sua *exousia*. Entre vós não é assim, mas o que quiser ser o maior entre vós será o vosso servidor, e o que quiser ser o primeiro entre vós será o servo de todos. Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a alma em resgate por muitos⁹⁸.

Desta forma, Jesus exclui um modelo de comunidade, propõe outro e apresenta a si mesmo como modelo de todos⁹⁹.

2.4. O significado de Mc 10,46-52 neste momento da narrativa

O relato de Jesus e o cego Bartimeu é particularmente importante por causa da sua localização dentro da narrativa do evangelho de Marcos.

Ao lermos o evangelho percebemos que existe uma concentração de relatos de milagres dentro dos primeiros oito capítulos, e que a maior parte deles são exorcismos individuais ou milagres de cura realizados por Jesus.

No entanto, depois de 8,26, curar não é mais a atividade central de Jesus. A partir do episódio de Cesaréia de Filipe, na Tetrarquia de Herodes Filipe, onde Pedro, em nome de todos O confessa Messias, o evangelista descreve as etapas da viagem de Jesus a Jerusalém, através da Galiléia, Judéia e Peréia. Os acontecimentos, pouco unidos entre si, se ordenam na sua maior parte segundo um critério temático. As breves indicações topográficas de 8,27; 9,30; 10,32 servem de introdução aos distintos grupos.

Jesus começa, então, um ministério especial de ensino aos seus discípulos, só parcialmente iluminados sobre o verdadeiro destino do Messias segundo o plano

⁹⁸ KONINGS, *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da "Fonte Q"*, p. 200.

⁹⁹ MATEOS, *El Discípulo según Marcos*, p. 138.

de Deus¹⁰⁰, focando a sua morte e ressurreição. Domina toda esta parte a ideia de aproximação da paixão, que se expressa vigorosamente nos três anúncios (cf. 8,31; 9,31 e 10,33s) e nas sentenças sobre a paixão (cf. 8,34; 9,12b; 10,38s e 10,45)¹⁰¹.

Marcos descreve a reunião dos discípulos à volta de Jesus, embora ainda o faça delineando as suas dúvidas e falta de entendimento. Daqui em diante, o ensino às multidões não é mais acentuado. Embora Jesus sofra a paixão sozinho e abandonado, Marcos quer mostrar os esforços e o compromisso de Jesus em esclarecer os seus discípulos acerca da sua missão¹⁰².

É de notar, entretanto, que ocorram duas histórias de cura fora dos oito primeiros capítulos. A primeira delas, a cura do menino possuído (cf. 9,14-29), que ocorre logo após a Transfiguração de Jesus; e a segunda, a cura de Bartimeu (cf. 10,46-52), à qual dedicaremos a nossa atenção¹⁰³.

Comecemos fazendo a delimitação do texto.

Vários autores, tais como Lohmeyer, Gnllka, Pesch, Guelich, Kuthirakkattel, Hooker, Lamarche, Eckey¹⁰⁴, Gopegui¹⁰⁵, Puerto¹⁰⁶, colocam esta perícopa fechando a chamada seção do caminho (8,27 – 10,52), a qual nos convida a escutar e a observar atentamente Jesus, já que cada gesto, cada pequena atitude, revela algo. Esta seção é muito importante, pois nela alcança cumprimento a formação dos discípulos. Trata-se de conhecer a Jesus, de entrar em plena sintonia com Ele, ou seja, de nos deixarmos implicar em seu destino¹⁰⁷.

A delimitação do relato é feita tanto pela indicação geográfica quanto pela entrada de um novo personagem em cena e pela moldura literária. Nada é dito sobre

¹⁰⁰ LEAL, J.; PARAMO, S. Del.; ALONSO, J; *La Sagrada Escritura – Nuevo Testamento I – Evangelios*. Madrid: BAC, 1964, v. 207, p. 330.

¹⁰¹ TAYLOR, *Evangelio según San Marcos*, p. 443.

¹⁰² MUKASA, E. The blind man of Jericho (Mk 10:46-52) following Jesus on the way. *Hekima Review*, nº 29, p. 42, 2003.

¹⁰³ ROBBINS, V. K. The Healing of Blind Bartimaeus (10:46-52) in the Marcan Theology. *Journal of Biblical Literature*, nº 92, p. 224-226, 1973.

¹⁰⁴ FOCANT, C. *L'Évangile Selon Marc*. Commentaire Biblique: Nouveau Testament 2. Paris: Cerf, 2004, p. 40.

¹⁰⁵ GOPEGUI, J. A. L. de. Começo do Evangelho de Jesus Cristo segundo Marcos – Tradução literal do grego com estruturação do texto. Disponível em: <<http://www.faculdadejesuita.edu.br/admin/arquivos/Textos%20McCompleto%20GR2>>. Acesso em: 14 mar. 2010.

¹⁰⁶ PUERTO, *Marcos*, p. 19.

¹⁰⁷ GALLIZI, *Evangelio según Marcos*, p. 169.

a passagem por Jericó. A cena é descrita à saída da cidade¹⁰⁸. A indicação geográfica é fundamental; sucede “no caminho” já próximo de Jerusalém.

O relato começa assinalando que Bartimeu estava sentado à beira do caminho (v.46) e termina informando que este seguia Jesus pelo caminho (v.52). O tema do caminho, importante para o discipulado de Jesus em Marcos, enquadra a perícope como uma moldura.

O cego está sentado “à beira do caminho”, pois como não vê, não pode seguir Jesus. Aqui estão em relação a cegueira, que o impede de seguir Jesus, e a confissão messiânica (v.47). Só quando vir O seguirá “pelo caminho” (v.52). O processo dos discípulos está retratado de maneira simbólica. Esta simbologia é o que faz desta perícope uma sequência de ligação; é transição conclusiva a respeito da unidade anterior, e a confissão davídica (vv.47-48) serve de ligação com a unidade seguinte. O milagre é um pretexto; é colocado aqui com uma finalidade estrutural que pretende iluminar a situação dos discípulos a estas alturas do relato: ainda estão cegos¹⁰⁹.

Terminada a narração da cura do cego Bartimeu que sintetiza todo o pensamento e instrução de Jesus em relação aos discípulos e à missão como seus seguidores¹¹⁰, o evangelista inicia a narração da entrada messiânica de Jesus em Jerusalém (cf. 11,1-11), onde irá acontecer o confronto final com os poderes opressivos¹¹¹. Mc 10,46-52 tem uma significação messiânica, e é por isso que Marcos a introduz aqui¹¹².

De 8,27 a 10,52, Marcos enfatiza os requisitos para o Messias e para os discípulos, enquanto viajam “no caminho”. A questão da identidade de Jesus se destaca em toda esta seção, que começa com o título de “Messias” e termina com o de “Filho de Davi”¹¹³.

¹⁰⁸ HANCCO, H. D. T. *O Grito e a Escuta: uma análise literária de Marcos 10,46-52*. São Paulo: Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, 2006, p. 17.

¹⁰⁹ BRAVO, C. *Jesus Homem em Conflito*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 207.

¹¹⁰ MUKASA, E. *The blind man of Jericho (Mk 10:46-52) following Jesus on the way*, p. 39.

¹¹¹ HANCCO, *op. cit.*, p. 17.

¹¹² SWIFT, C. E. G. Marcos. In: DAVIDSON, F. (org.). *O Novo Comentário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 1011; RODENAS, A. La entrada de Jesús en Jericó (Mc 10.46). *Naturaleza e Gratia*, v. XXII, p. 235, 1975.

¹¹³ MULHOLLAND, D. M. *Marcos, introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 168.

O grito de Bartimeu “Filho de Davi” (v.47) faz a ligação com a passagem anterior dos filhos de Zebedeu (cf. 10,35-40)¹¹⁴ e, juntamente com a presença da turba, quase desaparecida nesta segunda parte do evangelho, pois Jesus a evita para se dedicar a instruir os seus discípulos, prepara a entrada de Jesus em Jerusalém (cf. 11,1-11)¹¹⁵, já que a multidão o aclama como Filho de Davi¹¹⁶.

Mc 10,46-52 aparece depois da discussão dos discípulos acerca dos primeiros postos para mostrar que estão tão cegos e necessitados da ação de Jesus como o cego do relato¹¹⁷. Além disso, Mc 10,46-52 serve de prelúdio para a apresentação pública do Messias. Situa-se entre o ensino sobre o sofrimento, paixão, morte e ressurreição do Filho do Homem e o ministério em Jerusalém¹¹⁸.

É provavelmente correto dizer que Marcos não inclui a estória em algum lugar nos capítulos 1-8 por causa da sua associação com Jericó. No entanto, não podemos ter a certeza de que Marcos não substituiu um local por outro ou removeu uma localização geográfica ligada a certa estória. Mas o evangelista poderia tê-la incluído em qualquer lugar depois de 10:1 quando Jesus entrou na Judéia. De fato, poderíamos argumentar que o melhor lugar para a possível localização da história, se é de Jericó que se trata, seria em qualquer lugar dentro de 10:1-31 já que depois disso a narrativa fala deles estarem na estrada indo [...] para Jerusalém (10,32-33). Incluído no conjunto de materiais que ele ensina acerca do divórcio (10:2-11), bênção das criancinhas (10:13-16), e a aproximação do homem rico (10:7-22). Tal como a cura do menino epilético (9:14-29) foi contada exatamente antes do 2º anúncio da paixão do Filho do Homem e a discussão acerca do estranho exorcismo (9:38-40) foi incluído justo depois dos discípulos mostrarem novamente a sua falta de entendimento acerca do ensinamento de Jesus, também a estória de Bartimeu poderia ter sido incorporada dentro de 10:1-31 ou poderia ter sido usada justo antes do 3º anúncio da paixão. A importância da sua presente posição na narrativa está no fato de o evangelista tê-la colocado entre o ensinamento acerca do sofrimento, ressurreição do Filho do Homem e o ministério de Jerusalém¹¹⁹.

¹¹⁴ MINGO, A. de. Evangelizados por los pobres, lectura narrativa de Mc 10,46-52. *Revista Moralia*, v. 25, nº 96, p. 388, 2002.

¹¹⁵ GNILKA, J. *El Evangelio según San Marcos*: Mc 8,27 – 26,20. Salamanca: Sígueme, 2001, v. II, p. 122.

¹¹⁶ FABRIS, O *Evangelho de Marcos*, p. 540.

¹¹⁷ DÍAZ, J. A. E. Las relaciones Jesús-pueblo-discípulos en el evangelio de Marcos. *Estudios Eclesiásticos*, v. 54, nº 209, p. 157, 1979.

¹¹⁸ ROBBINS, *The Healing of Blind Bartimaeus (10:46-52) in the Marcan Theology*, p. 226; SUGGIT, J. N. Exegesis and Proclamation – Bartimaeus and Christian Discipleship (Mark 10: 46-52). *Journal of Theology for Southern Africa*, nº 74, p. 61, 1991.

¹¹⁹ ROBBINS, *The Healing of Blind Bartimaeus (10:46-52) in the Marcan Theology*, p. 238 (trad. nossa).

Este relato foi inserido neste ponto porque aqui ele une noções que de outra forma não teriam interconexão na narrativa.

A cura de Bartimeu fecha a seção do discipulado e aparece como uma introdução à narrativa da paixão, mostrando que os discípulos não devem só esperar cura, mas também ter fé, estar com Jesus e segui-Lo no seu caminho para Jerusalém¹²⁰.

Como o episódio dos filhos de Zebedeu mostra (cf. 10,35-45), os discípulos ainda ignoram o que irá acontecer brevemente.

O medo e o espanto (cf. 10,32) descrevem a situação dos discípulos, relutantes em empreender o caminho para Jerusalém; embora com Jesus, eles ainda não estão comprometidos no caminho para a cruz. A cura de Bartimeu dá conhecimento dessa situação e acentua que Jesus, apesar disso, os quer com Ele.

A fé de Bartimeu completa a fé do pai do menino epilético (cf. 9,14-29) e desafia a falta de poder dos discípulos, batidos pela dúvida e falta de crença¹²¹.

O episódio de Bartimeu liga, simbolicamente, fé, salvação e discipulado e resume o ensino do evangelho de Marcos¹²².

No Antigo Testamento tal como no Novo, salvação é frequentemente descrita como realidade a ser vista (cf. Ex. 14,13; Sl 91,16; Is 40,5; Lc 3,6). A cura de Bartimeu dá aos discípulos um entendimento da salvação que está prestes a ser oferecida através da morte e ressurreição de Jesus. Para Marcos, as curas são uma parte integral da proclamação do evangelho no ministério de Jesus. A recuperação da vista é designada para preparar os discípulos para verem a morte e a ressurreição de Jesus pelo que ela é: o ato final de salvação. Talvez isto explique a posição simbólica desta cura, entre a seção do ensino sobre o sofrimento, morte e ressurreição e o ministério de Jesus em Jerusalém¹²³.

Marcos coloca agora o milagre do cego de Jericó, para que também nossos olhos se abram de tal modo que possamos contemplar e sentir em nossos membros a paixão de Jesus, antes de chegar a desfrutar da luz da ressurreição pois, como

¹²⁰ MUKASA, *The blind man of Jericho (Mk 10:46-52) following Jesus on the way*, p. 41.

¹²¹ *Ibid.*, p. 42.

¹²² *Ibid.*, p. 42; BECK, T.; BENEDETTI, U.; BRAMBILLASCA, G.; CLERICI, F.; FAUSTI, S. *Una comunidad lee el evangelio de Marcos*. Bogotá: San Pablo, 2006, p. 423.

¹²³ MUKASA, *The blind man of Jericho (Mk 10:46-52) following Jesus on the way*, p. 42-43.

afirma Schweizer, “só um homem que tem os olhos abertos por uma ação milagrosa de Deus que lhe permite ver o que acontece em Jesus, pode segui-lo pelo caminho e pode compreender que o caminho do Filho do Homem vai em direção ao sofrimento”¹²⁴. É essa abertura de olhos que permite ver na figura do crucificado o Messias salvador do mundo¹²⁵.

Em Mc 10,46-52, o ver de Bartimeu se converte em compreensão que, por sua vez, se transforma em decisão de vida¹²⁶.

A esta altura decisiva do evangelho de Marcos, os discípulos e o leitor são chamados a subir a outro nível de percepção¹²⁷.

Conclusão

Ao longo deste capítulo percebemos como o tema da visão é significativo para Marcos. Ele perpassa todo o evangelho quer através dos verbos “ver”, “olhar”, “fitar”, espreitar”, ou da cura de cegos – Betsaida (cf. 8,22-26), Jericó (cf. 10,46-52) – quer através da incompreensão (cegueira) dos discípulos.

Ao longo do evangelho, Jesus vê corretamente e os discípulos e opositores erroneamente. Jesus não desiste. Quer que os discípulos, tal como o cego de Betsaida e o de Jericó, possam recobrar a visão para, dessa forma, entenderem quem é Jesus, que tipo de messianismo Ele representa e possam segui-Lo e assumir o mesmo projeto e destino. Para isso, o evangelista apresenta Jesus, de 8,27 a 10,52, na chamada seção do caminho, a instruir os discípulos. Começa por lhes perguntar “Vós, porém, quem dizeis que eu sou?” (8,29)¹²⁸. À resposta de Pedro, confessando-O como Messias e percebendo a concepção errada que os discípulos tinham acerca da natureza do seu messianismo, Jesus impõe-lhes

¹²⁴ SCHWEIZER, E. *Il Vangelo Secondo Marco*. Brescia: Paideia, 1971, v. I, p. 238.

¹²⁵ SUGGIT, *Exegesis and Proclamation – Bartimaeus and Christian Discipleship (Mark 10: 46-52)*, p. 58.

¹²⁶ BECK; BENEDETTI; BRAMBILLASCA; CLERICI; FAUSTI, *Una comunidad lee el evangelio de Marcos*, p. 423.

¹²⁷ DELORME, J. *L’Heureuse annonce selon Marc – Lecture intégrale du 2^e Évangile*. Paris/Montréal: Cerf/Médiaspaul, 2008, v. II, p. 215.

¹²⁸ KONINGS, *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*, p. 134.

silêncio e, nos três anúncios da paixão, revela sua verdadeira identidade, manifestando o destino de sofrimento, morte e ressurreição que O espera. Os discípulos sentem dificuldade em entender isto, como foi constatado em 8,32; 9,32-34; 10,35-40.

No final da seção do caminho, o relato do milagre do cego Bartimeu à saída de Jericó é muito significativo. Situado neste momento da narrativa, liga, simbolicamente, fé, salvação e discipulado¹²⁹ e sintetiza todo o pensamento e a instrução de Jesus aos discípulos. Além disso, pela confissão messiânica (cf. 10,47-48), liga-se com a entrada messiânica de Jesus em Jerusalém (cf. 11,1-11).

A recuperação da vista, aqui, prepara os discípulos para verem a morte e ressurreição de Jesus pelo que ela é: o ato final de salvação. É essa abertura de olhos que permite ver na figura do crucificado o Messias salvador do mundo¹³⁰.

No capítulo seguinte isto se tornará mais claro com a análise narrativa da perícope Mc 10,46-52. Na mesma destacaremos também as atitudes de Jesus e como estas influenciaram o desenrolar dos acontecimentos.

¹²⁹ MUKASA, *The blind man of Jericho (Mk 10:46-52) following Jesus on the way*, p.42; BECK; BENEDETTI; BRAMBILLASCA; CLERICI; FAUSTI, *Una comunidad lee el evangelio de Marcos*, p. 423.

¹³⁰ SUGGIT, *Exegesis and Proclamation – Bartimaeus and Christian Discipleship (Mark 10: 46-52)*, p. 58.

CAPÍTULO III

Análise narrativa de Mc 10,46-52:

Jesus e o cego Bartimeu

Normalmente quando lemos Mc 10,46-52, damos especial atenção a Bartimeu, sua fé, sua cura, seu discipulado. Marcos no-lo apresenta como símbolo do verdadeiro discípulo, que compreende quem é Jesus e O segue no caminho para Jerusalém, caminho que leva à cruz. Porém, o intuito deste capítulo é centrar-se no personagem principal de todo o evangelho: Jesus. Afinal, todos os outros personagens, inclusive Bartimeu, entram na narração a fim de servir os intentos do narrador no sentido de revelar a identidade de Jesus e o tipo de Messias que Ele é. A introdução da perícope já é significativa a esse respeito. O v.46 exprime um plural impessoal: *“E vão a Jericó”*, mas imediatamente se distingue Jesus do grupo daqueles que o acompanham: *“e saindo ele de Jericó, e os seus discípulos e uma grande turba”*¹. Segundo Josef Schmid, o acento da narrativa não recai sobre a atuação do cego, mas sim sobre a misericórdia de Jesus². Desta forma, as atitudes de Jesus são o foco primordial do nosso interesse. O que Ele diz? O que Ele faz? De que maneira suas atitudes influenciam a narrativa? Sobre isso nos debruçaremos na análise de Mc 10,46-52: Jesus e o cego Bartimeu.

¹ DUPONT, J. L'Aveugle de Jericho recouvre la vue et suit Jesus (Marc 10,46-52). *Revue Africaine de Théologie*, v. 8, nº 16, p. 178, 1984.

² SCHMID, J. *El Evangelio según San Marcos*. Barcelona: Herder, 1967, p. 293.

3.1. A trama da perícópe

Mc 10,46-52: Jesus e o cego Bartimeu³

⁴⁶ E vão a Jericó, e saindo ele de Jericó, e os seus discípulos e uma grande turba, o filho de Timeu, Bartimeu, mendigo cego, estava sentado à beira do caminho.

⁴⁷ E ouvindo (que): É Jesus, o Nazareno, começou a gritar e a dizer: Filho de Davi, Jesus, tem misericórdia de mim!

⁴⁸ E muitos o advertiam para que silenciasse. Ele gritava muito mais: Filho de Davi, tem misericórdia de mim.

⁴⁹ E parando, Jesus disse: Chamai-o! E chamaram o cego, dizendo-lhe: “Anima-te, ergue-te! Ele te chama!

⁵⁰ Este, largando seu manto, com um pulo foi até Jesus.

⁵¹ E, respondendo, Jesus lhe disse: Que queres que eu te faça? O cego disse-lhe: Rabúni, que eu veja de novo.

⁵² E Jesus disse-lhe: Vai, tua fé te salvou. E logo viu de novo, e seguia Jesus pelo caminho.

Começamos por analisar a trama da perícópe dividindo-a nos seus quatro momentos⁴:

a) **Exposição** – v. 46. A narrativa é localizada em Jericó, o que nos recorda a queda das muralhas dessa cidade no tempo de Josué (cf. Js 6,20). Vem-nos à memória também a cura do cego de Betsaida que Marcos relatou em 8,22-26. Podemos perguntar-nos sobre que “muralhas” cairão agora e como agirá Jesus perante este cego.

Os personagens são apresentados. Temos Jesus, os discípulos, uma grande turba e Bartimeu. O cenário está montado. Logo o leitor se questiona sobre este novo personagem, do qual nunca ouviu falar. Por que aparece agora? Qual seu papel na narrativa? Por que se diz que era mendigo e cego, e que estava sentado à beira do caminho? Que relevância isso tem? Que ligação terá com Jesus? Ao introduzir este novo personagem, o narrador prende a atenção do leitor para os acontecimentos que se avizinham.

³ KONINGS, J. *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 200-202.

⁴ Segundo VITÓRIO, J. A Narratividade do livro de Rute. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis: Vozes, nº 98, p. 86-88, 2008, a trama segue uma estrutura formal de quatro passos: a) A **Exposição** onde é apresentado o problema de fundo em torno do qual tudo girará. b) A **ação** que se desenrola e coloca tudo em movimento. c) O **clímax**, para onde está voltada a atenção do leitor e onde este obterá respostas às suas perguntas, pois é aí que o problema central da narração é resolvido, o nó é desatado. d) O **desfecho** que dá o final da narração.

Também não podemos deixar passar despercebido o fato de que a turba tinha desaparecido, pois Jesus estava centrado em instruir os seus discípulos. Por que aparece agora de novo?

b) A **ação** – vv.47-50. Aqui são relatados os esforços do cego para chegar até Jesus⁵. A presença da turba revela a Bartimeu que algo significativo acontece naquele momento. Tomando conhecimento da passagem de Jesus, o Nazareno, pelo local, grita ao Filho de Davi, pedindo misericórdia. Muitos tentam silenciá-lo, mas ele grita ainda mais. Atento ao sofrimento humano, Jesus pára e manda chamá-lo. O cego, prontamente, vai até Ele.

c) O **clímax** – vv.51-52c. Tudo dependerá deste encontro entre Jesus e Bartimeu. O diálogo entre eles é curto, mas intenso. Jesus pergunta-lhe o que quer. A pergunta é objetiva, assim como o é a resposta do cego. Que fará Jesus? Será que o cego voltará a ver? Sim, a salvação e cura deste é apresentada no v.52. O problema apresentado no v.46 – a cegueira de Bartimeu – tem a sua solução. O problema está resolvido. A carência foi suprimida.

d) O **desfecho** – v. 52d. O narrador informa sobre o resultado final da trama. Bartimeu segue Jesus pelo caminho.

A narração começa com uma situação de morte. O cego mendiga sentado à saída de Jericó e à beira do caminho. Está numa situação de exclusão. O diálogo com Jesus transforma essa situação de morte, de exclusão, em situação de vida, de inclusão. No final da perícopes, Bartimeu vê, está de pé e segue Jesus pelo caminho.

O narrador quer mostrar que quem tem fé pode ver e seguir Jesus e que este é o único que pode curar a cegueira, pois para Ele nada é impossível.

Ao grito do cego, Jesus responde com a parada e o mandato de chamado e, ao pedido para ver de novo, responde com o envio, a valorização da fé de Bartimeu e a cura.

⁵ TROCMÉ, E. *L'Évangile Selon Saint Marc*. Génève-Paris: Labor et Fides, 2000, p. 276.

3.2. Os personagens e sua identificação

Os personagens ativos nesta perícopa são: Jesus, Bartimeu e os “muitos”. Os discípulos e a grande turba aparecem apenas para compor a cena.

Jesus: entra e sai de Jericó acompanhado dos discípulos e de grande turba (v.46). É chamado de Nazareno, de Filho de Davi (v.47) e de Rabúni (v.51). Escuta o grito de Bartimeu, detém-se e manda chamá-lo (v.49). Responde ao pedido deste com uma pergunta (v.51). Envia-o, valoriza a sua fé, salva-o, cura-o e segue o seu caminho (v.52).

O vocativo “Jesus” é utilizado em Marcos apenas aqui na boca de um homem. Os outros dois empregos foram atribuídos a espíritos impuros (cf. 1,24; 5,7)⁶. Chamar Jesus pelo nome indica relacionamento pessoal de conhecimento e familiaridade⁷, pois só chamamos pelo nome aqueles que conhecemos. Jesus significa “Yhwh salva” e é isso mesmo que acontece nesta narrativa.

Nazareno – distingue Jesus de outros com o mesmo nome⁸. Indica a proveniência de Jesus⁹, lembrando o leitor do ponto de partida quando o narrador informa que Jesus vem de Nazaré da Galiléia (cf. 1,9), a cena do primeiro exorcismo (cf. 1,24) quando os demônios o reconhecem como Jesus o Nazareno (até agora só os demônios o tinham chamado dessa forma)¹⁰, e a rejeição que recebe do seu povo (cf. 6,1-6)¹¹. Tudo isto sublinha a sua realidade histórica¹².

Interessante ver que no princípio (cf. 1,24) e no fim (cf. 10,47) os milagres de cura no evangelho de Marcos designam Jesus como “o Nazareno”¹³. Com o fato de

⁶ FOCANT, C. *L'Évangile Selon Marc*. Commentaire Biblique: Nouveau Testament. Paris: Cerf, 2004, v. 2, p. 405.

⁷ FAUSTI, S. *Ricorda e racconta il Vangelo: la cathehesi narrativa di Marco*. Milano: Ancora, 1998, p. 343.

⁸ POHL, A. *O Evangelho de Marcos*. Comentário Esperança. Curitiba: Evangélica Esperança, 1998, p. 225; GUNDRY, R. H. *Mark – A Commentary on His Apology for the Cross*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1993, p. 593.

⁹ DELORME, J. Guérison d'un aveugle? (Mc 10,46-52). *Unité Chrétienne*, nº 73-74, p. 10, 1984; PESCH, R. *Commentario Teologico del Nuovo Testamento: Il Vangelo di Marcos*. Brescia: Paideia, 1982, p. 262.

¹⁰ SLOYAN, G. S. *The Gospel of Saint Mark*. Collegeville: Liturgical, 1960, p. 83.

¹¹ PUERTO, M. N. *Marcos*. Navarra: Verbo Divino, 2006, p. 383.

¹² FAUSTI, *op. cit.*, p. 345.

¹³ EDWARD, J. R. *The Gospel according to Mark*. Michigan: Apollos Leicester, 2002, p. 329.

colocar este elemento na narrativa, o narrador prepara o leitor para o contraste entre esta designação e o título “Filho de Davi”¹⁴.

Rabúni – o termo mostra a proximidade de Bartimeu com Jesus. Ele é o “meu Mestre”.

Os termos para designar Jesus mostram, então, sua origem (Nazareno), descendência (Filho de Davi), missão (Jesus = Yhwh salva) e que Ele é Mestre (Rabúni). Vejamos agora suas atitudes para com o cego Bartimeu.

Escuta – Jesus escuta o grito de Bartimeu e agindo diferentemente dos que repreendiam o cego, deteve-se e mandou chamá-lo.

Pára e manda chamar – o ato de parar evidencia a escuta do grito. O ato de chamar demonstra a afetividade, o interesse e convocatória para conhecer o indivíduo. Estabelece a comunicação.

Jesus não passa ligeiramente sobre a dor dos seres humanos, mas a sua reação é desde o mais íntimo, desde as entranhas e sua reação é tão entranhada e visceral que não pode ficar inativo¹⁵.

“*Que queres que eu te faça?*” – Jesus bem conhece suas necessidades, mas deixa o cego livre para expressar seus desejos.

“*Vai, tua fé te salvou.*” – Jesus cura na generosidade, na gratuidade. Ele concedeu ao cego a luz dos olhos e, com isso, a nova e completa liberdade de movimento. Bartimeu é enviado de volta à vida em sociedade e a tudo o que isso implica - família, trabalho, participação da vida religiosa. De excluído passa a incluído.

Discípulos e Grande turba: entram e saem de Jericó com Jesus e seus discípulos (v.46). A sua menção no início do relato tem uma função específica: a sua presença, perceptível pela audição, diz ao cego que algo inusual está a acontecer¹⁶.

¹⁴ FOCANT, L'Évangile Selon Marc, p. 405.

¹⁵ MATEOS, M. D. El Discípulo según Marcos In: ARENS, E.; ASCENJO, L. A.; MATEOS, M. D. *El que quiera venir conmigo* – Discípulos según los evangelios. Lima: IBC, ISET, CEP, 2006, p. 149 (trad. nossa).

¹⁶ IERSEL, B. M. F. van. *A reader-response commentary*. England: Sheffield Academic, 1998, p. 339.

É porque os escuta que Bartimeu toma conhecimento de que é Jesus, o Nazareno, que passa por ali. Sabendo disso, começa a gritar por misericórdia.

Ao assinalar a sua presença, o narrador prepara o leitor para a intervenção futura destes sob a figura de “muitos”¹⁷.

Bartimeu: é designado pelo nome, filho de Timeu, mendigo, cego, estava sentado à beira do caminho (v.46). Ouve que é Jesus, o Nazareno. Grita por Jesus, chamando-o de “Filho de Davi”, pede misericórdia (v.47). É determinado, pois não silencia quando lhe dizem para se calar (v.48). Responde a esse obstáculo gritando ainda mais alto. Não quer perder a oportunidade de se encontrar com Jesus (v.48)¹⁸. Larga o manto e, com um pulo, vai até Jesus (v.50). Pede-lhe para ver de novo e trata-o por “Rabúni” (v.51). É um homem de fé (v.52). É salvo, fica curado e segue Jesus pelo caminho (v.52).

Bartimeu – é inabitual no evangelho dar-se o nome de um beneficiário de cura¹⁹. Na verdade, no evangelho de Marcos, esta é a única vez que isso acontece. Em Mateus e Lucas, isto jamais ocorre²⁰.

Mendigo – para termos uma noção clara do significado da mendicância naquele tempo, eis o que nos diz Mackenzie:

Como tal, a mendicância é raramente mencionada no Antigo Testamento. Entretanto, as inúmeras menções aos pobres, aos estrangeiros, às viúvas e aos órfãos e as recomendações de generosidade fazem pensar que havia muita gente que devia sobreviver mendigando. No judaísmo mais tardio e na época do Novo Testamento, a mendicância era muito comum. Eclo 40,28ss afirma que é melhor morrer do que mendigar: a vida do mendicante não pode ser chamada de “vida”, pois somente um homem sem dignidade pode mendigar. Os mendigos são mencionados com frequência no Novo Testamento, especialmente aqueles que sofrem de alguma enfermidade corporal (Mt 9,27; 20,30; Mc 10,46; Lc 18,35; Jo 9,8; At 3,2) e pedem esmolas ao longo das estradas ou nas portas do Templo. Nas condições econômicas da época do Novo Testamento, quando a maior parte da população era

¹⁷ FOCANT, *L'Évangile Selon Marc*, p. 404.

¹⁸ TAYLOR, V. *Evangelio según San Marcos*. Madrid: Cristiandad, 1979, p. 534.

¹⁹ PESCH, *Commentario Teologico del Nuovo Testamento: Il Vangelo di Marcos*, p. 261; FOCANT, *op. cit.*, p. 404; SLOYAN, *The Gospel of Saint Mark*, p. 83; TAYLOR, *op. cit.*, p. 443; DELORME, *Guérison d'un aveugle? (Mc 10,46-52)*, p. 9.

²⁰ GNILKA, J. *El Evangelio según San Marcos: Mc 8,27 – 26,20*. Salamanca: Sígueme, 2001, v. II, p. 122; EDWARD, *The Gospel according to Mark*, p. 328; LANE, W. *The New International Commentary on the New Testament. The Gospel of Mark*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1974, p. 386.

extremamente pobre, havendo uma margem muito estreita entre a pobreza e a miséria mais absoluta, muitas pessoas eram obrigadas a mendigar ou a se vender como escravas²¹.

Cego – as muitas doenças de olhos que grassavam no Oriente pouca esperança tinham de cura. A sorte dos que delas padeciam era dura e a estes restava, normalmente, a mendicância²².

Cegueira é, também, a metáfora do discípulo que não entende (cf. 4,13), não tem fé (cf. 4,40), está privado de inteligência (cf. 7,18), tem olhos e não vê (cf. 8,18), o seu coração está endurecido (cf. 6,52; 8,17)²³.

Ouve – o ouvido é, por excelência, o órgão da fé. Israel prova que é povo de Deus, declarando-se disposto a escutar (cf. Ex 19,7s; 24,3.7; etc.). É isso que acontece com Bartimeu.

Grita – Pr 18,21 lembra-nos que *“morte e vida estão em poder da língua”*. Bartimeu escolheu a vida. Usou os ouvidos para se informar sobre quem passava e a língua para gritar.

No Antigo Testamento, o grito é uma forma fundamental de súplica. Exprime sofrimento, angústia, dor, desejo, chamada de auxílio²⁴. É, desta forma, que Bartimeu reclama a atenção de Jesus²⁵.

O grito em Marcos tem aparecido em conexão com manifestações (cf. 6,49) ou reconhecimentos da transcendência de Jesus (cf. 1,24, 3,11; 5,7; 9,24.26; 11,9), mas esta é a primeira vez que alguém distinto de um demônio faz tão ruidosa aclamação dirigindo a Jesus um título messiânico²⁶.

O grito enfatiza também a decisão do cego em pedir socorro, já que este grita uma segunda vez e ainda mais alto, superando o obstáculo dos “muitos”, que o querem silenciar. O seu comportamento revela a força de seus desejos e de sua fé.

“Filho de Davi, Jesus, tem misericórdia de mim!”

²¹ MENDICÂNCIA. In: MACKENZIE, J. L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 601.

²² SCHNACKENBURG, R. *O Evangelho segundo Marcos*. Petrópolis: Vozes, 1974, v. 2, p. 120.

²³ FAUSTI, *Ricorda e racconta il Vangelo: la catechesi narrativa di Marco*, p. 344.

²⁴ *Ibid.*, p. 345.

²⁵ DELORME, J. *L'Heureuse annonce selon Marc – Lecture intégrale du 2^e Évangile*. Paris/Montréal: Cerf/Médiaspaul, 2008, v. II, p. 203 e 205.

²⁶ MALLY, E. J. *Evangelio según San Marcos*. In: BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. *Comentario Bíblico “San Jeronimo”*. Tomo III, Madrid: Cristiandad, 1972, p. 122-123.

Com a expressão “Filho de Davi” se designa a Jesus como herdeiro das promessas feitas a Davi através de Natã (cf. 2Sm 7,12-16; 1Cr 17,11-14; Sl 89,29-38)²⁷. Ele implica as esperanças nacionalistas centradas no rei davídico (cf. Sl 17,21)²⁸ e acena, também, para a entrada messiânica na cidade santa (cf. 11,1-11)²⁹.

Esta é a única narrativa de cura em Marcos onde uma pessoa se dirige a Jesus com o título de “Filho de Davi”³⁰ (contrariamente a Mateus que o usa várias vezes – cf. Mt 9,27; 12,23; 15,22; 21,9.15)³¹, e este é, estranhamente, bem aceito por Jesus, pois Ele não repreende ou silencia Bartimeu³². Talvez isso aconteça porque, desde que foi encetado o caminho da morte e se aproxima o fim, não seja mais preciso esconder a sua identidade. Que caiam as barreiras e se desvele o segredo messiânico³³.

Invocando Jesus desta forma, o cego distingue-se de todos, pois em vez de se referir ao seu lugar de origem, coloca-o dentro de uma linhagem ancestral renomada³⁴.

Para o cego, Jesus é, antes de mais nada, o “Filho de Davi”. Só depois aparece o vocativo “Jesus”. É interessante lembrar que, segundo Isaías, o “Filho de Davi” seria aquele que devolveria a vista aos cegos (cf. Is 61,1; Lc 4,17-18).

Em relação a este título, Mackenzie alega:

Nos evangelhos, o título aparece aplicado a Jesus por pessoas as mais diversas, mas em especial por aqueles que queriam ser curados por ele. O título devia possuir uma coloração messiânica, pois os evangelhos expressam em outras passagens a convicção judaica de que o Messias seria

²⁷ MALLY, *Evangelio según San Marcos*, p. 122-123; BABUT, J.-M. *Actualité de Marc*. Paris: Cerf, 2002, v. 126, p. 226.

²⁸ TAYLOR, *Evangelio según San Marcos*, p. 536; LEAL, J.; PARAMO, S. Del.; ALONSO, J; *La Sagrada Escritura – Nuevo Testamento I – Evangelios*. Madrid: BAC, 1964, v. 207, p. 436.

²⁹ URICCHIO, F. M.; STANO, G. M. *Vangelo Secondo San Marco*. Roma: Marietti, 1965, p. 468.

³⁰ ROBBINS, V. K. The Healing of Blind Bartimaeus (10: 46-52) in the Marcan Theology. *Journal of Biblical Literature*, nº 92, p. 226, 1973; SCHWEIZER, E. *Il Vangelo Secondo Marco*. Brescia: Paideia, 1971, v. I, p. 238; SWIFT, C. E. G. Marcos. In: DAVIDSON, F. (org.). *O Novo Comentário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 1011; BOOMERSHINE, T. E. Bartimeus (Mark 10:46-52). Story Journey: An Invitation to the Gospel as Storytelling. Disponível em: <<http://tomboomershine.org/writings/StoryJourney/7Bartimaeus.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2009, p. 70.

³¹ SCHMID, *El Evangelio según San Marcos*, p. 293.

³² FOCANT, *L'Évangile Selon Marc*, p. 406; DÍAZ, J. A. E. Las relaciones Jesús-pueblo-discípulos en el evangelio de Marcos. *Estudios Eclesiásticos*, v. 54, nº 209, p. 157, 1979.

³³ SCHNACKENBURG, *O Evangelho segundo Marcos*, p. 121; LANE, *The New International Commentary on the New Testament. The Gospel of Mark*, p. 386.

³⁴ DELORME, *L'Heureuse annonce selon Marc – Lecture intégrale du 2º Évangile*, p. 204.

um filho de Davi (Mt 22,45; Mc 12,35; Lc 20,41; Jo 7,42). O título honorífico que podia ser atribuído a cada descendente de Davi garantia à pessoa que a ele fazia jus o direito de poder levantar a pretensão de ser o Messias. Esse deve ser o significado do uso do título no contexto das curas, bem como quando Jesus foi recebido com ramos de palmeiras em Jerusalém no domingo anterior à sua morte (Mt 21,9-15)³⁵.

Junto à expressão “Filho de Davi”, vem o pedido de misericórdia. Esse pedido é tirado diretamente dos Salmos (cf. Sl 4,1; 6,2; 9,13; 30,10; 41,4; 51,1; 86,3; 109,26; 123,3)³⁶. O termo misericórdia é central na aliança entre Deus e o povo, na qual transparece uma profunda atitude de bondade.

A misericórdia é a essência do próprio Deus. Ele não é misericordioso. Ele é misericórdia, amor que se derrama sobre todos os seus filhos, não na proporção do seu merecimento, mas na proporção da graça de Deus. O termo em hebraico é *hesed* e *rahamin*, duas palavras que indicam a fidelidade segura e operosa de um amor visceral, materno, uterino. Jesus revela este Deus³⁷. É desta forma que Bartimeu vê Jesus, e não está enganado, pois Jesus se revela uma verdadeira fonte de misericórdia³⁸. Isso acontece quando pára e manda chamá-lo começando, dessa forma, um processo de transformação na vida do cego e, também, na vida dos “muitos” que o acompanham. Mostra misericórdia quando abre espaço para escutar a petição de Bartimeu e quando efetua a cura e a salvação deste.

“Este, largando seu manto, com um pulo foi até Jesus.” – os três verbos: largar, pular e ir mostram a prontidão de Bartimeu em aproximar-se de Jesus.

Manto – dentro do mundo bíblico, o manto significa a posse de um homem (cf. 1Sm 18,4; 24,6; 2Rs 2,14; Rt 3,9). Era usado pelas pessoas para se cobrirem à noite. Os códigos hebraicos proibiam os credores de tomarem o manto do pobre como penhor da dívida (cf. Ex 22,25ss; Dt 24,13)³⁹.

³⁵ DAVI. In: MACKENZIE, *Dicionário Bíblico*, p. 220.

³⁶ LANE, *The New International Commentary on the New Testament. The Gospel of Mark*, p. 386; BOOMERSHINE, *Bartimaeus (Mark 10:46-52). Story Journey: An Invitation to the Gospel as Storytelling*, p. 71.

³⁷ FAUSTI, *Ricorda e racconta il Vangelo: la cathehesi narrativa di Marco*, p. 346.

³⁸ MULHOLLAND, D. M. *Marcos, introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 169; DONAHUE, J. R.; HARRINGTON, D. J. *The Gospel of Mark*. Collegeville, Minnesota: The Liturgical Press, 2002, v. 2, p. 318.

³⁹ VESTES. In: MACKENZIE, *Dicionário Bíblico*, p. 958.

Nos evangelhos, o contato das pessoas com as vestes de Jesus assegura-lhes uma nova visão de fé (cf. 5,27.30; 6,56)⁴⁰.

“*Rabúni, que eu veja de novo.*” – “Rabúni” dá um toque de mais respeito⁴¹ e enfatiza a ligação pessoal com o Mestre. Ele é o “meu Mestre”. É desta forma que Bartimeu percebe Jesus agora.

Fé – no Antigo Testamento a palavra hebraica que se encontra na base dos termos *pistis* e *pisteuein* é *‘aman*. Na essência, a palavra significa ser firme ou sólido, logo, fiel. Por causa de sua fidelidade (cf. Sl 36,6), Deus oferece sólida segurança⁴².

Fidelidade, comumente incluída nos atributos de Deus (cf. Sl 30,10; 40,11; 71,22; 91,4), está frequentemente unida a outro atributo, *hesed*, amor empenhativo. Os dois termos juntos indicam a fidelidade de Deus às suas promessas e à aliança⁴³.

No Antigo Testamento, ter fé significa “conhecer a Deus”. Este conhecimento não é especulativo, abstrato, mas experiência de Deus através de sua palavra revelada e de seus atos de salvação. O termo comum para descrever a resposta do homem não é “crer”, mas “ouvir”, no sentido de “estar atento”, isto é, ouvir de modo a aceitar e obedecer⁴⁴.

Nos evangelhos sinóticos, o próprio Jesus exige fé (cf. Mt 9,28; Mc 4,36; Lc 8,25), louva a fé (cf. Mt 8,10; Lc 7,9) e afirma que foi a fé que salvou (cf. Mt 9,22; Mc 5,34; 10,52; Lc 8,48), tendo como contexto uma doença que é miraculosamente curada⁴⁵. Para quem crê tudo é possível (cf. Mc 9,23). A fé é uma aceitação do próprio Jesus como sendo o que Ele proclama ser. Implícita nesta aceitação está a adesão ao poder que Ele mostra possuir⁴⁶. Esta é a fé que move montanhas e é a que transparece no cego Bartimeu. Ela vem do ouvir, não retrocede diante dos obstáculos, deixa tudo para trás, agarra-se ao poder de Deus.

⁴⁰ RADERMAKERS, J. *La Bonne Nouvelle de Jésus Selon Saint Marc*. Bruxelles: Institut d'Études Theologiques, 1974, v. 2, p. 272.

⁴¹ POHL, A. *O Evangelho de Marcos*. Comentário Esperança. Curitiba: Evangélica Esperança, 1998, p. 225.

⁴² FÉ. In: MACKENZIE, *Dicionário Bíblico*, p. 341.

⁴³ *Ibid.*, p. 341.

⁴⁴ *Ibid.*, p. 341.

⁴⁵ *Ibid.*, p.342.

⁴⁶ FÉ. In: DAVIS, J. D. *Dicionário da Bíblia*. Rio de Janeiro: JUERP, 1989, p. 222.

No evangelho de Marcos, fé é requisito necessário para o milagre (cf. 5,34.56; 7,29; 9,23; 10,52)⁴⁷. Bartimeu não começou a crer porque foi curado, mas foi curado porque creu.

“E logo viu de novo, e seguia Jesus pelo caminho.” – curado, Bartimeu segue Jesus generosamente como discípulo.

Muitos: provêm o contexto geral da cena. Insistiam com Bartimeu para que silenciasse (v.48). Obedecendo a Jesus, chamam o cego (v.49), informando-o que este o chama (v.49). Como podemos ver nos vv. 47-49, os “muitos” neste relato têm o papel de obstrução, ou seja, intencionalmente interferem para evitar que tenha lugar a ação normal da trama.

Depois de apresentados os personagens e suas características é hora de explicitarmos a relação existente entre eles nesta perícopes:

Jesus – Discípulos: caminham juntos (v.46).

Jesus – grande turba: caminham juntos (v.46).

Jesus – Bartimeu: relação de ajuda, de cuidado. Jesus escuta-o, pára e encontra-se com ele, acolhe-o, solidariza-se, questiona-o, responde-lhe, mostra-lhe misericórdia, valoriza a sua fé, salva-o, cura-o. Enfim, Jesus resolve o problema de Bartimeu.

Bartimeu – Jesus: confia na sua misericórdia, no seu poder; segue-o⁴⁸.

Jesus – Muitos: relação de oposição. Enquanto querem continuar o caminho, sem dar importância ao cego, Jesus pára; enquanto querem silenciá-lo, Jesus quer escutá-lo. Perante eles, Jesus é uma autoridade, pois a uma palavra sua o comportamento dos “muitos” perante Bartimeu se transforma.

Bartimeu – Muitos: a princípio, relação de oposição. Os “muitos” tentam silenciar Bartimeu, obstáculo que o cego tem que vencer⁴⁹. Depois de uma palavra

⁴⁷ MALLY, *Evangelio según San Marcos*, p. 73.

⁴⁸ EGGER. W. *Metodología do Novo Testamento*. Introdução aos Métodos Lingüísticos e Histórico-críticos. São Paulo: Loyola, 1994, nº 12, p. 130.

⁴⁹ PESCH, *Commentario Teologico del Nuovo Testamento: Il Vangelo di Marcos*, p. 258

de Jesus, os “muitos” passam de opositores a mediadores e até animadores do cego, incentivando-o a ter coragem e ir até Jesus.

Ao olharmos os personagens e seu relacionamento, percebemos claramente que o narrador se posiciona a favor de Bartimeu, pois envia-lhe Jesus para que seja curado. Todos os que se opuserem a Bartimeu não serão bem quistos pelo narrador.

3.3. A visão do narrador sobre os fatos e personagens

Em qualquer narrativa o narrador introduz os fatos e os personagens focalizando a cena de vários ângulos de maneira a guiar o leitor sob a forma de se posicionar perante eles. Assim, é necessário que o leitor seja dócil nesse deixar-se guiar pelo narrador para conseguir acompanhar a narração⁵⁰.

Existem três tipos de focalização: zero, externa e interna.

a) **Zero:** é uma visão ampla que não se detém em nenhum detalhe. Aqui o narrador diz mais do que sabe qualquer um dos personagens⁵¹. Em Mc 10,46-52, esta focalização acontece no v.46 – *“e saindo ele de Jericó, e os seus discípulos e uma grande turba”*.

b) **Externa:** aqui o foco já se centra em algo preciso e os detalhes fornecidos pelo narrador permitem que o leitor imagine a cena⁵². Nesta perícope, o narrador privilegiou este tipo de focalização, conforme se mostra nos vv.47-52 – *“E ouvindo (que) É Jesus, o Nazareno, começou a gritar e a dizer: Filho de Davi, Jesus, tem misericórdia de mim!”*; *“Ele gritava muito mais: Filho de Davi, tem misericórdia de mim.”*; *“E parando, Jesus disse: Chamai-o!”*; *“E chamaram o cego, dizendo-lhe: ‘Anima-te, ergue-te! Ele te chama!’”*; *“E, respondendo, Jesus lhe disse: Que queres que eu te faça?”*; *“O cego disse-lhe: Rabúni, que eu veja de novo.”*; *“E Jesus disse-lhe: Vai, tua fé te salvou.”*

⁵⁰ MARGUERAT, D., BOURQUIN, Y. *Cómo leer los relatos bíblicos – Iniciación al análisis narrativo*. Santander: Sal Terrae, 2000, p. 119-120.

⁵¹ *Ibid.*, p. 119-120.

⁵² *Ibid.*, p. 120.

c) **Interna**: permite ao leitor conhecer os sentimentos, pensamentos, desejos, intenções dos personagens⁵³. Nesta perícopes não aparecem focalizações deste tipo.

3.4. A temporalidade da narração

Toda narração se situa num tempo e num espaço. A temporalidade consagra-se num jogo de relações entre tempo da história narrada (*temps raconté*), que é dado por indicações cronológicas, e tempo da narração (*temps racontant*), que correspondente ao tempo que o narrador emprega para descrever a cena da estória⁵⁴.

Em relação ao tempo da história narrada, podemos alegar que é o tempo em que Jesus vive. Isso nos traz à lembrança a situação de opressão da Palestina. Sob o jugo do poder romano, a maior parte da população da Palestina vivia em condições miseráveis, sem nenhuma perspectiva de vida melhor. Ela era marginalizada e explorada pelos romanos e pela elite palestinese, que colaborava com a dominação romana para preservar seus privilégios. Buscando a sobrevivência, muitos engrossavam a fileira dos bandidos, mendigos, prostitutas⁵⁵. É o que acontece com Bartimeu que, devido à sua cegueira, não lhe resta outra alternativa senão mendigar. As multidões estão entregues ao abandono, “*como ovelhas sem pastor*” (Mc 6,34).

Nesta situação de extrema crise e desespero, o povo espera ansiosamente um “Messias”, um rei guerreiro, vitorioso que libertará miraculosamente Israel do domínio romano e restaurará a gloriosa hegemonia judaica dos tempos de Davi e Salomão sobre outras nações. É isso que está implícito no grito do cego: “*Filho de Davi, Jesus, tem misericórdia de mim!*”

Em relação ao tempo da narração, podemos constatar que o narrador se compraz em mostrar a dificuldade de Bartimeu em chegar a Jesus (vv.47-50). É o bloco onde ele se detém mais tempo. Isso mostra a dificuldade e os obstáculos que

⁵³ MARGUERAT, D., BOURQUIN, Y. *Cómo leer los relatos bíblicos* – Iniciación al análisis narrativo, p. 120.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 141.

⁵⁵ GNILKA, J. *Jesus de Nazaré*. Lisboa: Presença, 1999, p. 37-51.

é preciso enfrentar para conhecer a identidade de Jesus e o tipo de messianismo que Ele representa.

Vejamos agora os dois registros com que se articula a temporalidade: a ordem e a velocidade.

Na ordem, se utilizam, em geral, dois artifícios para correlacionar os acontecimentos e os personagens. São eles a *analepse*, volta ao passado, e a *prolepse*, projeção para o futuro⁵⁶. Nesta perícopa não existe nenhum dos dois.

Quanto à velocidade, o narrador utiliza a elipse e o suspense. Encontramos elipses:

v. 46: “*E vão a Jericó, e saindo ele de Jericó*” – o narrador informa que Jesus vai a Jericó e depois o apresenta logo a sair da cidade. Ele não relata o caminho feito por Jesus na travessia da cidade nem nenhum acontecimento aí ocorrido.

v.50: “*Este, largando seu manto, com um pulo foi até Jesus*”. – aqui o narrador coloca o cego chegando muito rápido perto de Jesus. Não esclarece como foi esse trajeto. Foi fácil, foi difícil?

v. 51: “*E, respondendo, Jesus lhe disse: Que queres que eu te faça? O cego disse-lhe: Rabúni, que eu veja de novo*”. – Jesus vai direto ao assunto. Questiona logo o cego sobre qual é o seu desejo. O narrador não se detém a descrever Jesus, querendo saber por que o cego está naquela condição e este não faz nenhum tipo de rodeio. Responde prontamente, sem qualquer dúvida ou receio.

v.52: “*Jesus disse-lhe: Vai, tua fé te salvou. E logo viu de novo, e seguia Jesus pelo caminho*”. – Também aqui tudo acontece muito rápido. O narrador não se compraz em relatar, por exemplo, Jesus afastando o cego da turba ou dos discípulos para fazer o milagre, ou algum gesto de cura (como fez em 8,22-26, na cura do cego de Betsaida).

O suspense é dado nos versículos 47-49. “*E ouvindo (que): É Jesus, o Nazareno, começou a gritar e a dizer: Filho de Davi, Jesus, tem misericórdia de mim! E muitos o advertiam para que silenciasse. Ele gritava muito mais: Filho de Davi, tem misericórdia de mim. E parando, Jesus disse: Chamai-o! E chamaram o cego,*

⁵⁶ MARGUERAT, BOURQUIN, *Cómo leer los relatos bíblicos* – Iniciación al análisis narrativo, p. 149.

*dizendo-lhe: ‘Anima-te, ergue-te! Ele te chama!’*⁵⁷ – Por que Jesus não parou logo? Por que deixou o cego enfrentar a oposição dos “muitos” a ponto de ter que gritar ainda mais alto para se fazer ouvir por Ele? Por que não foi até ao cego, antes mandou chamá-lo? Por quê essa demora no encontro entre Jesus e Bartimeu? No decorrer deste trabalho responderemos a estas perguntas.

3.5. O pano de fundo em que a narração é projetada

O contexto desta narração é factual, pois indica dados objetivos: quando acontece a ação, onde, qual a condição social dos personagens. Visto que Marcos coloca Jesus entrando e saindo rapidamente de Jericó, é obvio que quer ligar o episódio à cidade. Esta cura representa a única visita de Jesus a Jericó no evangelho de Marcos⁵⁸.

Comecemos, então, pelo estudo da importância da cidade de Jericó, local onde se desenvolve a narração de Mc 10,46-52.

Jericó – é a porta da Terra Prometida que foi aberta de um modo simples e prodigioso. Não com as armas, mas ao som da trombeta dos sacerdotes e do grito do povo (cf. Js 6,12-20)⁵⁹.

Jericó é uma cidade importante situada no vale do Jordão (cf. Dt 34,1), no lado ocidental, perto do Mar-Morto e no sopé das montanhas que dão acesso às planícies de Judá. Era conhecida pelo nome de Cidade das Palmeiras⁶⁰ (cf. Jz 3,13). A primeira menção dela nas Escrituras dá-se no livro dos Números, quando os israelitas se acampam nas planícies de Moab, do outro lado do Jordão (cf. Nm 22,1; 26,3). Cidade bem fortificada e passagem para as montanhas do oeste, sua conquista se tornava essencial ao avanço dos israelitas⁶¹.

Josué enviou dois espiões para examinar a terra (cf. Js 2,1-24), ficando os israelitas acampados na frente da cidade. Os dois homens foram escondidos pela

⁵⁷ KONINGS, *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*, p. 201.

⁵⁸ SWIFT, *Marcos*, p. 1011.

⁵⁹ FAUSTI, *Ricorda e racconta il Vangelo: la catechesi narrativa di Marco*, p. 344.

⁶⁰ GNILKA, *El Evangelio según San Marcos: Mc 8,27 – 26,20*, p. 123; SCHOKEL, L. A. *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 2426.

⁶¹ JERICÓ. In: MACKENZIE, *Dicionário Bíblico*, p. 471-472. JERICÓ. In: DAVIS, *Dicionário da Bíblia*, p. 305.

prostituta Raab e, depois, relataram a Josué que a cidade temia os israelitas e que poderiam conquistá-la facilmente.

Por ordem divina, os israelitas deram a volta ao redor da cidade uma vez por dia, durante seis dias consecutivos. Sete sacerdotes tocavam as trombetas diante da Arca. Ao sétimo dia, deram sete voltas em torno dos muros. Ao som das trombetas e sob a ordem de Josué, o povo deu um forte grito de guerra, e os muros caíram, dando entrada a todo o povo. A cidade foi anatematizada e seus habitantes votados à morte, exceto a prostituta Raab, que havia defendido os espiões, bem como a sua família. Então Josué amaldiçoou a cidade e quem quer que ousasse reconstruí-la (cf. Js 6, 26-27).

No reinado de Acabe, Hiel de Betel fortificou a cidade, porém perdeu os seus dois filhos, conforme o que havia dito Josué (cf. 1Rs 16,34).

Báquides, general sírio, reparou as fortificações de Jericó durante o período dos macabeus (cf. 1Mc 9,50).

Nos primeiros anos do reinado de Herodes, o Grande, os romanos saquearam Jericó. Subsequentemente, Herodes a embelezou, imprimindo nela um estilo helênico; construiu um palácio real, e por detrás do outeiro que existia ao fundo da cidade, levantou uma cidadela que denominou Ciprus⁶². Havia também um hipódromo, casas de campo, aquedutos, termas e anfiteatro⁶³.

Foi nesta cidade que Herodes morreu. Seu último gesto de crueldade foi mandar encerrar no hipódromo os principais nobres da Judéia dando ordem à sua irmã Salomé para executar todos eles depois da sua morte; esta disposição Salomé não cumpriu⁶⁴.

Quem vem da Peréia ou da Transjordânia (cf. 10,1), passa por Jericó⁶⁵. Posto de fronteira e alfândega (cf. Lc 19,2), também era a última oportunidade para descanso e abastecimento de provisões e local de reunião onde grupos pequenos

⁶² JERICÓ. In: MACKENZIE, *Dicionário Bíblico*, p. 471-472. JERICÓ. In: DAVIS, *Dicionário da Bíblia*, p. 305.

⁶³ GNILKA, *El Evangelio según San Marcos*: Mc 8,27 – 26,20, p. 123.

⁶⁴ RODENAS, A. La entrada de Jesús en Jericó (Mc 10.46). *Naturaleza e Gratia*, v. XXII, p. 242-245, 1975; LEAL; PARAMO; ALONSO; *La Sagrada Escritura – Nuevo Testamento I – Evangelios*, p. 436.

⁶⁵ RADERMAKERS, *La Bonne Nouvelle de Jésus Selon Saint Marc*, p. 271; SCHOKEL, A. *Bíblia do Peregrino*, p. 2426.

se organizavam para a viagem. Juntos ficavam mais protegidos contra os salteadores⁶⁶.

Tinha grande importância para Jerusalém visto ali morarem muitos sacerdotes e levitas que serviam o Templo⁶⁷.

É em Jericó que ocorre a cura do cego Bartimeu (cf. Mc 10,46-52; Mt 20,29-34; Lc 18,35-43). Somente Lucas registra outras histórias ligadas, de alguma forma, a Jericó: a do publicano Zaqueu que encontrou a salvação recebendo Jesus em sua casa (cf. Lc 19,1-10) e a parábola do bom samaritano que é situada na estrada de Jerusalém a Jericó (cf. Lc 10, 29-37).

Jericó estava situada a uns 30 km de Jerusalém e a 272 metros abaixo do nível do Mediterrâneo. Todavia gozava de clima tropical. É a última parada na peregrinação à cidade santa⁶⁸. Produzia palmeiras, árvores balsâmicas, sicômoros e a hena odorífera (cf. Ct 1,14; Lc 19,2.4). As rosas de Jericó tornaram-se famosas pela sua beleza. A antiga Jericó tinha perto de si uma rica e abundante nascente chamada “fonte de Eliseu”, cujas águas fazem do oásis de Jericó uma das mais ricas zonas agrícolas de todo o Oriente Médio⁶⁹. Sobre Jericó, Mercedes Puerto nos esclarece:

A cidade, evocando o extra texto, caracteriza-se por sua beleza (é um oásis) e por ser o lugar onde Herodes construiu seu luxuoso palácio de inverno, mas é, além disso, um lugar próximo a Jerusalém que acolhe numerosos peregrinos que vão à capital, especialmente na proximidade da Páscoa. A menção desta cidade serve, também, de enlace analéptico com as tradições de Elias e Eliseu, profetas curadores situados no entorno de Jericó (Cf. 1Rs 17,17-24 e 2Rs 4,8-37), e oferece ao leitor/a um fundo cênico e um marco teológico para enquadrar o resto da cena e interpretar a figura e a ação de Jesus⁷⁰.

⁶⁶ PESCH, *Commentario Teologico del Nuovo Testamento: Il Vangelo di Marcos*, p. 260; POHL, *O Evangelho de Marcos*, p. 226; HUBY, J. *Évangile Selon Saint Marc*. Paris: Beauchesne et ses fils, 1948, p. 273.

⁶⁷ BRAVO, C. *Galiléia ano 30* – para ler o Evangelho de Marcos. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 117; BARCLAY, W. *The Gospel of Mark*. Edinburgh: The Saint Andrew Press, 1997, p. 260. Barclay informa que estavam ligados ao Templo mais de 20.000 sacerdotes e muitos levitas. Obviamente não serviam todos de uma só vez. Eram, portanto, divididos em vinte e seis campos de ação que serviam em rotação. A páscoa era uma das raras ocasiões em que todos serviam.

⁶⁸ PESCH, *op. cit.*, p. 260; MYERS, C. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 340.

⁶⁹ JERICÓ. In: MACKENZIE, *Dicionário Bíblico*, p. 471-472; JERICÓ. In: DAVIS *Dicionário da Bíblia*, p. 305.

⁷⁰ PUERTO, *Marcos*, p. 382 (trad. nossa).

Os peregrinos partiam deste oásis para o último trecho de subida íngreme através do deserto acidentado da Judéia até Jerusalém, cidade do Templo. Dado o caráter desértico de uma cidade à outra, há de fazer-se numa única e dura jornada.

Outro elemento que está subjacente à narrativa é a festa da Páscoa. Este é o nome da primeira das três festas anuais a que deveriam comparecer todos os varões judeus (cf. Ex 12,43; Dt 16,1), conhecida também pelo nome de festa dos pães ázimos (cf. Ex 23,15; Dt 16,16). Originalmente uma festa agrícola, se tornou em Israel a comemoração por excelência da libertação do Egito⁷¹, acontecimento culminante da redenção de Israel (cf. Ex 12,1.14.42; 13,15; Dt 16,1.3). Aquela noite ia ser muito celebrada em honra do Senhor, porque foi nela que Ele feriu os primogênitos dos egípcios, poupando a casa dos israelitas em cujas ombreiras havia o sangue do cordeiro. Todos deviam estar de pé, com os bordões nas mãos, cingidos os rins, esperando a ordem de marcha. A festa devia começar no dia catorze de *abid*⁷² à tarde, isto é, ao principiar o dia quinze com a solenidade dos ázimos (cf. Lv 23,5). Deviam matar o cordeiro ao entardecer (Cf. Ex 12,6; Dt 16,6) e assá-lo inteiro.

A ceia pascal devia ser tomada pelos membros de cada família. Se esta fosse pequena, eram chamados alguns vizinhos até que houvesse número suficiente para comer o cordeiro todo (cf. Ex 12,4).

Para começar, o pai de família pronunciava uma benção sobre uma taça de vinho, da qual bebia ele em primeiro lugar e depois todos os membros da comunidade que celebravam a páscoa. Logo se comia o primeiro prato. A seguir servia-se o prato forte, cordeiro pascal, pão ázimo e ervas amargas, com outra taça de vinho. Mas ambas as coisas não se tomavam até que fosse celebrada a liturgia pascal. Sua parte fundamental era a *hagadá* pascal, na qual o pai de família recitava a história da redenção segundo Dt 26,5-11 e explicava o significado de cada um dos elementos da ceia (cordeiro, pão ázimo e as ervas amargas). Seguia-se o canto

⁷¹ DI SANTE, C. *Liturgia Judaica* – Fontes, Estrutura, Orações e Festas. São Paulo: Paulus, 2004, p. 217.

⁷² Corresponde a Março/Abril.

comum do salmo 113 e 114. Depois o pai de família fazia umas preces sobre o pão ázimo e terminava com uma oração sobre a terceira taça de vinho⁷³.

A celebração da ceia pascal não devia prolongar-se mais do que a meia noite. Terminava com o salmo 114-117 ou 115-118 e a benção pronunciada pelo pai sobre a quarta taça de vinho.

O comparecimento dos peregrinos era obrigatório somente à ceia pascal. Poderiam retirar-se logo na manhã seguinte (cf. Dt 16,7)⁷⁴.

Na época neotestamentária, a festa da páscoa é a mais importante do ano e, por ocasião do seu acontecimento, milhares de peregrinos de todo o mundo judeu afluíam a Jerusalém (cf. Jo 11,55).

Os judeus religiosos tinham a obrigação de dar esmolas, especialmente na festa da Páscoa (cf. 14,5.7). Os mendigos podiam contar com isso. Desta maneira, a festa tornava-se um ponto alto também para eles que, como deficientes, não podiam entrar no santuário. Assim, os mendigos posicionavam-se na saída da cidade, onde a caravana partia com disposição religiosa para a última etapa⁷⁵.

É dentro deste macro contexto que surge Bartimeu. Cego, mendigo, à saída de Jericó, sentado à beira do caminho.

Nesta perícope podemos falar de três temas subjacentes: misericórdia de Deus, fé e seguimento.

3.6. Sistemas de valores subjacentes

O ponto de vista do narrador são os elementos da ideologia dele que são perceptíveis ao leitor.

Nesta passagem narrativa é clara a posição do narrador. Ele está do lado de Jesus e de Bartimeu que entende a identidade de Jesus e sua messianidade.

⁷³ AVRIL, A-C.; MAISONNEUVE, D. de la. *As Festas Judaicas*. São Paulo: Paulus, 1997, nº 11, p. 29; SCHALLER, B. Fiesta. In: COENEN, L.; BEYREUTHER, E.; BIETENHARD, H. *Diccionario Teologico del Nuevo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 1990, v. I, p. 194; PÁSCOA. In: DAVIS *Dicionário da Bíblia*, p. 446; PÁSCOA. In: MACKENZIE, *Dicionário Bíblico*, p. 696.

⁷⁴ SCHALLER, Fiesta. In: COENEN, BEYREUTHER, BIETENHARD, *op. cit.*, p. 194. PÁSCOA. In: DAVIS, *op. cit.*, p. 446. PÁSCOA. In: MACKENZIE, *op. cit.*, p. 696.

⁷⁵ POHL, *O Evangelho de Marcos*, p. 226.

Quando começamos a ler esta passagem bíblica, logo percebemos que evoca, analepticamente, a cena da cura do cego de Betsaida em 8,22-26 e nos perguntamos sobre o que acontecerá com este cego chamado Bartimeu.

Para entendermos melhor o milagre que aqui acontece, precisamos atender a dois fatores sobre a mentalidade judaica.

O primeiro fator consiste em perceber que a cosmologia e a antropologia de então são pré-científicas, com tudo o que isso pode implicar. Os judeus não tinham nenhuma idéia duma natureza regida por leis científicas de causa e efeito.

Para eles, o mundo está dominado por Satã e pelas suas forças e poderes (principados, potestades, tronos, dominações, segundo Cl 2,15; cf. Ef 1,21). Satã e o seu mundo é forte (Lc 11,21-11 e par.). Até que apareça o *mais forte* é ele quem tem o domínio⁷⁶.

O segundo fator de tal mentalidade judaica de então é o da antropologia, sobretudo no que respeita a doenças e pecados. Qualquer tipo de doença tinha a ver com as forças demoníacas. A medicina de então era, na generalidade, uma medicina popular e supersticiosa.

Devemos, mesmo, assim, distinguir dois tipos de doença: os doentes físicos e os possessos. Os doentes físicos são os cegos, surdos, mudos, coxos, paralíticos, leprosos, etc. São todos aqueles que, por causa de tais doenças, não podem trabalhar e se entregam à esmola. Os possessos são sobretudo doentes mentais (esquizofrenia, histeria, epilepsia, etc.). Naquele tempo não havia psicanalistas nem psiquiatras e, por isso, qualquer tipo de doença mental era vista como uma consequência de forças extra-humanas.

Entre a doença e o pecado existe uma dependência de causa e efeito: a doença é devida ao pecado e este é devido a Satã. [...] Assim sendo, todas as doenças tinham a sua origem nos espíritos maus e é por causa disso que qualquer doente era julgado como pessoa impura, privada dos direitos das pessoas sãs. Porque é que os coxos, cegos e paralíticos não podiam servir de testemunhas num tribunal? Porque não pertenciam ao Povo de Deus, ao Povo Santo, de pleno direito. Não exerciam os direitos fundamentais do homem. Em consequência disto, também não podiam participar nas cerimônias religiosas do Templo. Se estavam doentes é porque as forças demoníacas se tinham apoderado deles, tornando-os impuros e pecadores. Todos os doentes mentais e físicos eram duma maneira directa ou indirecta pecadores públicos. E já podemos agora compreender porque é que as multidões que seguiam Jesus eram constituídas, em grande parte, por estes doentes mentais e físicos (Mt 15,30-31; Mc 9,17...)⁷⁷.

Os milagres, sejam eles de curas físicas ou mentais são um meio de que Jesus se serve para anunciar o Reino de Deus e para o tornar visível e concreto.

Numa luta apocalíptica, segundo a mentalidade de então, entre as forças do bem e do mal, Jesus vence as forças do mal manifestadas nas doenças das pessoas⁷⁸.

Mas os milagres de Jesus ainda significam outra realidade importante. Jesus insere os doentes no seio da sociedade⁷⁹.

⁷⁶ CARREIRA DAS NEVES, J. *Jesus Cristo História e Fé*. Braga: Editorial Franciscana, 1989, p. 136.

⁷⁷ *Ibid.*, p. 137-138.

⁷⁸ *Ibid.*, p. 141.

⁷⁹ *Ibid.*, p. 143.

Jesus e seus discípulos estão saindo da cidade, iniciando assim um longo dia, o último de sua marcha até Jerusalém⁸⁰.

No caminho para Jerusalém, uma cena usual: um cego, mendicante⁸¹, espera receber algo da generosidade dos peregrinos que sobem para celebrar a Páscoa, já que o fervor religioso da época os deixava mais propensos do que o habitual a dar esmolas⁸². O mendicante tinha melhores possibilidades de receber esmola não em Jericó, onde os peregrinos se dispersavam, mas no caminho para Jerusalém, onde eles passavam ao seu lado⁸³.

A cena começa com a movimentação de Jesus, dos discípulos e da grande turba, que sobem a Jerusalém, mas logo aparece o elemento contrastante; Bartimeu, sentado à beira do caminho (v.46). À mobilidade de uns, contrapõe-se a imobilidade de Bartimeu. Estar à beira do caminho significa que ainda não caminha pelas sendas do Mestre. É o mesmo que acontece com os discípulos que não querem aceitar o caminho que conduzirá Jesus à morte⁸⁴.

O fato de mendigar, fruto da sua cegueira, revela-nos a sua marginalidade⁸⁵, sentado fora da cidade, à beira da estrada. Esta marginalidade será confirmada pelo fato dos “muitos” tentarem impor-lhe silêncio (v.48). Bartimeu está excluído socialmente. Esta exclusão pode estar ligada à concepção de impureza, visto ser cego e, segundo as prescrições do Levítico (cf. Lv 21,18), um cego não podia oferecer sacrifício no templo⁸⁶.

O mendigo e cego, primeiramente, só ouve o ruído das pessoas que acompanham Jesus, e logo se inteira sobre quem passa por ali. A forma como se dirige a Jesus pressupõe que já tinha ouvido falar dele⁸⁷, o que evoca, analepticamente, relatos de outros dois personagens marcanos com os quais esta

⁸⁰ MINGO, A. de. Evangelizados por los pobres, lectura narrativa de Mc 10,46-52. *Revista Moralia*, v. 25, nº 96, p. 388, oct.-dic. 2002.

⁸¹ TAYLOR, *Evangelio según San Marcos*, p. 536; LANE, *The New International Commentary on the New Testament. The Gospel of Mark*, p. 386; LEAL; PARAMO; ALONSO, *La Sagrada Escritura – Nuevo Testamento I – Evangelios*, p. 436.

⁸² GUNDRY, *Mark – A Commentary on His Apology for the Cross*, p. 600.

⁸³ PESCH, *Commentario Teologico del Nuovo Testamento: Il Vangelo di Marcos*, p. 261.

⁸⁴ RUIS-CAMPS. J. A cura do cego Bartimeu (Mc 10,46-52) – Análise Narrativa. In: AGUIRRE, R. (org.). *Os Milagres de Jesus – Perspectivas Metodológicas Plurais*. São Paulo: Loyola, 2009, nº 54, p. 242.

⁸⁵ CUVILLIER, E. *L'Évangile de Marc*. Paris/Genève: Bauard/Labor et Fides, 2002, p. 218.

⁸⁶ FOCANT, *L'Évangile Selon Marc*, p. 405.

⁸⁷ SCHMID, J. *El Evangelio según San Marcos*, p. 293.

perícopes se conecta. Também eles partilham a iniciativa individual de solicitar a ajuda de Jesus depois de terem ouvido falar dele e revelam a sua fé. Referimo-nos à hemorroíssa (cf. 5,21-34) e à mulher sirofenícia (cf. 7,24-30)⁸⁸.

Ao revelar a escuta do cego, o narrador transfere a nossa atenção do órgão da vista para o do ouvido. Fá-lo em virtude de apresentar a fé de Bartimeu, já que a fé está mais centrada na escuta do que na visão. Basta recordar o “Escuta Israel...” (Dt 6,4) para confirmar isto.

O narrador demonstra certa ironia ao deixar antever que o cego enxergava mais a verdadeira identidade de Jesus do que aqueles que viajam com Ele, pois estes, apenas, o ligam à vila de onde provém⁸⁹. Falam-lhe que é “Jesus, o Nazareno” e ele interpreta “Filho de Davi, Jesus”⁹⁰. Essa descrição do cego como a primeira pessoa a perceber que Jesus é o Filho de Davi, a conter esse primeiro reconhecimento público sem ser rejeitado por Jesus, não é acidental. Até então, só os demônios e os discípulos o tinham reconhecido como tal, e eles tinham sido proibidos de falar acerca disso. Agora, longe de rejeitar este reconhecimento da sua messianidade, Jesus endossa-a com a realização do milagre, e o caminho está preparado para a interpretação deste título na próxima cena (cf. 11,1-11)⁹¹.

Não nos passa também despercebida a existência de certo paralelismo entre as formulações “filho de Timeu, Bartimeu” (v.46) e “Filho de Davi, Jesus” (v.47). Os dois patronímicos parecem semelhantes e, ao mesmo tempo, contrastantes. A semelhança lhes advém da relação de filiação, pois os situa dentro de uma linhagem. O contraste aparece no tipo de filiação, pela diferença que os pais evocam e suas heranças⁹².

⁸⁸ PUERTO, Marcos, p. 383.

⁸⁹ FOCANT, *L'Évangile Selon Marc*, p.405; VAAGE, L. E. En otra casa: El discipulado en Marcos como ascetismo domestico. *Estudios Biblicos*, v. 63, nº 1, p. 31, 2005; WITHERINGTON III, B. *The Gospel of Mark: A socio-rhetorical commentary*. Grand Rapids Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 2001, p. 292.

⁹⁰ LÉONARD, P. *Evangelio de Jesucristo según San Marcos*. Navarra: Verbo Divino, 2007, p. 52, nº 133.

⁹¹ NINEHAM, D. E. *The Gospel of St. Mark*. London: Penguin Books Ltd, 1972, p. 282; WITHERINGTON III, *op. cit.*, p. 292.

⁹² FOCANT, *op. cit.*, p. 405; DELORME, *Guérison d'un aveugle? (Mc 10,46-52)*, p. 10.

A presença dos “muitos” é essencial nos vv. 47-49 já que o relato nesta fase depende da sua intervenção. “Muitos” é uma imprecisão que permite incluir não somente as gentes da multidão mas, talvez, também os discípulos⁹³.

Os “muitos” tentam silenciar o cego. É estranho que o façam, pois esse papel é atribuído a Jesus ao longo da narração. É Jesus quem costuma impor silêncio (cf. 1,25; 3,12; 4,39; 8,30.32)⁹⁴. Como se ser cego não bastasse, os “muitos” querem impor-lhe a mudez⁹⁵.

A multidão que usualmente demonstrava interesse por ver Jesus realizar algum milagre, aqui parece sentir-se ansiosa para que Jesus chegue a Jerusalém e inaugure o Reino de Deus, de acordo com o conceito político que dele tinham.

Os “muitos” estavam tendo a mesma reação que os discípulos, quando impediam que as crianças se aproximassem de Jesus, pois pensavam que estas iam aborrecê-lo (cf. 10,13)⁹⁶. Algo semelhante parece ocorrer neste caso. Mas, da mesma forma que Pedro estava errado quando repreendeu Jesus (cf. 8,32) e os discípulos estavam equivocados quando quiseram afastar as crianças (cf. 10,13), assim também estavam os “muitos” ao tentar silenciar o cego⁹⁷. No entanto, parece que não se tenta silenciar a exclamação messiânica como tal, mas sim a impertinência do cego que ia deter o cortejo que se encaminhava para Jerusalém⁹⁸.

Além disso, reis não costumavam dar importância a mendicantes. Talvez por isso os “muitos” o mandem calar. Mas, este Filho de Davi era diferente. Para Jesus todos são importantes, especialmente os que sofrem. Atendendo e curando Bartimeu, Jesus estava sendo fiel ao seu anúncio e prática cotidiana.

Bartimeu não está acompanhado de outras pessoas que mediem a relação com Jesus, intercedam por ele, ou o apoiem⁹⁹. Ele tem que superar, sozinho, a

⁹³ CUVILLIER, *L'Évangile de Marc*, p. 218.

⁹⁴ WITHERINGTON III, *The Gospel of Mark: A socio-rhetorical commentary*, p. 291; MALLY, *Evangelio según San Marcos*, p. 123; EDWARD, *The Gospel according to Mark*, p. 330; LÉONARD, *Evangelio de Jesucristo según San Marcos*, p. 52.

⁹⁵ HANCCO, H. D. T. *O Grito e a Escuta: uma análise literária de Marcos 10,46-52*. São Paulo: Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, 2006, p. 68.

⁹⁶ RADERMAKERS, *La Bonne Nouvelle de Jésus Selon Saint Marc*, p. 272.

⁹⁷ ROBBINS, *The Healing of Blind Bartimaeus (10: 46-52) in the Marcan Theology*, p. 235.

⁹⁸ RODENAS, *La entrada de Jesús en Jericó (Mc 10.46)*, p. 241; MUKASA, E. The blind man of Jericho (Mk 10:46-52) following Jesus on the way. *Hekima Review*, nº 29, p. 39, 2003.

⁹⁹ MUKASA, *op. cit.*, p. 40.

oposição dos “muitos”. O seu comportamento mostra a força e a perseverança da sua fé.

Jesus é livre. Não deixa que outros modelem suas ações. Toma duas atitudes bem diferentes da atitude dos “muitos”: pára e manda chamar o cego¹⁰⁰. Ele não podia negligenciar o grito daquela pessoa, a sua necessidade¹⁰¹. Para Jesus, é mais importante o cego que mendiga à beira do caminho do que todo o cortejo que o acompanha na subida para Jerusalém para celebrar a Páscoa. Para Ele é mais importante ouvir, prestar atenção ao sofrimento de uma pessoa do que ouvir as aclamações de uma multidão. Jesus ouve o pedido de Bartimeu e faz questão de que todos saibam que Ele quer ouvi-lo e atender a seu pedido de ser curado.

Sua parada rompe um movimento de caminhada e produz um efeito inesperado. Sua intervenção dá um giro na narração. Jesus, os seus discípulos e a turba, em movimento até então, param e o único elemento imóvel da cena, o cego sentado à beira do caminho, passa ao movimento. Mais ainda; o acolhimento de Jesus, a sua misericórdia para com o cego, lançou um convite de mudança de atitude aos “muitos”¹⁰². A primeira transformação ocorre naqueles que o circundam¹⁰³. Subitamente estes passam do papel de obstáculo ao de cooperadores sem reservas. Passam de opositores a intermediários entre Jesus e o cego¹⁰⁴. Agora não lhe impõem mais silêncio. Pelo contrário, animam-no¹⁰⁵. Os “muitos” estão agora a serviço dessa relação¹⁰⁶. A prática da misericórdia não só salva Bartimeu, mas converte os que dela são testemunhas, movendo-os a participar também da prática da misericórdia.

A distância entre eles é sublinhada pela mediação dos “muitos” que Jesus encarrega de chamar o cego¹⁰⁷, o que já ocorreu noutras situações como, por exemplo, no caso do epilético que Jesus diz: “*Trazei-o a mim*” (9,19). Mas, é a

¹⁰⁰ DELORME, *L'Heureuse annonce selon Marc – Lecture intégrale du 2^e Évangile*, p. 205.

¹⁰¹ CHAPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. São Paulo: Milenium, 1979, v. I, p. 754.

¹⁰² URICCHIO; STANO, *Vangelo Secondo San Marco*, p. 468; BRAVO, *Galiléia ano 30*, p. 118; DELORME, *op. cit.*, p. 206.

¹⁰³ DUPONT, *L'Aveugle de Jericho recouvre la vue et suit Jesus (Marc 10,46-52)*, p. 179.

¹⁰⁴ RUIS-CAMPS, *A cura do cego Bartimeu (Mc 10,46-52) – Análise Narrativa*, p. 243; DELORME, *op. cit.*, p. 206; DUPONT, *op. cit.*, p. 180.

¹⁰⁵ FOCANT, *L'Évangile Selon Marc*, p. 406; SCHMID, *El Evangelio según San Marcos*, p. 293; LÉONARD, *Evangelio de Jesucristo según San Marcos*, p. 52; PESCH, *Commentario Teologico del Nuovo Testamento: Il Vangelo di Marcos*, p.259.

¹⁰⁶ DELORME, *Guérison d'un aveugle? (Mc 10,46-52)*, p. 11.

¹⁰⁷ *Ibid.*, p. 11.

primeira vez que manda que o chamem. O mandar chamar mostra que Jesus não sai do seu caminho, mas convida o cego a fazer parte dele¹⁰⁸.

A reação do cego é descrita de forma gráfica pelo narrador, mediante três ações cuja sucessão oferece prontidão, rapidez e vivacidade à cena: largar o manto, ficar de pé com um pulo e ir até Jesus.

O traço de deixar o manto desta forma é peculiar em Marcos¹⁰⁹. Talvez mostre o total abandono de tudo, exigido ao discípulo. Desta forma, o cego deixa para trás os sinais da exclusão social, a saber, o lugar à beira do caminho e o seu manto de mendicante¹¹⁰. Fica livre daquilo que o prendia à vida anterior¹¹¹. O cego está convencido de que Jesus lhe devolverá a vista, o que faz com que não necessite mais do manto. A esta luz, o largar o manto é um sinal da fé e não só um rasgo estético do narrador para dar mais vivacidade à cena¹¹².

Existe aqui também um possível contraste entre Bartimeu e o jovem rico já que, contrariamente ao jovem rico, que não conseguiu deixar as suas riquezas, o cego deixou o pouco que possuía¹¹³.

A questão que Jesus coloca a Bartimeu (v.51) era desnecessária. Era óbvia a necessidade do cego¹¹⁴. No entanto, Jesus não lhe impõe nada, espera que expresse seus desejos¹¹⁵ e só depois age. Jesus toma a iniciativa de perguntar, mas deixa o cego livre para pedir o que quiser. Respeita a liberdade humana. Jesus, o Messias esperado por séculos, espera agora o pedido de Bartimeu.

Com a pergunta aparentemente supérflua, Jesus, primeiramente, obriga o homem a definir sua necessidade e, depois, demonstra aos “muitos” que, desta vez, o cego não pede esmola¹¹⁶.

¹⁰⁸ GALIZZI, M. *Evangelio según Marcos*. Madrid: San Pablo, 2007, p. 218.

¹⁰⁹ RILEY, H. *The making of Mark. An Exploration*. Georgia: Mercer University Press, 1989, p. 128.

¹¹⁰ FOCANT, *L'Évangile Selon Marc*, p. 406.

¹¹¹ DELORME, *Guérison d'un aveugle? (Mc 10,46-52)*, p. 207.

¹¹² PUERTO, *Marcos*, p. 386.

¹¹³ WITHERINGTON III, *The Gospel of Mark: A socio-rhetorical commentary*, p. 292; MYERS, *O Evangelho de São Marcos*, p. 341.

¹¹⁴ EDWARD, *The Gospel according to Mark*, p. 330.

¹¹⁵ TAYLOR, *Evangelio según San Marcos*, p. 537; CHAPLIN, *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*, p. 754; MULHOLLAND, *Marcos, introdução e comentário*, p.169; HUBY, *Évangile Selon Saint Marc*, p. 275.

¹¹⁶ SWIFT, *Marcos*, p. 1011; DONAHUE; HARRINGTON, *The Gospel of Mark*, p. 318; GUNDRY, *Mark – A Commentary on His Apology for the Cross*, p. 594.

Notemos que a questão colocada por Jesus a Bartimeu (v.51) é praticamente igual à que colocou aos filhos de Zebedeu (cf. 10,36). O narrador faz assim ressoar o contraste entre as duas respostas¹¹⁷. Da mesma forma, a resposta de Jesus o será. Aos desejos dos filhos de Zebedeu por melhores lugares na sua glória, Jesus responde que eles não sabem o que pedem (cf. 10,37-38)¹¹⁸. Pelo contrário, ao pedido de Bartimeu para recuperar a vista, Jesus anui¹¹⁹.

No diálogo que advém do encontro se estabelece a relação entre Bartimeu e Jesus, entre aquele que está fora do caminho e aquele que está no caminho; entre aquele que grita e o que escuta; entre aquele que pede misericórdia e o que é misericórdia; entre aquele que se torna discípulo e aquele que é o Mestre.

Podemos perceber que Bartimeu recorre a Jesus não enquanto mendigo, pois se assim fosse pediria dinheiro, mas sim enquanto cego¹²⁰. Isso fica bem patente na sua petição: “*Rabúni, que eu veja de novo*”¹²¹.

Bartimeu sabe o que quer¹²² e seu pedido é formulado de forma essencial¹²³. Ele está convicto da potência que emana de Jesus, de sua bondade¹²⁴ e misericórdia. A sua petição mostra o seu reconhecimento de que Jesus é o Servo de Deus capaz de dar a visão. Esta é sua expressão de fé¹²⁵. A sua confiança é tão grande que o move a pedir o aparentemente impossível.

Ainda que exista na literatura judaica, Rabúni praticamente nunca é usado como forma de se dirigir a alguém. É, frequentemente, utilizado, contudo, como forma de se dirigir a Deus em oração¹²⁶.

¹¹⁷ SWIFT, Marcos, p. 1011; WITHERINGTON III, *The Gospel of Mark: A socio-rhetorical commentary*, p. 292; MULHOLLAND, Marcos, introdução e comentário, p. 169; MALLY, *Evangelio según San Marcos*, p. 123; GUNDRY, *Mark – A Commentary on His Apology for the Cross*, p. 602.

¹¹⁸ FOCANT, *L'Évangile Selon Marc*, p. 406; DELORME, *Guérison d'un aveugle? (Mc 10,46-52)*, p. 12; EDWARD, *The Gospel according to Mark*, p. 330.

¹¹⁹ FOCANT, *op. cit.*, p. 407; MYERS, *O Evangelho de São Marcos*, p. 341.

¹²⁰ IERSEL, *A reader-response commentary*, p. 343.

¹²¹ PUERTO, *Marco*, p. 386.

¹²² BARCLAY, *The Gospel of Mark*, p. 260.

¹²³ FABRIS, *O Evangelho de Marcos*, p. 540.

¹²⁴ URICCHIO; STANO, *Vangelo Secondo San Marco*, p. 468.

¹²⁵ SUGGIT, J. N. Exegesis and Proclamation – Bartimaeus and Christian Discipleship (Mark 10: 46-52). *Journal of Theology for Southern Africa*, nº 74, p. 60, 1991.

¹²⁶ EDWARD, *op. cit.*, p. 331; GUNDRY, *op. cit.*, p. 602.

Observemos que a palavra Rabúni só é usada quando Jesus e o cego estão face a face¹²⁷. Este termo com que o cego se dirige agora a Jesus revela uma evolução na maneira como o percebe. Agora Jesus é o “meu mestre”¹²⁸, uma expressão que manifesta profundo respeito, maior reconhecimento, veneração, intimidade¹²⁹. É um termo dado à pessoa estimada por ciência e autoridade¹³⁰. Chamando Jesus de Rabúni, Bartimeu se situa já ao nível do discípulo¹³¹.

Esta expressão só se usa noutra ocasião em todo o Novo Testamento: Jo 20,16¹³². Nesta passagem, Maria, que havia confundido por um momento a Jesus ressuscitado com um jardineiro, finalmente reconhece o Senhor e o faz chamando-o de Rabúni.

A esta altura esperávamos um gesto de cura de Jesus, mas nos deparamos, simplesmente, com o reconhecimento da fé de Bartimeu¹³³ e a confirmação da sua salvação, o que desloca a cura para o plano religioso¹³⁴. A palavra de Jesus é suficiente e só depois dela o narrador assinala o recobrar da vista¹³⁵.

Só em outras duas ocasiões Marcos fala desta fé que cura: no caso da hemorroíssa (cf. 5,34) e no caso do paralítico trazido na cama e deslocado através do telhado (cf. 2,5)¹³⁶ sendo a fórmula de confirmação a mesma de 5,34, quando Jesus confirma a cura da hemorroíssa¹³⁷. O que curou a hemorroíssa da sua enfermidade, cura agora a cegueira de Bartimeu.

Mediante a expressão: “Vai!”, que representa um hábito linguístico na sua atuação em milagres (cf. 1,44; 2,11; 5,19.34; 7,29)¹³⁸, Jesus despede Bartimeu e

¹²⁷ ROBBINS, V. K. The Healing of Blind Bartimaeus (10:46-52) in the Marcan Theology. *Journal of Biblical Literature*, nº 92, p. 232, 1973.

¹²⁸ DELORME, *Guérison d'un aveugle? (Mc 10,46-52)*, p. 12.

¹²⁹ SCHWEIZER, *Il Vangelo Secondo Marco*, p. 238; EDWARD, *The Gospel according to Mark*, p. 328; DUPONT, *L'Aveugle de Jericho recouvre la vue et suit Jesus (Marc 10,46-52)*, p. 181.

¹³⁰ NOLLI, G. *Evangelo Secondo Marco*. Roma: Agenzia Libro Cattolico, 1978, p. 271.

¹³¹ DELORME, *op. cit.*, p. 15.

¹³² SLOYAN, *The Gospel of Saint Mark*, p. 83; SUGGIT, *Exegesis and Proclamation – Bartimaeus and Christian Discipleship (Mark 10: 46-52)*, p. 60; WITHERINGTON III, *The Gospel of Mark: A socio-rhetorical commentary*, p. 291; DONAHUE; HARRINGTON, *The Gospel of Mark*, p. 318.

¹³³ DONAHUE; HARRINGTON, *op. cit.*, p. 318; PESCH, *Commentario Teologico del Nuovo Testamento: Il Vangelo di Marcos*, p. 259 e 266.

¹³⁴ PUERTO, *Marcos*, p.386; TAYLOR, *Evangelio según San Marcos*, p. 538.

¹³⁵ DELORME, *L'Heureuse annonce selon Marc – Lecture intégrale du 2^e Évangile*, p. 209; GUNDRY, *Mark – A Commentary on His Apology for the Cross*, p. 597.

¹³⁶ MINGO, *Evangelizados por los pobres, lectura narrativa de Mc 10,46-52*, p. 391-392.

¹³⁷ VAAGE, *En otra casa: El discipulado en Marcos como ascetismo domestico*, p. 31; DONAHUE; HARRINGTON, *op. cit.*, p. 318.

¹³⁸ GUNDRY, *op. cit.*, p. 595.

indica-lhe que seu pedido foi acolhido e que está pronto para se reincorporar na sociedade¹³⁹.

Jesus, jamais, chamou o beneficiário de uma cura para tornar-se seu discípulo. É Bartimeu que, curado, decide segui-Lo pelo caminho (v.52)¹⁴⁰ e Jesus não o impede. A fé foi essencial à cura e produziu discipulado.

Este tema, componente integral do discipulado em Marcos, começa no sumário da mensagem de Jesus em 1,15, é proeminente no parar da tempestade (cf. 4,40) e torna-se uma palavra padrão para indicar o discipulado (cf. 9,42; 11,22-24.31; 13,21; 15,32).

Curado, Bartimeu incorpora-se ao grupo no caminho, depois que Jesus terminou a fase de instrução dedicada aos discípulos e vai entrar em Jerusalém. O caminho que Bartimeu segue é o caminho da cruz¹⁴¹. Ele não mostra medo, o que contrasta com o grupo dos Doze, seus medos, bloqueios e resistências¹⁴².

Ao introduzir este personagem na narrativa, o narrador proporciona ao leitor um modelo de fé capaz de entrar na etapa final da vida de Jesus, na fase da Páscoa, e animá-lo a identificar-se com ele e seguir o mesmo caminho.

Conclusão

A análise de diversas oposições reveladas em Mc 10, 46-52 nos conduz a discernir a passagem de uma situação de exclusão, imobilidade, afastamento, (pois ele é mendigo, cego, está sentado à beira do caminho à saída da cidade) para uma situação de inclusão, mobilidade, proximidade (está curado, libertado, iluminado, em movimento, seguindo Jesus pelo caminho). A parada de Jesus no caminho tem um papel central neste processo.

¹³⁹ IERSEL, *A reader-response commentary*, p. 343.

¹⁴⁰ FOCANT, *L'Évangile Selon Marc*, p. 407; DUPONT, *L'Aveugle de Jericho recouvre la vue et suit Jesus (Marc 10,46-52)*, p. 179.

¹⁴¹ SUGGIT, *Exegesis and Proclamation – Bartimaeus and Christian Discipleship (Mark 10: 46-52)*, p. 61; GNILKA, *El Evangelio según San Marcos: Mc 8,27 – 16,20*, p. 125; FABRIS, *O Evangelho de Marcos*, p. 540.

¹⁴² PUERTO, *Marcos*, p. 386; IERSEL, *op. cit.*, p. 343.

O foco central da perícope, isto é, a cura de Bartimeu, revela a fé deste e a misericórdia de Jesus. A transformação é obra de Jesus¹⁴³. Sem a sua presença não haveria cura¹⁴⁴. Jesus transformou Bartimeu de cego sentado à beira do caminho (v.46) em discípulo no caminho (v.52)¹⁴⁵.

O poder de Deus revelou-se em Jesus de Nazaré não operando portentos e derrotando os inimigos com armas e exércitos, mas nos gestos de misericórdia e compaixão para com os marginalizados, sofredores e desesperados. É essa particularidade que aprofundaremos no próximo capítulo.

¹⁴³ DELORME, *Guérison d'un aveugle? (Mc 10,46-52)*, p. 15.

¹⁴⁴ BRUEGGEMANN, W. Theological Education: Healing a blind beggar. Disponível em: <<http://www.religion-online.org/showarticle.asp?title=993>>. Acesso em: 20 set.2009, p. 115.

¹⁴⁵ EDWARD, *The Gospel according to Mark*, p. 331.

CAPÍTULO IV

Das atitudes de Jesus ao agir do cristão:

Aprendendo com o Mestre

O evangelho de Marcos é repleto de atitudes de Jesus que chamam, de modo inequívoco, a nossa atenção por serem permeadas de amor, misericórdia, compaixão. Não podendo falar sobre todas essas atitudes em todo o evangelho, elegemos a perícopes de Jesus e o cego Bartimeu (10,46-52) para um estudo mais aprofundado. Depois de termos visto, no capítulo III, como elas influenciaram a mudança de atitude dos “muitos” e a vida do cego e mendigo Bartimeu, somos chamados a ver como essas atitudes podem transformar a nossa vida e a de quem nos rodeia, hoje.

Assim, o presente capítulo será desenvolvido em cinco pontos. São eles: deter-se no caminho, mandar chamar, perguntar, curar/salvar e enviar. Tais pontos nos proporcionam tomar consciência das atitudes de Jesus em face aos acontecimentos e às pessoas e, desta forma, suscitar em nós o desejo de agir à sua maneira.

O cristão é convidado a, em seu agir, se conformar à pessoa de Jesus, pela ação do Espírito Santo, possibilitando a visibilidade do Reino de Deus, realizando assim o projeto salvífico do Pai que continua revelando-se na história.

4.1. Deter-se no caminho

A aventura do caminho começou quando Abraão se pôs a caminho respondendo ao chamado de Deus (cf. Gn 12,1-5). É necessário, sempre, reconhecer os caminhos de Deus e segui-los.

O êxodo é o exemplo privilegiado do caminho feito pelo povo na presença de Deus. Aí o Senhor o acompanha, o conduz, o alimenta, o salva; mas também intervém para castigar Israel por suas faltas de fé. O caminho com Deus, com efeito, é difícil¹.

No Novo Testamento, Jesus alude à porta estreita, caminho que conduz à vida, e à porta larga, caminho que conduz à perdição (cf. Mt 7,13s). Noutras duas passagens, Jesus aparece como o caminho (cf. Hb 9,8; 10,19s). Em Jo 14,4-6, Jesus se apresenta como “o caminho, a verdade e a vida”.

Paulo fala dos seus caminhos em Cristo, que ensina em todas as igrejas (cf. 1Cor 4,17) e indica o caminho da caridade aos coríntios (cf. 1Cor 12,31).

O discipulado cristão é indicado como “o caminho” (cf. At 9,2; 19,9.23; 22,4; 24,14.22)².

No evangelho de Marcos Jesus é um eterno caminhante. O evangelista o apresenta em contínuo movimento: Nazaré (cf. 1,9), Jordão (cf. 1,9), deserto (cf. 1,12), Galiléia (cf. 1,14-15), junto ao mar (cf. 1,16), Cafarnaum (cf. 1,21), lugar deserto (cf. 1,35), os povoados dos arredores (cf. 1,38-39), Cafarnaum (cf. 2,1), beira do mar (cf. 2,13; 3,4), a montanha (cf. 3,13), de novo junto ao mar (cf. 4,1), região dos gerasenos (cf. 5,1), Nazaré (cf. 6,1), Betsaida (cf. 6,45), Genesaré (cf. 6,53), região de Tiro (cf. 7,24), Sidônia, região da Decápole, (cf. 7,31), Betsaida (cf. 8,22), montanha (cf. 9,2), Galiléia (cf. 9,30), Cafarnaum (cf. 9,33), território da Judéia e outro lado do Jordão (cf. 10,1), saída de Jericó (cf. 10,46), perto de Jerusalém, Betfagé e Betânia (cf. 11,1), Jerusalém (cf. 11,11), Betânia (cf. 11,11-12), Jerusalém

¹ DARRIEUTORT, Camino. In: LÉON-DUFOUR, X. *Vocabulario de Teología Bíblica*. Barcelona: Herder, 1967, p. 124.

² CAMINHO. In: MACKENZIE, J. L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 138.

(cf. 11,15), monte das Oliveiras (cf. 13,3), Betânia (cf. 14,3), Getsêmani (cf. 14,32), Gólgota (cf. 15,22)³.

Mas Jesus não caminhava por caminhar. Seu caminhar era teleológico – tinha um destino, uma finalidade, um fito... Ele caminhava atento à realidade que o rodeava. Suas ações, sua linguagem, o estilo de seu ensinamento, suas parábolas, nos oferecem a imagem de um homem realista, em contato direto com a vida palpitante de seus contemporâneos, observador da natureza. Observou a semente (4,26-29.30-32), a figueira (13,28-32), as colheitas (12,1-12), a pescaria (1,16)...

No entanto, Jesus apresenta-se, antes de mais, como homem interessado na vida das pessoas. Ele soube observar o trabalho dos pescadores (cf. 1,19), dos trabalhadores da vinha (cf. 12,1-12), dos semeadores (cf. 4,1-9; 4,30-32), das mulheres (cf. 1,29-31; 14,3-9). Jesus soube captar e reter em seu coração, em seu pensamento a diversidade de situações tipicamente humanas: o fazer do pão, a generosidade da gente simples que sabe entregar desinteressadamente a sua esmola no Templo (cf. 12,41-44), os que buscam os primeiros lugares (cf. 9,33-37). Esta capacidade de observação chega a detalhes concretíssimos da vida: o fermento na massa, a impossibilidade de colocar vinho novo em odres velhos ou remendos novos em roupas velhas (cf. 2,21-22) etc. Jesus percebia as dificuldades do povo oprimido pelas autoridades romanas e judaicas⁴.

Jesus caminhou muito, mas também soube parar, deter-se no caminho. Embora o verbo parar ou deter-se não apareça explicitamente no evangelho de Marcos a não ser em 10,49, o fato é que Ele o fez variadíssimas vezes. Percebemos isso quando ensina na sinagoga de Cafarnaum (cf. 1,21-22), no diálogo com os escribas (cf. 3,22-30) ou na discussão com os fariseus (cf. 7,1-13; 10,1-12); quando ensina a multidão (cf. 3,31-35; 4,1-9; 7,17-23). Fá-lo também quando se retira para orar (cf. 1,35; 6,46; 14,32-42), para descansar (cf. 4,38), quando come com os pecadores (cf. 2,15-17) ou alimenta a multidão (cf. 6,30-44; 8,1-10). Também se detém para dialogar com Jairo (cf. 5,22-24), com a hemorroíssa (cf. 5,30-34), com a sirofenícia (cf. 7,24-30), com o homem rico (cf. 10,17-22). Fá-lo quando abençoa as crianças (cf. 10,13-16) e, claro, quando cura as pessoas – a sogra de Pedro (cf.

³ SICRE, J. L. *Um encontro fascinante com Jesus*. Introdução aos Evangelhos. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 15.

⁴ PAGOLA, J. A. *Jesús de Nazaret – El hombre e su mensaje*. San Sebastián: Datz, 1984, p. 25-28.

1,29-31), o leproso (cf. 1,40-45), o paralítico (cf. 2,1-12), o homem da mão atrofiada (cf. 3,1-6), o endemoninhado geraseno (cf. 5,1-20), a filha de Jairo (cf. 5,38-43), o surdo-gago (cf. 7,31-37), o cego de Betsaida (cf. 8,22-26). Quem soube parar tantas vezes, sabê-lo-ia fazer agora também, para escutar o cego e mendigo Bartimeu (cf. 10,46-52). Percebemos, então, que o caminhar de Jesus proporcionava o encontro com as pessoas, especialmente com as mais simples, excluídas, marginalizadas, abandonadas. Que Ele se deixa interpelar pela situação alheia. Sua parada significa um voltar-se para o outro, para as suas necessidades. O seu deter-se transforma a vida da pessoa pela qual Ele se detém.

Jesus detém a sua vida pública para ficar só com os discípulos. Notemos que Mc 10,46-52 encerra a chamada seção do caminho (8,27 – 10,52), a qual nos convida a escutar e a observar atentamente Jesus, já que cada gesto, cada pequena atitude, revela algo. Nesta seção, alcança pleno cumprimento a formação dos discípulos. Trata-se de conhecer Jesus, de entrar em plena sintonia com Ele, ou seja, de nos deixarmos implicar no seu destino⁵.

Ao olharmos para o que foi apresentado, percebemos que Jesus se detém por inúmeros fatores. E nós... o que nos faz deter no caminho? Talvez pouca coisa, porque hoje caminhamos pouco. Muitas vezes preferimos ficar no conforto de nossas casas para não sermos incomodados por ninguém. É mais fácil assim porque, se não vemos, é como se essa realidade de exclusão não existisse, não nos damos conta dela. Quando saímos à rua, estamos sempre com tanta pressa que não somos capazes de parar para contemplar a lua ou as estrelas no céu, ou o desabrochar de uma flor.

Perdemos a ligação com o céu e com a terra e isso faz com que percamos a ligação uns com os outros e, desta forma, nos distanciamos também do Criador, visto que Ele está presente em toda criação. Quebramos a aliança de comunhão com Ele para a qual fomos criados. Somos capazes de ver crianças ou jovens pedindo esmola no sinal de trânsito, ou passar pelo mendigo de mão estendida, quer seja ele enfermo, idoso, mãe com criança de colo, e não nos sentirmos afetados, interpelados por essa realidade. Tornamo-nos indiferentes. Esquecemos que também nós somos responsáveis por essas situações. Somos cristãos omissos.

⁵ GALIZZI, M. *Evangelio según San Marcos*. Comentario exegético-espiritual. Madrid: San Pablo, 2007, p. 169.

Na realidade, perdemos a capacidade de ver. Somos cegos como o cego Bartimeu. Por que temos dificuldade de ver? Necessitamos de aprender a ver. Olhar e ver com os olhos de Jesus, do jeito que Ele via. É como se agora olhássemos através da porta dos fundos da nossa casa e Jesus nos convidasse a ver através da porta da frente. Precisamos mudar a perspectiva.

Jesus tinha grande intimidade com Deus a quem Ele chamava de Pai. Essa intimidade o levou a fazer a vontade do Pai. Com Ele aprendeu a ver a miséria do povo, a ouvir o grito dos aflitos, a descer em sua direção (cf. Ex 3,7-10). Por isso, escutou o grito do cego e mendigo Bartimeu que pedia misericórdia. Os seus ouvidos estavam sintonizados com os mais pobres, os necessitados, os excluídos, os marginalizados, os abandonados. Estavam sintonizados com aqueles que estavam como ovelhas sem pastor (cf. 6,34).

Poderíamos perguntar-nos: e os meus ouvidos, estão sintonizados com o quê ou com quem? Os nossos ouvidos escutam o que estão habituados a escutar.

Não podemos confundir ouvir com escutar. Quando visitamos um país de língua desconhecida, ouvimos o que as pessoas dizem, mas não as escutamos, não compreendemos o que elas falam. Escutar é compreender o que o outro nos quer transmitir.

Hoje as pessoas têm muita dificuldade de escutar. Existe muito barulho, muitas coisas que as dispersam. Sentem muita necessidade de falar e, à medida em que percebem que ninguém as escuta, parece que essa necessidade aumenta, como um grito desesperado de pedido de socorro. A necessidade que as pessoas têm de falar é um dos fatores que as impede de escutar. Quanto mais se fala, menos se escuta; quanto menos se escuta, menos se é escutado. Essa é uma das grandes contradições da vida. Pessoas fechadas em si mesmas, nos seus próprios interesses, sem capacidade de acolhimento.

Andamos distraídos, atarefados com coisas supérfluas e não nos escutamos nem escutamos uns aos outros. Somos individualistas. Vamos no ônibus ou no metrô com os fones nos ouvidos, o que nos impede de estabelecer relação com aqueles que encontramos. Estamos voltados para o consumismo, o individualismo, a sobrevivência, o próprio prazer.

Ficamos fechados em nossos quartos digitando, navegando na internet com os fones nos ouvidos, impedidos de escutar quando alguém bate à nossa porta ou chama por nós; e o jeito como ouvimos música alto torna-nos cada vez mais surdos.

Recebemos o outro em nossa casa, mas mal escutamos o que ele fala porque a música está ligada (ainda que baixinho), ou porque estamos a pensar no que temos para fazer. Muitas vezes, o outro começa a falar e nós o interrompemos, começamos a falar de coisas nossas. Não sabemos fazer silêncio. Não sabemos acolher o outro. Estamos tão cheios de nós mesmos, de nossas ideias, de nossos afazeres, que tudo temos que fazer depressa e, por isso, somos incapazes de abrir o nosso coração, de nos esvaziar para acolher coisas novas, para acolher o outro. É como o povo costuma dizer: “O corpo está presente, mas o espírito não”. A nossa presença é só física. Não estamos por inteiro.

Por causa do excesso de barulho, a nossa atenção é cada vez mais difusa e, interiormente, cria-se um clima de agitação e inquietude em perene fuga de si e do mistério.

Quando somos capazes de acolher, dizemos para a outra pessoa: “Tu existes para mim”. Por isto, quando as pessoas se zangam umas com as outras, deixam de se falar. É uma forma de dizer: “Não existes mais para mim”. Quem acolhe abre um canal de comunicação.

Hoje temos muitos amigos virtuais. Cada vez menos temos o olho no olho, o encontro com o rosto do outro. Ficamos, a cada dia que passa, mais isolados na nossa ilha deserta. Que pretendemos com tudo isso?

Isto não quer dizer que os meios de comunicação, como a internet, o celular... sejam maus. De jeito nenhum! São muito úteis. Significa que, muitas vezes, os usamos erroneamente. Passamos horas na frente de uma tela de computador e não somos capazes de ficar conversando uma hora com uma pessoa. Que vida é essa que estamos a construir para nós mesmos?

Acolhemos pouco quem somos e isso nos faz acolher pouco o outro. Somos intransigentes, duros e muitas vezes até agressivos com a outra pessoa, mas queremos que ela seja acolhedora, compreensiva, misericordiosa conosco. “*Com a medida com que medis será medido para vós*” (4,24) – já dizia o Senhor.

O evangelho de Marcos apresenta Jesus atento à realidade que o rodeia, escutando os aflitos, parando no caminho para estar com eles, para ser com eles e nos convida às mesmas atitudes, aos mesmos gestos para que o Reino aconteça entre nós.

O seguimento supõe o exercício do discipulado a caminho, fazendo as opções que Jesus fez pelos menos favorecidos para que pudessem novamente fazer parte da sociedade. No caso de Bartimeu, Jesus manda chamá-lo. É sobre esse chamado que falaremos a seguir.

4.2. Mandar chamar

Ficamos contentes quando alguém chama por nós. Se essa pessoa é querida, amiga ou significativa, ficamos ainda mais felizes. Se o chamado é para uma coisa boa e que nos dá felicidade, ficamos animados, interessados, de olhos e coração abertos.

Quando o chamado é pessoal, direto, sentimo-nos dignos e cheios de valor. Quando alguém pronuncia o nosso nome, toca dentro do nosso ser e nos compromete.

“Ser chamado” é a melhor identidade do nosso ser. Começamos sendo chamados à vida, à existência. Não estaríamos aqui se Alguém não tivesse pensado em nós, nos amado e chamado à vida. A vida é o grande chamado de amor feito a todas as pessoas.

Mas não fomos chamados apenas à vida; fomos chamados a ser pessoas. “Ser pessoa” é alguém que é capaz de conhecer a si mesmo e ao outro; alguém que tem consciência de si mesmo e do outro, que tem interioridade e subjetividade e que reconhece a interioridade e a subjetividade do outro.

É ser alguém que faz história; que deseja conhecer o sentido da vida e da história; que quer participar e marcar a história com a sua presença; que deseja ver a humanidade mais feliz.

Ser pessoa é ter capacidade de comunicação e comunhão, de buscar significados e de usar símbolos, de descobertas e de progresso nos conhecimentos, de criatividade, de busca da verdade. É estar voltada para a descoberta de valores que orientam a vida para que seja digna.

Mas nosso chamado não é apenas à existência e a ser pessoa. Nosso chamado é também a ser cristãos: mergulhar na vida de Cristo e viver tendo Jesus Cristo como caminho, verdade e vida (cf. Jo 14,6), princípio, meio e fim da nossa existência, de nosso ser. Através de Jesus Cristo mergulhamos por inteiro no mistério de Deus, Trindade Santa, amor criador, fonte, sentido e plenitude de todo o amor.

Jesus, fonte de amor e misericórdia, não ficou indiferente ao ouvir o grito de pedido de socorro do cego, assim como não o ficou ao longo de todo o evangelho perante os pedidos e necessidades de outros irmãos⁶ que com Ele se encontraram e pediam por sua ação solidária, humanizadora.

Os “muitos”, que o mandavam calar, querendo silenciá-lo, estavam insensíveis às necessidades dele. Podemos perguntar-nos: e eu, quem eu mando calar? Quem quero silenciar?

Contrariamente à atitude dos “muitos”, Jesus o manda chamar. Chamar? O que isso significa? Jesus chama porque ama, porque é misericórdia, porque é próximo. Chamar é escolher, é voltar-se para, é confiar, é acreditar, é sinal de esperança e confiança.

Quando Jesus manda chamar o cego, novos horizontes se abrem. Jesus lhe abre, lhe oferece um caminho por onde ele possa caminhar. Mas esse caminho não é um caminho qualquer. É o caminho que leva a Jerusalém, à morte, mas que também leva à ressurreição. É um caminho onde a vida tem a palavra final.

Notemos que Jesus não sai do seu caminho, mas convida Bartimeu, e a nós através dele, a percorrermos o mesmo itinerário: caminho de paixão, morte e ressurreição.

⁶ Quando cura a sogra de Pedro (1,29-31), o leproso (1,40-45), o paralítico (2,1-12), o homem da mão atrofiada (3,1-6), o endemoninhado geraseno (5, 1-20), a hemorroíssa (5, 25-34), a filha da sirofenícia (7,24-30), o surdo-gago (7,31-37), o cego de Betsaida (8,22-26), ou ressuscita a filha de Jairo (5,21-24.35-43); quando alimenta o povo (6,30-44; 8,1-10).

Perante esta atitude de Jesus, e de acordo com sua palavra, os “muitos” mudam de atitude e dizem ao cego que Jesus o chama. Bastou uma palavra para que os acontecimentos mudassem de rumo.

E nós, a quem mandamos chamar? Normalmente mandamos chamar o médico, o eletricitista, o encanador, o pintor, o bombeiro, o homem do gás, ou seja, mandamos chamar aquele(a) de quem precisamos. O foco está em nós mesmos, nas nossas necessidades, nos nossos desejos, naquilo que pretendemos. Quantas vezes mandamos chamar alguém para satisfazer sua necessidade, seu desejo? Estamos cegos perante as necessidades dos outros.

Às vezes bastaria uma palavra para mudar o rumo dos acontecimentos, mas somos omissos, incrédulos, sem energia, sem vontade de fazer diferente. Deixamo-nos “levar pela maré”; deixamo-nos levar pelos “muitos”. Mas Jesus nos convida a remar contra a maré, a ir na contramão, a ser criativos, dinâmicos, comprometidos uns com os outros, no mundo.

A mim, a ti, a nós, alguém nos chamou para fazer parte desta história; alguém nos convidou para a mesa do Reino. Hoje, somos chamados a realizar os mesmos gestos d’Aquele do qual tiramos nosso nome de cristãos. Somos convidados a chamar outros a participarem dessa mesa, desse banquete que é destinado a todos sem exceção. Esse convite dá-se no diálogo.

O ser que foi chamado à vida por Deus, assume como jeito de viver o viver de Cristo, vive na comunhão do amor de Deus, na missão de Jesus de fazer o novo céu e a nova terra acontecerem, isto é, o Reino de Deus, Reino de Amor, Liberdade, Justiça, Paz e Fraternidade implantado em nossa vivência.

4.3. Perguntar

Apesar de saber a necessidade do cego, Jesus pergunta-lhe o que deseja: “*Que queres que eu te faça?*” (10,51)⁷. Jesus está disponível para o confronto de

⁷ KONINGS, J. *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 201.

ideias, para escutar, para ceder ao pedido do cego e mendigo Bartimeu, fosse qual fosse o pedido. O ato de Jesus perguntar ao cego sobre o seu desejo, sobre sua vontade, mostra-lhe o interesse por ele e devolve-lhe a condição de sujeito, livre, senhor da sua vida. Para Jesus, o cego é alguém, é gente, é pessoa, é capaz de querer, sonhar, realizar, construir, se comunicar; alguém com subjetividade, projeto, dotado de liberdade; alguém que tem uma necessidade concreta. Jesus poderia simplesmente tê-lo curado sem escutar sua vontade, mas não age assim. O seu respeito pelo ser humano leva-o a escutá-lo, a dialogar com ele. O seu respeito dá espaço para que o outro seja ele mesmo. A sua pedagogia leva a pessoa a tomar consciência das suas reais necessidades, a priorizar o que é mais significativo para a sua vida.

No caso do cego e mendigo Bartimeu, marginalizado, sentado à beira do caminho à saída de Jericó, duas necessidades se fazem visíveis: enxergar e ter meios para viver com dignidade. Jesus, com a sua pergunta, ajuda o cego a perceber a prioridade para a própria vida. Bartimeu poderia ter pedido dinheiro, já que estava mendigando, mas a presença de Jesus com sua acolhida, pergunta, escuta atenta, misericórdia, levam o cego a perceber que a sua prioridade é ver. Desta forma, ele pede a visão.

Hoje o Senhor também pergunta a cada um de nós: “Que queres que eu te faça?” O que respondemos? Que pedidos lhe fazemos?

Será que somos capazes de pedir a visão? Senhor, “que eu veja”: ver com a inteligência, compreender; ver com o coração: ser próximo, solidário, amar, servir; ver com a decisão: agir iluminados pelo ver de Jesus, caminho do Reino, utopia do Reino, ver com a experiência de ser filho(a) de Deus, amado, querido, escolhido, chamado em Cristo, pela ação do Espírito.

Jesus é filho e age como tal. Com o seu modo de proceder, nos ensina o diálogo, a misericórdia. E nós, agimos como filhos(as) queridos, amados, escolhidos, chamados? Será que temos aprendido com Ele? Hoje as pessoas querem tudo do seu jeito, não querem ceder em nada, não têm respeito pelo outro, resolvem tudo na base da violência. Basta olharmos a realidade na qual vivemos em nossa sociedade. Os casamentos terminam porque as pessoas não querem ceder, não se respeitam, não sabem conversar. Nos metrô, nos ônibus, não se respeitam os mais velhos. No

trânsito, o povo “xinga” o outro e quantas pessoas são espancadas ou mortas por causa de pequenas coisas. Nas escolas, os alunos intimidam os professores, batem uns nos outros. E o que eu, como cristão, estou fazendo para transformar esta realidade? Será que as minhas atitudes têm Jesus como modelo e o evangelho como horizonte?

A pergunta que Jesus coloca ao cego e mendigo Bartimeu (cf. 10,51) é idêntica à que colocou aos filhos de Zebedeu (cf. 10,36). Mas, as respostas são bem distintas. Da mesma forma, a resposta de Jesus o será. Aos desejos dos filhos de Zebedeu por melhores lugares na sua glória, Jesus responde que eles não sabem o que pedem (cf. 10,37-38)⁸. Pelo contrário, ao pedido de Bartimeu para recuperar a vista, Jesus anui⁹. Desta forma Jesus indica o caminho a seguir: não um caminho de primeiros postos, mas um caminho de entrega e serviço.

Ao vermos as perguntas feitas por Jesus, podemos questionarmo-nos: Que perguntas costumamos fazer? Supérfluas, que alimentam a fofoca ou significativas, que levam a descobrir a vida? São perguntas que levam a pessoa a empenhar-se pela vida, a posicionar-se diante da vida; que abrem horizontes, caminho; perguntas existenciais? O que Jesus pretendia com sua pergunta? Apenas instigar ou escutar o que de fato impedia Bartimeu de ser humano com dignidade? A atitude de Jesus que segue após a resposta do cego nos faz entender o propósito de sua pergunta.

4.4. Curar/ Salvar

Saber cuidar define a nossa qualidade de vida bem como a das pessoas que amamos. Quem não gosta de ser cuidado? Como é bom ter alguém que cuide de nós e como é bom saber cuidar do outro. Aquele que não recebeu cuidado de alguém e não aprendeu a cuidar das pessoas que o cercam, vive uma vida estéril.

⁸ FOCANT, C. *L'Évangile Selon Marc*. Commentaire Biblique: Nouveau Testament 2. Paris: Cerf, 2004, p. 406; DELORME, J. Guérison d'un aveugle? (Mc 10,46-52). *Unité Chrétienne*, nº 73-74, p. 12, 1984; EDWARD, J. R. *The Gospel according to Mark*. Michigan: Apollos Leicester, 2002, p. 330.

⁹ FOCANT, *op. cit.*, p. 407; MYERS, C. *O Evangelho de São Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 341.

Jesus sabia cuidar. Um dos seus traços distintivos é o seu poder que se manifesta frequentemente em sua capacidade de curar. Fá-lo incansavelmente, libertando as pessoas de seus males, levando-as à salvação. O evangelho de Marcos é mosaico dos mais variados tipos de enfermos que encontram sua salvação em Jesus.

Na Galiléia, Jesus atua na sinagoga de Cafarnaum expulsando um espírito impuro (cf. 1,21-28); em casa de Simão e André, cura a sogra de Pedro (cf. 1,29-31); no mar acalma a tempestade (cf. 4,35 – 5,1); num lugar da margem do lago, cura a hemorroíssa e reanima a filha de Jairo (cf. 5,21-43); num lugar deserto reparte pela primeira vez pães e peixes à multidão (cf. 6,33-46). Às vezes o evangelista não indica o lugar exato onde Jesus atua, como é o caso da cura de um leproso (cf. 1,40-45) ou a cura da criança epilética (cf. 9,14-29). Em território pagão Jesus atua na região dos gerasenos, expulsa uma legião de demônios de um endemoninhado (cf. 5,1-20); na comarca de Tiro, liberta de um espírito impuro a filha da sirofenícia (cf. 7,24-30); na margem do mar, cura um surdo mudo (cf. 7,31-37); num lugar deserto, leva a cabo a segunda partilha dos pães (cf. 8,1-9) e em Betsaida, devolve a vista ao cego (cf. 8,22-26).

Olhando este panorama, logo percebemos que, com Bartimeu, não poderia ser diferente. Jesus o cura, mas, ao contrário de se vangloriar por isso, atribui a cura, a salvação à fé de Bartimeu. Jesus valoriza-o como pessoa, mostrando-lhe que tudo foi possível só porque tinha fé; porque acreditou na misericórdia do Filho de Davi; porque se aproximou, ganhou intimidade com aquele a quem chamou de Rabúni, meu Mestre.

Jesus cura, liberta de males estruturais e pessoais, do pecado instalado na pessoa e na sociedade. Também nós somos, como cristãos, chamados a curar cegueiras, pensamentos, ideologias, preconceitos; a curar afetos, sentimentos; a curar a maldade humana, pessoal e social que destrói a vida humana e a criação. Somos chamados a valorizar o outro por aquilo que ele é.

Um dia num encontro, devido a uma pergunta de um dos participantes, desenhei um ponto preto num quadro branco e perguntei: o que vêm? Vários foram falando: “Um ponto preto”, “uma pinta preta”, até que alguém falou: “um quadro

branco com um ponto preto”. O quadro branco estava lá o tempo todo, mas, por momentos, as pessoas insistiam em ver somente o ponto preto.

Às vezes parece que olhamos procurando só os defeitos, as falhas, e com isso desvalorizamos, oprimimos ainda mais as pessoas que nos rodeiam. Porque é tão difícil alegrarmo-nos com a nota boa de um colega na escola, com a promoção de um companheiro de trabalho...

Será que as nossas atitudes, as nossas palavras ajudam as pessoas a se libertarem ou elas oprimem ainda mais o outro?

Jesus revela um Deus libertador que busca a libertação de toda a pessoa, que sabe preocupar-se com os últimos, um Senhor que chama todos para uma grande festa. Marcos recolhe bem esta missão a que se dedicou Jesus toda a sua vida (cf. 1,15).

Jesus é um homem livre para amar. Para Jesus, a pessoa necessitada é o verdadeiro critério de atuação e não a lei em si mesma e toda a nossa vida tem sentido, se nos colocamos a serviço do necessitado. Jesus viveu para servir e não para ser servido (cf. 10,45).

Jesus não é neutro ante as necessidades e injustiças que encontra junto aos pobres, marginalizados, desprestigiados, enfermos, abandonados. Sempre está ao lado dos que mais necessitam de ajuda para serem pessoas livres, e suas atitudes de amor e compaixão tinham como consequência a libertação, a reintegração da pessoa na convivência e a salvação¹⁰.

Jesus curou o cego Bartimeu e este voltou a ver e, vendo, seguia Jesus pelo caminho que levava a Jerusalém, o caminho da cruz.

Ao fechar a seção do discipulado e aparecer como uma introdução à narrativa da paixão, a cura do cego Bartimeu mostra que os discípulos não devem só esperar cura, mas também ter fé, estar com Jesus e segui-Lo no seu caminho para Jerusalém. Ela dá aos discípulos um entendimento da salvação que está prestes a ser oferecida através da morte e ressurreição de Jesus. A recuperação da vista é

¹⁰ SCHILLEBEECKX, E. *Jesús. La historia de un viviente*. Madrid: Trotta, 2002, p. 181.

designada para preparar os discípulos para verem a morte e a ressurreição de Jesus pelo que ela é: o ato final de salvação¹¹.

Nós, como discípulos, somos chamados a abrir os olhos das pessoas e, com isso, predispô-las ao seguimento, mesmo sabendo que esse seguimento pode levar à cruz. De olhos abertos, a pessoa pode enfrentar a cruz sem se desesperar.

Caminhar vendo é caminhar curados de nossas cegueiras, guiados pelo evangelho, na confiança do Deus que cura. É caminhar confiados na ação salvadora de Deus, que não só nos chamou à vida, mas nos sustenta e caminha conosco para vivermos da mesma dinâmica de seu amor, ou seja, sermos enviados a testemunhar a comunhão da Trindade, da qual somos imagem e semelhança (cf. Gn 1,27).

4.5. Enviar

As atitudes de Jesus para com o cego e mendigo Bartimeu foram de amor, acolhida, misericórdia, escuta, diálogo possibilitando-lhe uma tomada de consciência da sua real necessidade: a sua cura, libertação, salvação, reintegração na sociedade. Jesus age com Bartimeu como agiu ao longo do evangelho com todos aqueles que dele se aproximaram e foram curados por Ele, com extrema gratuidade. Jesus não pede nada em troca.

O encontro de Bartimeu com Jesus foi marcante. A vida do cego e mendigo se transforma. Agora ele vê, pode mover-se livremente e fá-lo da melhor maneira possível – seguindo Jesus pelo caminho. E o segue não num caminho qualquer, mas no caminho que leva a Jerusalém, no caminho que leva à cruz. O discípulo é aquele que segue Jesus nessa jornada de cumprir a vontade do Pai, fiel e obedientemente até as últimas consequências.

A compreensão plena do seguimento de Jesus não se consegue através da instrução teórica, mas sim pelo compromisso prático, trilhando com Ele o caminho do serviço, desde a Galiléia até ao Calvário em Jerusalém. Sem a cruz é impossível

¹¹ MUKASA, E. The blind man of Jericho (Mk 10:46-52) following Jesus on the way. *Hekima Review*, nº 29, p. 42, 2003.

entender quem é Jesus e o que significa segui-Lo. Mas aquele que sabe caminhar e dar-se a si mesmo (cf. 8,35), o que aceita ser o último (cf. 9,35), o que assume que tem que beber o seu cálice e carregar sua cruz (cf. 10,38), esse, como Bartimeu, conseguirá ver e seguirá Jesus pelo caminho (cf. 10,52).

O cego viu para seguir Jesus. Porque se abriram os seus olhos, o cego pôs-se a segui-Lo. Esta é a única opção para o verdadeiro discípulo: seguir Jesus no seu caminho que leva direto à cruz, já que só debaixo da cruz se lhe abrirão os olhos por completo e terá a experiência cabal da realidade da pessoa de Jesus (cf. 15,39).

O leitor cristão pode sentir-se assustado diante do destino de Jesus e do programa que Ele propõe. Sobretudo necessita vê-lo de forma nova. Por isso tem tanta importância a cura do cego Bartimeu no final da seção do caminho (8,27 – 10,52). Com ela somos convidados a abrir os olhos de modo a podermos contemplar e sentir em nossos membros a paixão de Jesus, antes de chegar a desfrutar da luz da ressurreição, pois é essa abertura de olhos que permite ver, na figura do crucificado, o Messias salvador do mundo¹².

Precisamos de coragem, de estar de olhos abertos para enfrentar a cruz sem entrar em desespero, mas na confiança no Deus que vê, ama, se aproxima e liberta.

Bartimeu encontra-se com Deus em Jesus e não quer perder isso. Precisa beber dessa fonte para poder, então, ir ter com outros e levar-lhes essa palavra de vida que é Jesus Cristo.

Também nós necessitamos, constantemente, beber dessa fonte que é Jesus Cristo (cf. Jo 4,1-14). Encontrar-nos com Ele, escutá-lo, fazer a sua vontade é impreterível para quem o segue e para quem é enviado em missão.

Somos convidados a essa intimidade. Só bebendo da fonte que é Jesus Cristo poderemos irrigar o chão da realidade para que dele brotem frutos de amor, paz, misericórdia, justiça, solidariedade, fraternidade.... Só bebendo da fonte que é Jesus Cristo poderemos ajudar outros a encontrar essa mesma fonte e a ficarem saciados. Somos enviados, mas precisamos ir plenos de amor. Só damos aquilo que temos.

¹² SUGGIT, J. N. Exegesis and Proclamation – Bartimaeus and Christian Discipleship (Mark 10: 46-52). *Journal of Theology for Southern Africa*, nº 74, p. 58, 1991.

Conclusão

Neste capítulo, através da perícopa de Jesus e o cego Bartimeu (Mc 10,46-52), vimos como as atitudes de Jesus foram significativas para a transformação da vida do cego e como poderão ser significativas nos dias de hoje.

O caminhar de Jesus proporcionava-Lhe o observar da realidade, o encontro com as pessoas, o parar, escutar e dialogar especialmente com os mais simples, excluídos, marginalizados, abandonados. Foi desta forma que encontrou o cego e mendigo Bartimeu, sentado à beira do caminho, à saída de Jericó.

Ao olharmos Jesus, percebemos como caminhamos pouco e como prestamos pouca atenção à realidade que nos circunda ou nos vamos tornando indiferentes perante ela. Perdemos a capacidade de ver. Precisamos aprender a ver sob a perspectiva de Jesus, com seus olhos, do jeito que Ele via. Para isso precisamos de, a cada dia, alimentar a nossa intimidade com Deus Pai, para escutar sua voz e fazer sua vontade; para, com Ele, aprendermos a ver a miséria do povo, a ouvir o grito dos aflitos, a descer em sua direção (cf. Ex 3,7-10).

Jesus viveu para servir e não para ser servido (cf. 10,45) e a isso somos convidados também. Precisamos ser corajosos para trilhar o mesmo caminho que Ele percorreu.

CONCLUSÃO

Ao longo do nosso estudo procuramos mostrar como as atitudes de Jesus foram significativas e transformaram a vida das pessoas e como, hoje, somos chamados a agir da mesma forma.

No capítulo I vimos os eixos e conteúdos que perpassam todo o evangelho de Marcos, bem como as preocupações e objetivos do evangelista ao escrever a sua obra. Percebendo uma comunidade em crise, Marcos escreve mostrando o caminho percorrido por Jesus de forma a ajudar a comunidade a ver os acontecimentos sob outra perspectiva, com outra luz, para que se torne verdadeiramente discípula.

O seu evangelho não é uma biografia, mas uma “história santa”, como lhe chama Gopegui¹. Nela, o autor revela o que quer demonstrar logo no primeiro versículo: “*Início do Evangelho de Jesus-Ungido Filho de Deus*”². Assim, o princípio que unifica toda a obra marcana é a revelação da identidade de Jesus, o que faz dele o personagem principal do evangelho. É em função dele que os outros personagens, os quais podemos agrupar em três categorias: discípulos, opositores e multidão, sendo que desta fazem parte os personagens secundários, intervêm na narrativa. Os temas recorrentes da obra são: Evangelho; Reino de Deus; Jesus, o Messias, Filho de Deus e Discipulado.

O autor demonstrou uma grande mestria nesta tarefa, de modo a levar o leitor a pensar a vida de uma maneira nova, a ter fé, a ver os acontecimentos “com os olhos de Deus”.

No capítulo II percebemos o lugar de Mc 10,46-52 na narrativa marcana e como o ver é uma exigência para o seguimento. Para isso mostramos a ocorrência dos verbos “ver”, “olhar”, “fitar”, “espreitar”, bem como a análise comparativa da cura dos dois cegos: Betsaida (cf. 8,22-26), Jericó (cf. 10,46-52). Perpassando o olhar por este panorama, percebemos que Marcos introduz o tema da visão por antítese.

¹ GOPEGUI, J. A. R. de. *Experiência de Deus e Catequese Narrativa*. São Paulo: Loyola, 2010, p. 154.

² KONINGS, J. *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 21.

Discípulos e opositores são cegos, veem erroneamente, mas Jesus não desiste. Ao longo da chamada seção do caminho (8,27 – 10,52), o evangelista apresenta Jesus a instruir os discípulos. Começando por dirigindo-lhes uma pergunta: “Vós, porém, quem dizeis que eu sou?” (8,29)³ e perpassando os três anúncios da paixão, revela sua verdadeira identidade, manifestando o destino de sofrimento, morte e ressurreição que o espera. Desta forma, Jesus pretende que os discípulos, tal como o cego de Betsaida e o de Jericó, possam recobrar a visão para, assim, entenderem quem é Jesus, que tipo de messianismo Ele representa e possam segui-Lo e assumir o mesmo projeto e destino.

Situado neste momento da narrativa, ao final da seção do caminho, o relato do milagre do cego Bartimeu à saída de Jericó liga, simbolicamente, fé, salvação e discipulado e sintetiza todo o pensamento e a instrução de Jesus aos discípulos. Além disso, pela confissão messiânica (cf. 10,47-48), liga-se com a entrada messiânica de Jesus em Jerusalém (cf. 11,1-11).

A recuperação da vista, aqui, prepara os discípulos para verem a morte e a ressurreição de Jesus pelo que ela é: o ato final de salvação. É essa abertura de olhos que permite ver, na figura do crucificado, o Messias salvador do mundo.

No capítulo III fizemos a análise narrativa de Mc 10,46-52: Jesus e o cego Bartimeu. Começamos por analisar a trama da perícopa dividindo-a nos seus quatro momentos: Exposição, Ação, Clímax e Desfecho. Revelamos os personagens, suas principais características e o relacionamento entre si. Demos especial atenção ao personagem principal de todo o evangelho, Jesus, visto todos os personagens entrarem na narrativa em função da revelação da sua identidade e do tipo de Messias que Ele é. Destacamos as atitudes de Jesus e como elas influenciaram o desenrolar dos acontecimentos. Por sua ação, os “muitos” passaram da posição de opositores a colaboradores, e Bartimeu passou de uma situação de exclusão imobilidade, afastamento (pois ele é mendigo, cego, está sentado à beira do caminho à saída da cidade) para uma situação de inclusão, mobilidade, proximidade (está curado, libertado, iluminado, em movimento, seguindo Jesus pelo caminho). Sem a presença de Jesus não haveria cura. Ele transformou Bartimeu de cego sentado à beira do caminho (v.46) em discípulo no caminho (v.52).

³ KONINGS, *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*, p. 134.

A cura de Jesus e o cego Bartimeu revelam, sobretudo, a fé deste e a misericórdia daquele.

O poder de Deus revelou-se em Jesus de Nazaré não operando portentos e derrotando os inimigos com armas e exércitos, mas nos gestos de misericórdia e compaixão para com os marginalizados, sofredores e desesperados.

No capítulo IV passamos das atitudes de Jesus ao agir do cristão tendo como motivação o aprender com o Mestre. Destacamos aqui as atitudes de Jesus na perícopes de Mc 10,46-52: deter-se no caminho; mandar chamar; perguntar; curar/salvar; enviar, e tentamos perceber se elas perpassam o nosso agir hoje. Notamos nossas cegueiras e queremos pedir como o cego: *“Rabúni, que eu veja de novo”*⁴.

Somos convidados a ver sob a perspectiva de Jesus, com seus olhos, do jeito que Ele via. A deter-nos no caminho, a restabelecer a ligação com o céu e com a terra e, dessa forma, restabelecer a ligação com o Criador e a criação. Para isso precisamos de, a cada dia, alimentar a nossa intimidade com Deus Pai, para escutarmos sua voz e fazermos sua vontade; para com Ele aprendermos a ver a miséria do povo, a ouvir o grito dos aflitos, a descer em sua direção (cf. Ex 3,7-10).

Esvaziarmo-nos e acolhermos o outro como ele é, escutá-lo, dar-lhe oportunidade de se expressar, mostra o respeito e amor que lhe temos. Jesus foi livre ao mandar chamar o cego, contrariando a atitude dos “muitos”, que o mandavam calar. Somos convidados(as) à mesma liberdade, a agir na contramão dos “muitos” da nossa sociedade. Chamados a viver o viver de Cristo, na comunhão do amor de Deus, na missão de fazer o novo céu e a nova terra acontecerem.

Confiados na ação salvadora de Deus, que não só nos chamou à vida, mas nos sustenta e caminha conosco para vivermos a dinâmica do seu amor, somos enviados a testemunhar a comunhão da Trindade, da qual somos imagem e semelhança (cf. Gn 1,27).

⁴ KONINGS, *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*, p. 201.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

1. Bibliografia Instrumental

ACHTEMEIER, P. J. (org). *The Harper Collins Bible Dictionary*. San Francisco: Harper Collins, 1996.

BAUER, J. B. *Dicionário de Teologia Bíblica*. São Paulo: Loyola, 1973, vol. I.

BORN, A. van den (org). *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1971.

COENEN, L.; BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000.

COENEN, L.; BEYREUTHER, E.; BIETENHARD, H. *Diccionario Teologico del Nuevo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 1990, v. II.

DAVIS, J. D. *Dicionário da Bíblia*. Rio Janeiro: JUERP, 1989.

GREEN, J. B.; MCKNIGHT, S. *Dictionary of Jesus and the Gospels*. Leicester, England: Intervarsity Press, 1999.

KONINGS, J. *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da "Fonte Q"*. São Paulo: Loyola, nº 45, 2005. (Coleção Bíblica Loyola).

LÉON-DUFOUR, X. *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Barcelona: Herder, 1967.

MANZANARES, C. V. *Dicionário de Jesus e dos Evangelhos*. São Paulo: Santuário, 1997.

MACKENZIE, J. L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983.

MONLOUBOU, L.; DU BUIT, F.M. *Dicionário Bíblico Universal*. Petrópolis: Vozes; Aparecida, São Paulo: Santuário, 1997.

2. Bibliografia Principal

ACHTEMEIER, P. J. The Gospel according to Mark. In: ACHTEMEIER, P. J. *The HarperCollins Bible Dictionary*. San Francisco: Harper Collins, 1996, p. 653-656.

_____, 'And He followed him': Miracles and discipleship in Mark 10:46-52. *Semeia*, nº 11, p. 115-145, 1978.

AUGRAIN, C. Seguir. In: LÉON-DUFOUR, X. *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Barcelona: Herder, 1967, p. 747-748.

_____, Escutar. In: LÉON-DUFOUR, X. *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Barcelona: Herder, 1967, p. 250-251.

AUNEAU, J. Evangelho de Marcos. In: AUNEAU, J.; BOVON, F.; GOURGUES, M.; CHARPENTIER, E.; RADERMAKERS, J. *Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1985.

AVRIL, A-C.; MAISONNEUVE, D. de la. *As Festas Judaicas*. São Paulo: Paulus, 1997, nº 11, p. 29. (Coleção Documentos do Mundo da Bíblia).

BARCLAY, W. *The Gospel of Mark*. Edinburg: The Saint Andrew Press, 1997, X. (The Daily Study Bible New Testament).

BATTAGLIA, O.; URICCHIO, F.; LANCELLOTTI, A. *Comentário ao Evangelho de São Marcos*. Petrópolis: Vozes, 1988.

BEAVIS, M. A. From the margin to the way – a feminist reading of the story of Bartimaeus. *Journal of Feminist Studies in Religion*, v. 14, nº 1, p. 19-39, 1998.

BLACKBURN, B. L. Miracles and Miracle Stories. In: GREEN, B; MCKNIGHT, S. *Dictionary of Jesus and the Gospels*. Leicester, England: Intervarsity Press, 1992, p. 549-560.

BROWN, R. E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2004.

CHAPLIN, R. N. *O Novo Testamento interpretado versículo a versículo*. São Paulo: Milenium, 1979, v. I.

COMBET-GALLAND, C. Evangelho de Marcos. In: MARGUERAT, D. (org.). *Novo Testamento – história, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 45-80.

CUVILLIER, E. *L'Évangile de Marc*. Paris/Genève: Bayard/Labor et Fides, 2002.

DARRIEUTORT, A. Camino In: LÉON-DUFOUR, X. *Vocabulario de Teología Bíblica*. Barcelona: Herder, 1967, p. 123-124.

DELORME, J. *L'Heureuse annonce selon Marc – Lecture intégrale du 2e Évangile*. Paris/Montréal: Cerf/Médiaspaul, 2008, v. II.

_____, *Leitura do Evangelho segundo Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1982, nº 11, (Cadernos Bíblicos).

_____, Guérison d'un aveugle? (Mc 10,46-52). *Unité Chrétienne*, nº 73-74, p. 8-18, 1984.

DONAHUE, J. R.; HARRINGTON, D. J. *The Gospel of Mark*. Collegeville, Minnesota: The Liturgical Press, 2002, v.2. (Sacra Pagina).

_____, Mark. In: MAYS, J. L. *Harper's Bible Commentary*. New York: Harper San Francisco, 1988, p. 983-1009.

DUMITRIU, P. *Comment ne pas l'aimer!* – Une lecture de l'évangile selon S. Marc. Paris: Cerf, 1981.

DUPONT, J. L'aveugle de Jericho recouvre la vue et suit Jesus (Marc 10,46-52). *Revue Africaine de Théologie*, v. 8, n° 16, p. 177-181, oct. 1984.

EDWARDS, J. R. *The Gospel According to Mark*. Michigan: Apollos Leicester, 2002.

FABRIS, R. O Evangelho de Marcos. In: BARBAGLIO, G.; FABRIS, R.; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos (I)*. São Paulo: Loyola, 1990. (Coleção Bíblica Loyola), p.421-621.

FAUSTI, S. *Ricorda e Racconta il Vangelo: la catehesi narrativa di Marco*. Milano: Ancora, 1998.

FEUILLET, André. Discipulo. In: LÉON-DUFOUR, X. *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Barcelona: Herder, 1967, p. 213-214.

FOCANT, C. *L'Évangile Selon Marc*. Commentaire Biblique: Nouveau Testament 2. Paris: Cerf, 2004.

FRANCE, R. T. Faith. In: GREEN, B; MCKNIGHT, S. *Dictionary of Jesus and the Gospels*. Leicester, England: Intervarsity Press, 1992, p. 223-225.

GNILKA, J. *El Evangelio según San Marcos: Mc 1,1 – 8,26*. Salamanca: Sígueme, 1999, v. I.

_____, *El Evangelio según San Marcos: Mc 8,27 – 16,20*. Salamanca: Sígueme, 2001, v. II.

_____, *Jesus de Nazaré*. Lisboa: Presença, 1999.

GREEN J. B. Healing. In: SAKENFELD, K. D. *The New Interpreter's Dictionary of the Bible D-H*. Nashville: Abingdon Press, 2007, v. 2, p. 755-759.

GUELICH, R. A. Mark, Gospel of. In: GREEN, B; MCKNIGHT, S. *Dictionary of Jesus and the Gospels*. Leicester, England: Intervarsity Press, 1992, p. 512-525.

GOULD, E. P. *A Critical and exegetical commentary on the Gospel according to St. Mark*. Edinburg: T&T Clark Ltd, 1996. (The International Critical Commentary on the Holy Scriptures of the Old and New Testament).

GUNDRY, R. H. *Mark – A Commentary on His Apology for the Cross*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1993.

HERRERO, F. P. Evangelio según San Marcos. In: OPORTO, S. G.; GARCIA, M. S. *Comentario al Nuevo Testamento*. Navarra: Verbo Divino, 1995, p. 125-184. (Casa de la Biblia).

HOOKE, M. D. *The Gospel According to Saint Mark - Black's New Testament Commentary*. London: Hendrickson Publishers, Inc. Edition, 1991.

HOWARD, C. D. C. Blindness and Deafness. In: GREEN, B; MCKNIGHT, S. *Dictionary of Jesus and the Gospels*. Leicester, England: Intervarsity Press, 1992, p. 81-82.

IERSEL, B. M. F. van. *A reader-response commentary*. England: Sheffield Academic, 1998.

JOHNSON JR., E. S. Mark 10:46-52: Blind Bartimaeus. *The Catholic Biblical Quarterly*, v. 40, nº 2, p. 191-204, Apr. 1978.

LANE, W. L. *The New International Commentary on the New Testament. The Gospel of Mark*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1974.

LEAL, J.; PARAMO, S. del; ALONSO, J. *La Sagrada Escritura – Nuevo Testamento I – Evangelios*. Madrid: Bac, 1964, v. 207.

LENTZEN-DEIS, F. *Comentário ao Evangelho de Marcos*. São Paulo: Ave Maria, 2003, v. 1.

MALLY, E. J. Evangelio según San Marcos. In: BRONW, R. E.; FITZMYER, J. A.; MURPHY, R. E. *Comentario Bíblico "San Jeronimo"*. Madrid: Cristiandad, 1972, Tomo III, p. 59-161.

MALONEY, F. J. *The Gospel of Mark*. Peabody Massachusetts: Hendrikson Publishers, 2002.

MARGUERAT, D.; BOURQUIN, Y. *Cómo leer los relatos bíblicos – Iniciación al análisis narrativo*. Santander: Sal Terrae, 2000.

MATEOS, J.; CAMACHO, F. *Marcos. Texto e Comentário*. São Paulo: Paulus, 1998.

MATEOS, M. D. El Discípulo según Marcos. In: ARENS, E.; ASCENJO, L. A.; MATEOS, M. D. *El que quiera venir conmigo – Discípulos según los evangelios*. Lima: IBC/ISET/CEP, 2006, p.81-166.

MAZZAROLO, I. *Evangelho de Marcos. Estar ou não com Jesus*. Rio Janeiro: Comunicação Impressa, 2004.

MINGO, A. de. Evangelizados por los pobres, lectura narrativa de Mc 10,46-52. *Revista Moralia*, v. 25, nº 96, p. 377-396, oct.-dic. 2002.

MONASTERIO, R. A.; CARMONA, A. R.. *Evangelios Sinópticos y Hechos de los Apóstoles*. Navarra: Verbo Divino, 1992.

MUKASA, E. The Blind Man of Jericho (Mk 10: 46-52) Following Jesus on the Way. *Hekima Review*, nº 29, p. 38-44, May 2003.

MYERS, C. O *Evangelho de São Marcos*, São Paulo: Paulinas, 1992. (Coleção Grande Comentário Bíblico).

OPORTO, S. G. *La Buena Noticia de Jesús. Introducción a los Evangelios Sinópticos y a los Hechos de los Apóstoles*. Madrid: Atenas, 1987.

_____, (Dir. e Coord.). *El autentico Rostro de Jesús – Guia para uma lectura comunitaria del Evangelio de Marcos*. Navarra: Verbo Divino, 1996. (Casa de la Biblia).

PERAL, L. A. M. *Tras las Huellas de Jesús*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2006.

PESCH, R. *Commentario Teologico del Nuovo Testamento: Il Vangelo di Marcos*. Brescia: Paideia, v. 1 e 2, 1982.

PILCH, J. J. Blindness. In: SAKENFELD, K. D. *The New Interpreter's Dictionary of the Bible A-C*. Nashville: Abingdon Press, v. 1, 2006, p. 480-481.

PIKAZA, X. *Para vivir el Evangelio – Lectura de Marcos*. Navarra: Verbo Divino, 1997.

PUERTO, M. N. *Marcos*. Navarra: Verbo Divino, 2006.

RADERMAKERS, J. *La bonne nouvelle de Jésus selon Saint Marc*. Bruxelles: Institut d'Etudes Theologiques, 1974, v. 2.

RHOADS, D.; DEWEY, J.; MICHIE, D. *Marcos como relato*. Salamanca: Sígueme, 2002, v. 104. (Biblioteca de Estudios Bíblicos).

ROBBINS, V. K. The healing of blind Bartimaeus (10:46-52) in the Marcan Theology. *Journal of Biblical Literature*, v. 92, p. 224-243, 1973.

RODENAS, A. La entrada de Jesús en Jericó (Mc 10,46). *Naturaleza e Gratia*, v. XXII, p. 225-264, 1975.

SCHALLER, B. Fiesta, In: COENEN, L.; BEYREUTHER, E.; BIETENHARD, H. *Diccionario Teologico del Nuevo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 1990, v.II, p.194.

SCHLUMBERGER, S. Péripes le récit de La foi de Bartimée (Marc 10/46-52). *Études Théologiques et Religieuses*, Montpellier, 1993, v. 68, n° 1, p. 73-81.

SCHMID, J. *El Evangelio según San Marcos*. Barcelona: Herder, 1967.

SCHNACKENBURG, R. *O Evangelho Segundo Marcos*. Rio Janeiro: Vozes, 1971-1974, v. 2. (Novo Testamento Comentário e Mensagem).

STANDAERT, B. *Il Vangelo secondo Marco*. Roma: Borla, 1983.

SUGGIT, J. N. Bartimaeus and Christian Discipleship (Mark 10:46-52). *Journal of Theology for Southern Africa*, Rondesbosch, nº 74, p. 57-63, 1991.

STEINHAUSER, M. G., The form of the Bartimaeus Narrative (Mark 10.46-52). *New Testament Studies*, v. XXXII, p. 583-592, 1986.

STOFFEL, E. L. An exposition of Mark 10:46-52. *Interpretation* 30, p. 288-292, 1976.

SWETE, H. B. *Commentary on Mark*. Grand Rapids: Kregel Publications, 1977.

TAYLOR, V. *Evangelio según San Marcos*. Madrid: Cristandad, 1980.

TROCMÉ, E. *L'Evangile selon Saint Marc*. Gênevê, Paris: Labor et Fides Editors, 2000.

WILKINS, M. J. Disciples. In: GREEN, B; MCKNIGHT, S. *Dictionary of Jesus and the Gospels*. Leicester, England: Intervarsity Press, 1992, p. 176-182.

_____, Discipleship In: GREEN, B; MCKNIGHT, S. *Dictionary of Jesus and the Gospels*. Leicester, England: Intervarsity Press, 1992, p.182-188.

WITHERINGTON III, B. *The Gospel of Mark – A socio-rhetorical commentary*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 2001.

VITÓRIO, J. A Narratividade do livro de Rute. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis: Vozes, nº 98, p. 85-106, 2008.

3. Bibliografia Secundária

AGUIRRE, R. Estudo Histórico-Crítico. In: AGUIRRE, R. (org.). *Os milagres de Jesus – perspectivas metodológicas pluraes*. São Paulo: Loyola, 2009, nº 54, p. 213-231. (Coleção Bíblica Loyola).

AZEVEDO, W. O. *Comunidade e missão no Evangelho de Marcos*. São Paulo: Loyola, 2002.

_____, Uma leitura do Evangelho de Marcos – A força pedagógica da articulação global do Evangelho de Marcos. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, nº 22, p. 23-30, 1989.

BABUT, J. M. *Actualité de Marc*. Paris: Cerf, 2002, nº 126. (Lire la Bible).

_____, *Pour lire Marc*. Mots et thèmes. Paris: Cerf, 2004.

BARTOLOMÉ, J. J. *El Evangelio y Jesús de Nazaret – Manual para el estudio de la Tradición evangélica*. Madrid: CCS, 1995.

_____, El Discipulado de Jesús en Marcos. *Estudios Bíblicos*, v. 51, nº 4, p. 511-530, 1993.

_____, Resenha da pesquisa crítica sobre os milagres de Jesus. In: AGUIRRE, R. (org.). *Os Milagres de Jesus – Perspectivas metodológicas Plurais*. São Paulo: Loyola, 2009, nº 54, p. 13-50. (Coleção Bíblica Loyola).

BECK, T; BENEDETTI, U.; BRAMBILLASCA, G; CLERICI, F.; FAUSTI, S. *Una comunidad lee el Evangelio de Marcos*. Bogotá: San Pablo, 2006.

BEINERT, W. ¿Qué es un milagro?. *Selecciones de Teología*, v. 45, nº 179, p. 219-229, 2006.

BELLOSO, J. M. R. *Jesús, el Mesías de Dios: una teología para unir conocimiento, afecto y vida*. Salamanca: Sígueme, 2005.

BEST, E. *Disciples and discipleship. Studies in the Gospel according to Mark*. Edinburgh: T&T. Clark Ltd, 1986.

BETTENCOURT, E. *Para entender os evangelhos*. Rio Janeiro: Livraria Agir, 1960.

BONHOEFFER, D. *Discipulado*. S. Leopoldo: Sinodal, 1980.

BONNEAU, G. *San Marcos – Nuevas Lecturas*. Navarra: Verbo Divino, 2003, nº 117. (Cuadernos Bíblicos).

BOOMERSHINE, T. E. Bartimeus (Mark 10:46-52). *Story Journey: An Invitation to the Gospel as Storytelling*, 1988, p.69-79. Disponível em: <<http://tomboomershine.org/writings/StoryJourney/7Bartimaeus.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2009.

BRAVO, C. *Galiléia ano 30 – para ler o Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1996.

_____, *Jesus Homem em Conflito*. São Paulo; Paulinas, 1997.

BRUEGGEMANN, W. Theological Education: Healing a blind beggar. Disponível em: <<http://www.religion-online.org/showarticle.asp?title=993>>. Acesso em: 20 set.2009.

CABA, J. *El Jesús de los Evangelios*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1977.

CAMPOS, D. F. de. Quem é Jesus. *Revista de Cultura Bíblica*, São Paulo: Loyola, v. XXI, nº 81/82, p. 1333-138, 1997.

CARDEDAL, O. G. de. *Cristología*. Madrid: BAC, 2001. (Sapientia Fidei, Serie de Manuales de Teología).

CARMONA, A. R. *Evangelio de Marcos*. Sevilla: Desclée De Brouwer, 2006.

_____, *Predicación del Evangelio de San Marcos – Guia para la lectura y predicación*. Madrid: Edice, 1987.

CARREIRA DAS NEVES, J. *Jesus Cristo História e Fé*. Braga: Editorial Franciscana, 1989.

_____, *Evangelhos Sinópticos*. Lisboa: Universidade Católica, 2004.

CASTILLO, J. M. *Teologia para comunidades*. Madrid: Paulinas, 1990.

CHARPENTIER, E. Milagres? In: Vários. *Os Milagres no Evangelho*. Lisboa: Difusora Bíblica, 1986, nº 20. (Cadernos Bíblicos).

COLAVECCHIO, R. L. *O Caminho do Filho de Deus – Contemplando Jesus no Evangelho de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 2005.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Caminhamos na estrada de Jesus*. O Evangelho de Marcos. São Paulo: Paulinas, 1996.

CORREIA JÚNIOR, J. L. A Pedagogia da Missão – Uma reflexão a partir de Marcos. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, nº 64, p. 66-77, 1999.

COUNTRYMAN, L. W. M. How many baskets full? Mark 8:14-21 and the value of Miracles in Mark. *The Catholic Biblical Quarterly*, v. 47, nº 4, p. 643-655, 1985.

DE LA CALLE, F. *A Teologia de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1978.

DÍAZ, J. A. E. Las relaciones Jesús-Pueblo-Discípulos en el evangelio de Marcos”. *Estudios Eclesiásticos*, v. 54, nº 209, p. 151-170, 1979.

DI SANTE, C. *Liturgia Judaica – Fontes, Estrutura, Orações e Festas*. São Paulo: Paulus, 2004.

EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1994, nº 12. (Coleção Bíblica Loyola).

ESTÉVEZ, E. Salir, ver, acercarse... Jesús, la misericordia entrañable. *Sal Terrae. Revista de Teología Pastoral*, nº 1-6, p. 419-435, 2000.

FÉLIX, P. de M. Títulos de Jesus no Evangelho de Marcos. *Revista de Cultura Bíblica*, São Paulo: Loyola, v. XXI, nº 81/82, p. 110-116, 1997.

FORTE, B. *Jesus de Nazaré – História de Deus, Deus da História*. São Paulo: Paulinas, 1985.

FRADES, E. P. A práctica de la misericordia de Jesús. *Iter*, v. 13, nº 29, p. 123-154, 2002.

FRANCE, R.T. *The Gospel of Mark*. USA: I.Howard Marshall, Donald A. Hagner, 2002.

GALIZZI, M. *Evangelio según Marcos*. Comentario exegético-espiritual Madrid: San Pablo, 2007.

GONZALEZ FAUS, J. I. *Clamor del Reino: Estudio sobre los milagros de Jesús*. Salamanca: Sígueme, 1982.

GOPEGUI, J. A. R. de. *Experiência de Deus e Catequese Narrativa*. São Paulo: Loyola, 2010. (Coleção Theologica).

_____, O Evangelho de Marcos: um roteiro inspirador para a catequese. *Perspectiva Teológica*, v. 14, nº 34, p. 279-300, 1982.

_____, Começo do Evangelho de Jesus Cristo segundo Marcos – Tradução literal do grego com estruturação do texto. FAJE 2010. Disponível em: <<http://www.faculdadejesuita.edu.br/admin/arquivos/Textos%20McCompleto%20GR2>>. Acesso em: 14 mar. 2010.

_____, Notas introdutórias ao evangelho de Marcos. Disponível em: <<http://www.faculdadejesuita.edu.br/admin/arquivos/Notas%20introdutórias%20ao%20Evangelho%20de%20Marcos>>. Acesso em: 14 mar. 2010.

_____, Evangelho de Marcos: Prólogo (1,1-15) <<http://www.faculdadejesuita.edu.br/admin/arquivos/Prólogo%20de%20Marcos%20PG2010>>. Acesso em: 14 mar. 2010.

_____, O Evangelho de Marcos: Subsídios para o estudo <<http://www.faculdadejesuita.edu.br/admin/arquivos/Marcos%20Subsídios%20o%20Estudo.pdf-WindowsInternetExploret>>. Acesso em: 5 abr. 2010.

_____, Evangelho de Marcos: Primeira Parte (1,16 – 3,6). Disponível em: <<http://www.faculdadejesuita.edu.br/admin/arquivos/Anotações%20a%20Marcos%201,16-3,6.PDF-WindowsInternetExploret>>. Acesso em: 14 mar. 2010.

_____, Manifestação messiânica de Jesus no Templo de Jerusalém. Disponível em: <<http://www.faculdadejesuita.edu.br/admin/arquivos/Anotações%20a%20Marcos%2011%20e%2012.PDF-WindowsInternetExploret>>. Acesso em: 10 maio. 2010.

GOPPELT, L. *Teologia do Novo Testamento*. S. Leopoldo; Petrópolis: Sinodal; Vozes, 1976, v. I.

GUNDRY, R. H. *Panorama do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2007.

HANCCO, H. D. T. *O Grito e a Escuta: uma análise literária e teológica de Mc 10,46-52*. Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, Curso de Pós-Graduação em Teologia, São Paulo, 2006.

HUBY, J. *Évangile selon Saint Marc*. Paris: Beauchesne et ses fils, 1948 (Verbum Salutis II).

IRIARTE, J. L. Perspectivas Cristológicas de Marcos. *Revista de Cultura Bíblica*, São Paulo: Loyola, v. XXI, nº 81/82, p. 117-123, 1997.

KONINGS, J. *Marcos*. São Paulo: Loyola, 1994. (Bíblia Passo a Passo).

LAGRANGE, P. M.-J. *Évangile selon Saint Marc*. Paris: J. Gabalda et Cie, 1966.

LAMARCHE, P. Los Milagros de Jesús según Marcos. In: LÉON-DUFOUR, X. (ed.). *Los Milagros de Jesús según el Nuevo Testamento*. Madrid: Cristiandad, 1986, p. 207-219.

LANCELOTTI, A.; URICCHIO, F. *O Evangelho querigmático segundo Marcos*. Petrópolis: Vozes, 1977.

LÉONARD, P. Evangelio de Jesucristo según San Marcos. Navarra: Verbo Divino, 2007, nº133. (Cuadernos Bíblicos).

LÉON-DUFOUR, X. *Los Evangelios y la Historia de Jesús*. Madrid: Cristiandad, 1982.

_____, Estrutura y función del relato de milagro. In: LÉON-DUFOUR, X. (ed.). *Los Milagros de Jesús según el Nuevo Testamento*. Madrid: Cristiandad, 1986, p. 277-335.

MALBON, E. S. Disciples/Crowds/Whoever: Markan Characters and Readers. *Novum Testamentum*, v. 28, fasc. 2, p. 104-130, apr. 1986.

MARTINS TERRA, J. E. Cristo no Evangelho de Marcos. *Revista de Cultura Bíblica*, v. XXI, nº 81/82, p. 3-18, 1997.

_____, O Segredo Messiânico. *Revista de Cultura Bíblica*, São Paulo: Loyola, v. XXI, nº 81/82, p. 19-24, 1997.

MARSHALL, I. H. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2007.

MATEOS, J.; CAMACHO, F. *Evangelho – Figuras e Símbolos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

MEIER, J. P. *Un Judío Marginal – Nueva visión del Jesús histórico*. Los Milagros. Navarra: Verbo Divino, 2000, Tomo II/2.

MESTERS, C. *En camino con Jesús*. Lectura del Evangelio de Marcos. Navarra: Verbo Divino, 1997.

_____, A pessoa de Jesus Cristo. Petrópolis: Vozes, 1973, Círculos Bíblicos, suplemento 4.

_____, O Cego Bartimeu. *ITAICI, Revista de Espiritualidade Inaciana*. São Paulo, nº. 59, p. 89-92, mar. 2005.

_____, A prática libertadora de Jesus. Disponível em: <cijpoc@ocarm.org>. Acesso em: 7 mar. 2009.

MINETTE de TILLESSE, C. *Revista Bíblica Brasileira*. Fortaleza: Nova Jerusalém, nº 1-2 (nº especial), 1992.

MIRALLES, J. Notas para una lectura del Evangelio de Marcos. *Selecciones de Teología*, v. 15, nº 58, p. 119-126, 1976.

MULHOLLAND, D. M. *Marcos, introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2007.

NASCIMENTO, A. L. Esquema cristológico de Marcos. *Revista de Cultura Bíblica*, v. XXI, nº 81/82, p. 124-132, 1997.

NINEHAM, D. E. *The Gospel of St. Mark*. London: Penguin Books Ltd, 1972.

NOLLI, G. *Evangelo second Marco*. Roma: Agenzia Libro Cattolico, 1978.

OJEA, G. P. *El Evangelio de Marcos – del Cristo de la fe al Jesús de la historia*. Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 1994.

OPORTO, S. G.. Relatos de cura e antropologia médica. Uma leitura de Mc 10,46-52. In: AGUIRRE, R. (org.). *Os Milagres de Jesus – Perspectivas metodológicas Plurais*. São Paulo: Loyola, 2009, nº 54, p. 249-269. (Coleção Bíblica Loyola).

PAGOLA, J. A. *Jesús de Nazaret – El hombre e su mensaje*. San Sebastian: Datz, 1984.

PALACIO, C. *Jesus Cristo: História e interpretação*. São Paulo: Loyola, 1979, v. VI. (Coleção Fé e Realidade).

_____. *Historia y kerygma: el lugar teológico de la cuestión histórica de Jesús, según Eduard Schweizer*. Roma: Pontificia Universitas Gregoriana, 1975.

PALLARES, J. C. *El poder de Jesus el carpintero*. México: Casa Unida de Publicaciones, 1983.

PELÁEZ, J. La praxis curativa de Jesús en el evangelio de Marcos. *Revista Éxodo*, nº 56, p. 37-42, Noviembre-Diciembre 2000.

PERÓN, J. P. El lenguaje de Jesús en el Evangelio de Marcos. *ITER: Revista de Teología*, Caracas, nº 1, p. 23-37, 1992.

PERROT, C. *Jesus y la Historia*. Madrid: Cristiandad, 1982.

POHL, A. *O Evangelho de Marcos – Comentário Esperança*. Curitiba: Evangélica Esperança, 1998.

RILEY, H. *The making of Mark. An exploration*. Macon, Georgia, USA: Mercer University Press, 1989.

RIUS-CAMPS, J. A cura do cego Bartimeu (Mc 10,46-52) – Análise Narrativa. In: AGUIRRE, R. (org.). *Os Milagres de Jesus – Perspectivas metodológicas Plurais*. São Paulo: Loyola, 2009, nº 54, p. 233-248. (Coleção Bíblica Loyola).

RUNACHER, C. *Saint Marc*. Paris: Atelier, 2001.

SANTOS, G. R. dos. Retalhos da Cristologia de Marcos. *Revista de Cultura Bíblica*, São Paulo: Loyola, v. XXI, nº 81/82, p. 101-109, 1997.

SCHILLEBEECKX, E. *Jesús. La historia de un viviente*. Madrid: Trotta, 2002.

SCHOKEL, L. A. *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002.

SCHWEIZER, E. *Il Vangelo secondo Marco*. Brescia: Paideia, 1971.

SESBOÜÉ, B. *Pedagogia do Cristo – Elementos de cristologia fundamental*. São Paulo: Paulinas, 1997.

SICRE, J. L. *Um encontro fascinante com Jesus – Introdução aos Evangelhos*. São Paulo: Paulinas, 2000.

SILVA, A. J. O relato de uma prática – Roteiro para uma leitura de Marcos. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, nº 22, p. 11-21, 1989.

SIMIAN-YOFRE, H. *Metodologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2000, nº 28. (Coleção Bíblica Loyola).

SLOYAN, G. S. *Evangelho de Marcos*. S. Paulo: Paulinas, 1975.

_____, *The Gospel of Saint Mark*. Collegeville: Liturgical, 1960. (New Testament Reading, Guide, 2).

SOARES, S. A. G.; CORREIA JÚNIOR, J. L. *Evangelho de Marcos*. Refazer a Casa. Petrópolis: Vozes, v. 1-8, 2002. (Comentário Bíblico).

SWIFT, C. E. G. Marcos. In: DAVIDSON, F. (org.). *O Novo Comentário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 2007.

TELFORD, W. R. *The theology of the Gospel of Mark*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. (New Testament Theology).

TELLO, C. C. Estrutura Literaria y Teologia del Evangelio de Marcos. *Revista Teologica Limense*, v. X, nº 1, p. 31-48, enero-abr. 1976.

TROCMÉ, E. *Jesús de Nazaret visto por los testigos de su vida*. Barcelona: Herder, 1974.

TUYA, M. de. *Bíblia Comentada: Evangelhos*. Madrid: Bac, 1977.

TYSON, J. B. The Blindness of the Disciples in Mark. *Journal of Biblical Literature*, p. 261-268, 1961.

URICCHIO, F. M.; STANO, C. M. *Vangelo secondo san Marco*. Roma: Marietti Editori Ltd, 1965. (La Sacra Biblia).

VAAGE, L. E. En otra casa: El Discipulado en Marcos como ascetismo doméstico. *Estudios Bíblicos*, v. 63, nº 1, p. 21-42, 2005.

XAVIER, A. O Caminho do Seguimento. *Revista de Cultura Bíblica*, São Paulo: Loyola, v. XXI, nº 81/82, p. 94-100, 1997.

PIKAZA, X. Jesús y los enfermos en el Evangelio de Marcos. *Estudios Trinitários*, Salamanca, v. 30, nº 2, p. 151-168, 1996.

WENZEL, J. I. *Pedagogia de Jesus Segundo Marcos*. São Paulo: Loyola, 1997.